

UNIVERZITA PALACKÉHO V OLOMOUCI

FILOZOFICKÁ FAKULTA

Katedra romanistiky

**USO DOS DIALETOS ITALIANOS NOS MUNICÍPIOS
DE NOVA TRENTO E NOVA VENEZA,
SANTA CATARINA, BRASIL**

DISERTAČNÍ PRÁCE

Mgr. JANA ŠARNÍKOVÁ

Školitelka:

Prof. Mgr. Lic. Lenka Zajícová, Ph.D.

Olomouc 2022

Declaração:

Declaro que elaborei a minha tese de doutorado sozinha apontando todas as fontes utilizadas na parte das referências bibliográficas.

Olomouc, a 30 de março de 2022

.....

Assinatura

Agradecimento

Gostaria muito de agradecer a minha orientadora Prof. Mgr. Lic. Lenka Zajícová, Ph.D., pela orientação da minha tese, pelas sugestões, materiais e inspiração úteis. Agradeço a sua paciência e apoio que me deu durante todo o meu doutoramento. Meus agradecimentos também vão aos habitantes de Nova Trento e Nova Veneza que participaram da minha pesquisa, que me ajudaram com a coleta de dados, coleta de questionários e que compartilharam comigo as suas memórias e lembranças do passado. Sem ajuda deles a minha pesquisa teria sido muito difícil. Aprecio muito a confiança que ganhei durante a pesquisa de campo da parte de todos os entrevistados.

Depois da minha chegada a Florianópolis em Santa Catarina eu só possuía informações sobre dialetos italianos usados no oeste de Santa Catarina, as informações sobre as cidades italianas localizadas no leste do estado não estavam disponíveis. A primeira pessoa que me abriu o caminho para Nova Trento foi Adriana Sartori e Misael Dalbosco que me explicaram a história do dialeto falado em Nova Trento. Misael Dalbosco também traduziu o texto do *talian* para o dialeto trentino para eu poder incluir a parte da compreensão dos dialetos nos questionários. Agradeço muito a ajuda da família Sartori que me acolheu e me ajudou a conhecer a cidade e começar a minha pesquisa. Agradeço também a família Maffezoli Raiser que me recebeu calorosamente e Jonas Cadorin que me dedicou seu tempo para me apresentar uma visão completa da cidade. Um agradecimento especial vai a Cristina Adami que me acolheu e me acompanhava durante a minha pesquisa de campo e junto com a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Nova Trento me ajudou muito com a coleta dos questionários, com as informações úteis sobre a história da cidade e com os materiais muito úteis. Agradeço também a ajuda do Luiz Antonio Gandin que estava à minha disposição no caso de qualquer dúvida e Eluísio Voltolini que me dedicou o seu tempo.

A minha pesquisa em Nova Veneza foi iniciada com a ajuda da família Colombo, que me recebeu e me ajudou com a coleta dos primeiros questionários. O meu trabalho foi realizado principalmente graças à ajuda da família Gava Ghislandi que me acolheu com todo amor e disposição para me ajudar. Agradeço o querido Mário Moro que passou horas comigo contando suas memórias e lembranças e me ajudou com os materiais necessários. Agradeço muito a filha dele, Simone Moro Perreira, que também me dedicou seu tempo e ajudou com traduções do dialeto vêneto para o português. Agradeço também a ajuda da Secretaria da Cultura, Esporte e Turismo de Nova Veneza. O agradecimento

especial vai a Nani Gava que me acompanhava durante o trabalho de campo e que me dedicou um tempo enorme para conseguir dados necessários para o meu trabalho. Agradeço minhas queridas amigas Suelen Pacheco Mazzucco e Edilene Waterkemper por terem me apresentado a história da cidade e dos primeiros imigrantes italianos chegados. Fico muito grata pelo tempo dedicado por Nicola Gava que me explicou a história de Nova Veneza e a cultura vêneta.

Não é possível mencionar todas as pessoas, mas um agradecimento enorme vai a todos que participaram do meu caminho de doutoramento, a todas as pessoas que eu conheci em Nova Trento, Nova Veneza e Florianópolis. Muitas dessas pessoas sempre ficaram à minha disposição durante o processo da pesquisa e também durante o processo de escritura da tese. No caso de qualquer dúvida eu podia contar com a ajuda deles. Agradeço muito a ajuda de Valdete Trainotti que colaborou comigo na coleta dos questionários. Agradeço também a ajuda de Leandro Ghislandi e Cindy Maffezoli Dalbosco que estavam sempre dispostos a esclarecer minhas dúvidas. Agradeço muito Fernando Santos Costa pela revisão linguística do meu trabalho.

A minha pesquisa tal como o meu trabalho de campo e a tese foram feitos com a ajuda financeira dos projetos IGA na Faculdade de Letras da Universidade Palacký em Olomouc, nomeadamente IGA_FF_2015_027 *Románské jazyky a literatury v kontaktu, kontextu a kontrastu* e IGA_FF_2017_043 *Románské jazyky a literatury: mezi konfliktem a dialogem*.

Eu gostaria de dedicar a minha tese à memória de Inês Tomasi Raiser de Nova Trento que faleceu dia 31 de maio de 2018. A conversa com esta senhora me ajudou a criar uma visão de que como a vida dos imigrantes italianos foi difícil e perceber o orgulho nacional dos Tiroleses vindos para o Brasil. Adorei o amor dela pelo Tirol, sua pátria, e seu jeito e a alegria quando podia falar sobre seus antepassados.

Conteúdo

Introdução	8
1 Contexto histórico da emigração italiana	14
1.1 História breve da emigração italiana desde o século XVIII	14
1.2 Primeiros passos para Grande emigração	15
1.3 Motivos para emigração	17
1.4 Identidade nacional dos primeiros imigrantes italianos	19
1.4.1 Região do Trentino.....	20
1.4.1.1 Cidadania italiana para os descendentes trentinos	20
1.4.2 Região vêneta	22
2 Imigração no Brasil	24
2.1 Imigração italiana no Brasil	25
2.2 Imigração organizada	27
2.3 Situação no Brasil no período da chegada dos imigrantes italianos.....	28
2.3.1 Imigração e o fim do tráfico negreiro.....	30
2.4 Primeiros contatos dos imigrantes com a nova terra	31
2.5 Emigração italiana após Primeira Guerra Mundial	33
2.6 Emigração italiana e Segunda Guerra Mundial	35
2.7 Consciência nacional dos italianos	36
2.8 Dialeto italiano	37
2.8.1 Dialeto vêneta e trentino	38
2.9 Política linguística no Brasil.....	40
3 Comunidades italianas no sul do Brasil	42
3.1 Imigrantes italianos em Santa Catarina	43
3.2 Município de Nova Trento	45
3.2.1 Da colônia tiroleza até a colônia italiana.....	47
3.3 Município de Nova Veneza	48
3.4 Associações, escolas e jornais italianos.....	50
3.5 A vida cotidiana dos imigrantes italianos.....	51
3.6 Festas e tradições	53

4	Metodologia e análise da situação sociolinguística dos municípios	55
4.1	Seleção de amostra representativa e delimitação da área de pesquisa	55
4.2	Métodos sociolinguísticos usados na pesquisa de campo	56
4.2.1	Nomeação de variedades italianas.....	58
4.2.2	Coleta de dados	59
4.3	Fatores sociais.....	60
4.3.1	Idade, localização de bairro e nível de educação	60
4.3.2	Gênero, classe social e profissão.....	62
4.4	Divisão administrativa de Nova Trento.....	63
4.4.1	Centro urbano de Nova Trento.....	65
4.4.2	Localidades do interior.....	75
4.4.3	Tabelas dos dados coletados em Nova Trento	79
4.5	Divisão administrativa de Nova Veneza	81
4.5.1	Centro urbano de Nova Veneza	82
4.5.2	Bairros localizados no interior	87
4.5.3	Bairros com pequena minoria de descendentes italianos	89
4.5.4	Distritos de São Bento Baixo e Caravaggio	90
4.5.5	Tabelas dos dados coletados em Nova Veneza	91
4.6	Comparação dos dados coletados em Nova Trento e Nova Veneza	93
5	Preferências linguísticas em Nova Trento e Nova Veneza	96
5.1	Preservação dos dialetos italianos no sul do Brasil.....	97
5.2	Dialetos trentino e vêneto na situação de bilinguismo e diglossia	98
5.2.1	Prestígio linguístico dos dialetos italianos.....	99
5.2.2	Compreensão dos dialetos trentino e vêneto	102
5.3	Multilinguismo nas comunidades italianas	104
5.3.1	Posição do italiano gramatical	105
5.3.2	Italiano oficial no sistema escolar brasileiro	106
5.3.3	Entre o dialeto e italiano gramatical	107
5.3.4	Compreensão do italiano gramatical	111
5.4	Code switching e code mixing nas comunidades italianas	112
5.4.1	Code switching em Nova Trento.....	113

5.4.2	Code switching e code mixing em Nova Veneza	114
5.4.3	Mistura de códigos como realidade cotidiana	116
5.5	Futuro dos dialetos trentino e vêneto	118
Conclusão	121
Resumo em eslovaco	127
Resumo em inglês	129
Anotação em português	130
Anotação em eslovaco	132
Bibliografia	134
Anexos	140

Introdução

O Brasil é caracterizado por uma composição populacional muito diversificada, composta por tribos indígenas, descendentes de escravos africanos, colonizadores portugueses e imigrantes. O sul do Brasil, principalmente os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, é reconhecido por uma forte minoria de imigrantes italianos e alemães que vieram para o Brasil procurando melhores condições de vida. Os imigrantes não trouxeram consigo somente lembranças dolorosas de seu país de origem, mas também tradições, cultura e línguas, únicas coisas que poderiam transmitir para seus filhos.

Na virada do século XIX e XX, a situação linguística e étnica no Brasil foi muito turbulenta. Durante este período, marcado pela crise econômica e política no Império Austro-Húngaro, muitos imigrantes austríacos, alemães e italianos deixaram a Europa e foram para o Brasil, especialmente para os estados do Paraná, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Apesar de grandes dificuldades após a chegada a um país desconhecido e tão diferente da pátria, os imigrantes começaram a colonizar uma grande parte do sul brasileiro.

Apesar do Brasil ser um país multiétnico, no início os imigrantes não foram bem recebidos. A sociedade brasileira nem sempre aceitava a presença dos imigrantes que, por muitas décadas e com seus descendentes já nascidos no Brasil, eram considerados só imigrantes. Os imigrantes recém-chegados começaram a se adaptar aos padrões da cultura e do comportamento dos brasileiros o que resultou na perda gradual da cultura, dos costumes e valores dos imigrados. Apesar deste esforço, a integração demorou muito tempo. A assimilação dos imigrantes pela sociedade brasileira foi muito lenta, entre outros fatores também causada pela incapacidade de dominar a língua portuguesa.

As comunidades de imigrantes desde a sua chegada passaram por um desenvolvimento gradual em relação aos costumes e às suas línguas nativas. A partir do período da proibição de uso de línguas de imigrantes durante o governo de Getúlio Vargas, algumas comunidades começaram a usar exclusivamente o português, mas outras, apesar da discriminação social no passado, conseguiram manter suas línguas até hoje, deixando uma herança muito valiosa para novas gerações. A preservação das línguas de imigrantes me inspirou a fazer a pesquisa focada na situação sociolinguística nas comunidades dos imigrantes europeus no Brasil, especificamente nas comunidades italianas situadas no sul do Brasil.

Os imigrantes italianos tentavam escolher um país parecido à sua terra natal, por isso a maioria dos camponeses do norte da Itália se dirigiu para o Brasil que foi descrito como um país rico em terras. Os estados brasileiros que absorveram a maioria dos primeiros camponeses italianos foram o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, devido à oferta de terras. Em seguida, uma parte grande dos imigrantes italianos como camponeses e comerciantes, se instalaram também no estado de São Paulo. Além de habilidades agrícolas, os imigrantes italianos trouxeram seus dialetos, dos quais os mais difundidos eram os dialetos vêneto, trentino, friulano, trevisano e bergamasco. O uso dos dialetos italianos resultou também em uma posição de prestígio do italiano padrão, ou seja, italiano oficial, na região sulista mesmo sendo diferente dos dialetos vindos com primeiros imigrantes italianos.

A pesquisa foi realizada em duas comunidades italianas em Santa Catarina, no município de Nova Trento, localizado na parte norte do estado, e no município de Nova Veneza, localizado no sul. Estes dois municípios são também chamados de cidades, por isso acho importante explicar a diferença. O município apresenta uma divisão específica de um território que abrange uma área urbana, ou seja, bairros do centro, e também uma área rural, ou seja bairros do interior, e é governado pela prefeitura enquanto sob o termo de cidade entendemos principalmente a área urbana de um município. Os habitantes dos dois municípios usam os dois nomes como sinônimos, mas no meu trabalho prefiro usar o termo município. Optei por estes dois municípios por causa da existência de variantes linguísticas baseadas em língua italiana, por sua localização acessível e também por causa de um certo simbolismo de nomes. Apesar do fato de que em estas comunidades existem duas variantes linguísticas diferentes, *trentino* em Nova Trento e *vêneto* em Nova Veneza, estas são muito parecidas e compreensíveis para a maioria de seus usuários.

As línguas dos imigrantes italianos, que chegaram para o Brasil, nasceram do latim em uma época em que o latim já não era mais utilizado, mas ao mesmo tempo as línguas descendentes do latim mesmo não sendo línguas oficiais, eram línguas que caracterizavam a sua população. Quanto à denominação destas línguas trazidas, é difícil definir um nome próprio que seja aceito por todos os linguistas. Como durante o período da Grande emigração ainda não existia a língua italiana e no território atual da Itália se usavam vários dialetos, o nome mais usado por falantes de essas línguas é *dialeto*. Do ponto de vista histórico, o termo *dialeto*, ou seja, *dialeto italiano*, é correto porque na época da chegada dos imigrantes italianos para o Brasil, no território italiano de hoje se usavam vários dialetos. Mesmo que as línguas oficiais tenham

surgido de dialetos e na época da chegada dos dialetos italianos para o Brasil o italiano oficial ainda não existisse, o termo *dialeto* como variedade da mesma língua não é geralmente aceito por todos os linguistas por ser muito apontado e muitas vezes pode evocar um código linguístico de menor prestígio social. Para evitar os termos linguísticos marcados, a maioria dos linguistas preferem usar o termo *variedade linguística* que é um termo mais neutro.¹ Na minha tese vou usar as duas denominações como sinônimos, ou seja, *dialeto* e também *variedade linguística*.

Os dois municípios foram construídos no espaço da antiga mata virgem, por esta razão abrangem um território grande. A distribuição dos bairros é muito desigual, às vezes é difícil definir a fronteira de onde termina um bairro e começa o outro. O desenvolvimento dos bairros tem a ver com a distribuição dos imigrantes italianos, ou seja, com a origem deles, os que chegaram da mesma região da Itália, se instalaram em um bairro ou criaram vários bairros localizados perto um de outro. Os grupos de imigrantes minoritários se instalaram muitas vezes longe do centro ou no interior onde criaram suas próprias colônias. As ruas dos bairros muitas vezes receberam nomes das famílias mais numerosas. Para valorizar os antepassados, nas duas cidades a rua principal recebeu o nome de Rua dos Imigrantes.

Durante a minha pesquisa enfrentei várias dificuldades, tanto no processo inicial de coleta de informações como no processo da pesquisa de campo. Informações gerais sobre comunidades italianas em Santa Catarina que podem ser encontradas na Internet são muito limitadas, são principalmente as referências das cidades maiores situadas no oeste do estado, ou seja, Concórdia, Joaçaba, Chapecó ou Caçador. Referências das comunidades menores não são tão difundidas, por isso consegui mais dados sobre comunidades italianas somente após a chegada para Santa Catarina sendo ajudada pela população local.

A realização do trabalho de campo foi muito difícil porque nem em Nova Trento, nem em Nova Veneza opera o serviço de transporte público e a distância entre os bairros que ficam no interior pode ser mais de dez quilômetros do centro urbano, alguns bairros ficam até mais de vinte e cinco quilômetros longe do centro urbano. Por isso no início fui dependente das pessoas que me levavam aos bairros distantes de carro, depois aluguei um carro para poder me locomover sozinha. Mas mesmo assim muitas vezes a intervenção de pessoas conhecidas

¹ LÓPEZ MORALES, *Sociolingüística*, p. 40-42.

e amigos foi necessária, principalmente em partes do interior muito afastadas onde os moradores não me conheciam.

Outra dificuldade foi a falta de dados populacionais por cada bairro. Em Nova Trento consegui um mapa, então segundo o tamanho de bairro e a infraestrutura construída ajustei a quantidade de respondentes. Quanto a Nova Veneza, lá eu consegui o número de habitantes dos quatro maiores bairros onde coletei a maioria dos questionários, nos bairros do interior coletei o maior número possível dos questionários com respeito a distância, a possibilidade de chegar lá e ao número de casas. Devido à falta dos materiais escritos sobre a população e os bairros, a ajuda dos habitantes locais foi mais que bem-vinda, a observação dos habitantes e as conversas com eles me ajudaram muito a perceber a situação atual.

Denominações dos dialetos usados nas duas comunidades foram variáveis que complicou a compreensão de questões nos questionários. Enquanto em Nova Trento se usam nomes de *talian* ou *trentino*, em Nova Veneza se usam nomes de *vêneto* ou *italiano*, mas nos dois municípios é também usado o termo *dialeto*. Para evitar mal-entendidos, durante a pesquisa de campo e também na minha tese de doutorado lido principalmente com o termo *dialeto*. O dialeto vêneto não é usado somente em Santa Catarina, mas também no estado do Rio Grande do Sul, onde é oficialmente chamado de *talian*, *vêneto brasileiro* ou *vêneto riograndense* e tem status de língua co-oficial em vários municípios no sul do Brasil. Mencionar as denominações usadas para a língua italiana por falantes de dialetos italianos é também importante. O italiano, ou seja, italiano padrão ou italiano oficial é muitas vezes denominado pelos habitantes como *italiano gramatical* ou *italiano da Itália*, no meu trabalho uso principalmente denominações *italiano padrão* e *italiano oficial*.

Para criar o referencial teórico e a metodologia de pesquisa do meu trabalho, serviram, entre outras, principalmente as obras sociolinguísticas de William Labov, Francisco Moreno Fernández, Penelope Eckert, Lesley Milroy e Gordon Matthew. Estas obras me ajudaram a formar os questionários, especificar os pontos-chave e interpretar os dados coletados. Na parte prática de pesquisa fiquei inspirada por várias obras que descreviam pesquisas parecidas de comunidades italianas no Brasil como o trabalho de Elizete Aparecida de Marco ou Everton Altmayer Leopoldino. O ramo sócio-histórico foi feito principalmente graças às obras da literatura profissional como as de Walter Fernando Piazza, Anna Rosa Campagnano Bigazzi e João Leonir Dall'alba, mas também por memórias e histórias contadas por descendentes de imigrantes italianos.

Os métodos sociolinguísticos principais usados para a realização do trabalho foram *observação participativa* dos moradores dos municípios, *entrevistas sociolinguísticas* sobre vários temas que, principalmente do início, me ajudaram a compreender a realidade sociolinguística e *elaboração de questionários* que foi somente possível depois de ganhar uma certa ideia sobre a vida nas duas comunidades. A utilização de questionários era um método-chave para coletar dados necessários. Os questionários foram divididos em dois grupos, para as pessoas bilíngues, ou seja, falantes de dialeto e português, e para as pessoas que não falam dialeto, ou seja, falam português. Os falantes de dialeto, também denominados como usuários de dialeto, são considerados os respondentes que são capazes de usar o dialeto na comunicação, isso é as pessoas que têm o conhecimento ativo da linguagem. Como os não falantes de dialeto são consideradas as pessoas que não falam e nem entendem o dialeto ou também as pessoas que têm o conhecimento passivo da linguagem, ou seja, são capazes de entender algumas palavras, mas não são capazes de falar. Quanto aos falantes de italiano padrão, que também são mencionados nos questionários, esses são considerados os respondentes que sabem falar italiano, especialmente depois de estudar italiano na escola ou em um curso privado, ou depois de passar algum tempo na Itália.

O objetivo principal do trabalho foi comparar e analisar a situação sociolinguística de duas comunidades italianas. As informações encontradas antes de começar a pesquisa não eram suficientes para criar uma hipótese. Portanto a hipótese só podia ser estabelecida depois das primeiras visitas aos municípios, quer dizer, o dialeto é muito mais usado e preservado em Nova Trento do que em Nova Veneza. A diferença entre as atitudes e preferências linguísticas dos moradores dos dois municípios foi causada por motivos diferentes desde o período anterior à emigração e as dificuldades enfrentadas pela população camponesa, durante o período da política nacional até à influência da cultura italiana no presente.

O trabalho é dividido em cinco capítulos dos quais os primeiros três lidam com a história da Itália e dos italianos no período anterior à emigração, com a história dos imigrantes italianos depois da chegada para o Brasil e com as comunidades italianas estabelecidas no sul do Brasil. Os capítulos quatro e cinco lidam com a metodologia, as atitudes sociolinguísticas, a análise dos dados coletados nos questionários, as preferências linguísticas e as atitudes em relação às línguas usadas, as diferenças sociolinguísticas entre os municípios incluindo tabelas com dados coletados, a mistura de códigos linguísticos e também com os fatores sociais que tiveram o maior impacto na preservação ou declínio dos dialetos italianos.

O primeiro capítulo resume a situação política e econômica na Itália e no Império Austro-Húngaro para perceber melhor as razões principais dos imigrantes para deixar a pátria e navegar rumo ao mundo estrangeiro e desconhecido. Os imigrantes não experimentaram dificuldades somente nos portos e navios, mas também depois da chegada para o país desejado. Iniciar uma vida melhor em um país totalmente novo não foi nada fácil. Os imigrantes recém-chegados tiveram que desmatar as áreas, fertilizar o solo e construir moradias. Para muitos deles a viagem para o Brasil significava uma saída da miséria europeia com a esperança de uma vida melhor, mas depois de chegar para o Brasil, a realidade foi muito diferente da visão desejada. Dependendo da dimensão do sofrimento, as comunidades italianas decidiram manter suas línguas ou deixaram de falar dialetos em favor do português que, para eles, era uma língua completamente nova.

1 Contexto histórico da emigração italiana

Antes de chegar a uma história de imigrantes italianos que vieram para o Brasil durante os séculos XIX e XX, acho importante resumir brevemente os momentos mais importantes do século XVIII, ou seja, fatores históricos mais significativos que precederam a Grande emigração² e também descrever a vida dos italianos que decidiram deixar a pátria e navegar a um mundo desconhecido.

1.1 História breve da emigração italiana desde o século XVIII

Desde o início do século XVIII a Itália esteve sob o domínio de vários estados. Em 1713 foi dominada pela Áustria. Duas décadas depois, em 1734, as regiões da Toscana, de Nápoles e da Parma passaram para as mãos da Espanha. Entre os anos 1792 e 1799 a Itália ficou sob o controle da França. Entre os anos 1802 e 1804, Napoleão Bonaparte fundou no norte da Itália a República Italiana. Entre 1805 e 1814 esta república se tornou o Reino de Itália, com Napoleão Bonaparte como monarca. O Reino de Nápoles foi confiado sob a administração do monarca José Bonaparte em 1806 e depois passou para a administração de Joaquim Murat em 1808.

Desde 1814, a dominação austríaca foi novamente restabelecida no Norte e no centro da Itália. A oposição dos italianos ao domínio austríaco se manifestava cada vez mais forte a favor da independência. O Reino da Sardenha, como a primeira região da Itália, assumiu a sua independência e liderança recebendo o apoio da França. Em 1859, o exército franco-sardo derrotou a Áustria que, depois da derrota, foi obrigada a deixar a Lombardia. Em 1860, quando a França reassumiu a pose de Nice e Saboia que se uniram com a região do Piemonte, esta união deu origem a movimentos revolucionários na Itália central e no Reino de Nápoles, conquistado por Garibaldi.

A Itália se tornou a nação independente sob o nome de Reino da Itália em 17 de março de 1861 tendo Vítor Emanuel como soberano e Turim como capital, em 1865 Florença se tornou a nova capital. Em 1866 o Reino da Itália se expandiu pela inclusão da região de Vêneto. A unificação do país foi feita em 20 de setembro de 1870, quando Roma foi conquistada, se tornando nova capital do país, completando assim a unificação italiana. O resto das regiões, como Trento, Alto Ádige, Veneza Júlia, Istria e Trieste, foram anexadas à Itália só depois da

² Quando falamos sobre a emigração italiana, na maioria nos referimos à Grande emigração que foi realizada desde 1870 até 1920 caracterizada por um fluxo sistemático de emigrantes. (PALÚ FILHO, MOLETTA, *Italianos no Novo Mundo*, p. 45).

Primeira Guerra Mundial. Quando a Itália se transformou em uma república depois da Segunda Guerra Mundial, o país foi dividido em 20 regiões das quais cinco possuem um status especial com uma certa autonomia, nomeadamente: Trentino-Alto Ádige, Friúli-Veneza Júlia, Vale d'Aosta, Sicília e Sardenha.³

Desde o ano de 1867 a Itália se tornou uma parte do Império Austro-Húngaro, que era um grande estado multinacional pertencendo às grandes potências mais desenvolvidas do mundo na época de 1867 a 1918. Nos anos finais do Império Austro-Húngaro, ou seja, antes da Primeira Guerra Mundial, o seu território se espalhava por mais de 670 mil km² e a sua população chegou a ser cerca de 53 milhões.

Como todos os impérios grandes cuja população foi constituída por etnias diferentes, a Áustria-Hungria também enfrentava problemas, principalmente entre as etnias que não tinham direitos iguais diante dos governadores, este fato resultou em uma grande instabilidade e fragmentação do Império. O assassinato do herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro, Francisco Ferdinando d'Este, em Sarajevo, foi de fato somente uma desculpa e a última gota da água para o início da Primeira Guerra Mundial. Várias alianças entre os países europeus somente precisavam de uma desculpa oficial para o início de conflito. A Áustria-Hungria declarou guerra à Sérvia, que foi apoiada pela Rússia. A Alemanha entrou em conflito por conta de um acordo anterior em que garantia o apoio à Áustria-Hungria. A França entrou na guerra apoiando a Rússia. Cada vez mais nações entravam na guerra e ampliavam o tamanho do conflito.⁴

1.2 Primeiros passos para Grande emigração

O século XIX e o início do século XX foi um período significativo por grandes ondas emigratórias saindo da Europa. Entre anos 1800 e 1930, aproximadamente 40 milhões de habitantes europeus deixaram seus países procurando melhores condições de vida se dirigindo principalmente para as Américas. Da emigração europeia foi sem dúvida a emigração italiana que foi um dos maiores deslocamentos migratórios não forçados da história.

A primeira grande leva dos emigrantes italianos saindo do país ocorreu entre os anos 1870 e 1920. Durante esse tempo 17 milhões de pessoas deixaram a Itália. A maior parte dos emigrantes foi composta por homens que tentavam encontrar uma solução para garantir o sustento de suas famílias. Muitas vezes os emigrantes aproveitaram o inverno na Itália e

³ PALÚ FILHO, MOLETTA, *Italianos no Novo Mundo*, p. 17-22.

⁴ BERTONHA, *Os italianos*, p. 57-62.

partiram para a América do Sul, principalmente para o Brasil e Argentina, para trabalhar nos campos e participar de colheitas. Este trabalho de imigrantes no Brasil durou normalmente de outubro até março. Com esta emigração invernal desde 1890 começaram a atravessar o Atlântico navios chamados *golondrinas* que prestavam serviço exclusivamente durante o período invernal na Itália. Às vezes os imigrantes ficaram no Brasil mais tempo para ganhar bastante dinheiro para suas famílias e depois regressaram para a Itália. No caso da emigração de famílias inteiras, estas muitas vezes emigraram e nunca mais voltaram para o seu país de origem.⁵

Após a unificação da Itália em 1871, a emigração para a Itália se tornou um fenômeno socioeconômico, para muitos residentes era a única visão de uma vida melhor. Entre 1871 e 1875, cerca de 126 mil de italianos emigraram, mas este número se multiplicou gradativamente. Os principais fatores dessa emigração foram razões sociais e políticas. Nos primeiros anos de emigração, até 80% dos emigrantes vieram do norte da Itália. Essa onda de emigração não atingiu o sul da Itália até o início do século XX.

Os emigrantes italianos tiveram três destinos principais, ou seja, os Estados Unidos da América, Brasil e Argentina. Em uma medida menor se dirigiram também para outros países da América do Sul como por exemplo para o Uruguai, Chile, Peru e Venezuela. A maior parte dos primeiros emigrantes se estabeleceram no Brasil, que foi o país com a maior número dos imigrantes italianos recebidos nos primeiros anos. Nos últimos anos do século XIX, a maioria dos emigrantes italianos se dirigiram para a Argentina e no século XX o destino favorito dos emigrantes italianos se tornaram os Estados Unidos da América.

O governo italiano não tentou impedir essa emigração porque percebeu que a emigração era de alguma forma lucrativa para o país. Os emigrantes que abandonaram a Itália tinham vendido tudo o que tinham e depois mandavam dinheiro para parentes que permaneceram no país. Além disso, o governo se livrou de grande parte dos camponeses e dos desempregados, uma grande porcentagem da população insatisfeita. Os emigrantes assumiram o controle de seu destino e muitas vezes acreditaram em falsa propaganda sobre ganhos fáceis ou terras férteis. O Brasil é um exemplo muito bom de expectativas não atendidas por parte de emigrantes, milhares de italianos foram explorados, principalmente aqueles que trabalhavam nas plantações de café, o que levou o governo italiano a proibir a imigração subsidiada para o Brasil em 1902.

⁵ PALÚ FILHO, MOLETTA, *Italianos no Novo Mundo*, p. 41-49.

Essa emigração maciça durou até 1914. Com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, o número de emigrantes italianos começou a ter uma tendência decrescente até 1920, quando cessou a emigração em massa. Os emigrantes continuaram a deixar a Itália, mas em número muito menor.⁶

1.3 Motivos para emigração

Os motivos mais graves que tinham levado à emigração de uma escala tão grande foram sem dúvida o desemprego, as doenças, a miséria e a falta de solo. O povo sofreu a grande miséria causada principalmente pelo declínio da agricultura nacional entre os anos 1861 e 1918, ou seja, desde a unificação da Itália até o final da Primeira Guerra Mundial. Apesar do fato que a agricultura representava a parte mais importante da economia nacional, essa não foi muito considerada e apreciada pelos políticos. A situação piorou com a importação de matérias-primas como trigo, arroz e seda do exterior, a Revolução Industrial foi o último ponto de dor, tristeza e miséria para a população camponesa. A formação da rede de transporte permitia um comércio de mercadorias cada vez melhor, em sua maioria composta de cereais, principalmente por navios facilitando muito a concorrência entre os países e favorecendo a vida dos industriais e prejudicando a vida dos trabalhadores rurais. A mão-de-obra, até lá tão indispensável, foi substituída pelas máquinas. Por causa da produção muito baixa nas terras, os proprietários delas aumentaram impostos, levando ao aumento de impostos do processamento da colheita. Os agricultores não tinham meios suficientes para pagar estes impostos e começaram a se revoltar contra o sistema explorador. As demonstrações por melhores condições de vida e trabalho eram cada vez mais numerosas, das quais as duas, uma dos agricultores sicilianos em 1894 e a outra dos operários em Milão em 1898, levaram o governo italiano a uma ideia que a emigração do povo descontente poderia resolver a situação e acalmar o resto do povo mesmo enfrentando a falta de mão-de-obra nas terras.⁷

Esses fatores foram cruciais e é por conta deles que podemos hoje falar do sul do Brasil como sobre um pedaço do Brasil rico em tradições e cultura europeias. Além dos motivos fundamentais mencionados existiram também fatores políticos, ou seja, a discriminação dos direitos políticos dos pobres.

⁶ <https://www.renatabueno.com.br/pt/portal-italia/comunidade-italiana/historia-da-imigracao-italiana-na-america-do-sul> [consultado em 07/09/2021].

⁷ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 30-42.

Os motivos suplementares da emigração foram também a impossibilidade de votar e assim poder mudar a situação política do país. O direito de voto foi reservado só para as pessoas alfabetizadas que não representaram nem 30% da população até 1861. Os camponeses muitas vezes tinham acesso somente aos dois primeiros anos da escola pública, que normalmente durava quatro anos, dois anos do grau inferior, que foi gratuito, e dois anos do grau superior, esse já pago. Naquela época só um quarto dos italianos sabia escrever seu nome e apenas um décimo da população sabia ler e escrever. Outro motivo foi o serviço militar para homens. Enviar o filho para o serviço militar significava que a família perdia o direito da renda doméstica, esta renda foi uma compensação para as famílias que tinham pago a educação para os filhos. Outro fator que facilitou a emigração dos camponeses foi a dificuldade de conseguir um trabalho fixo, já que eles não tinham o próprio campo, eram deslocados de um lugar para outro dependendo da estação do ano.

A emigração em forma menor que acontecia até 1870 se tornou, depois da época de miséria e de revoltas, uma emigração de grandes dimensões, ou seja, foi o começo da chamada Grande emigração italiana para América. À miséria constante se ligaram as doenças dos camponeses que viviam nas condições muito pobres, em casas mal ventiladas ou só em estábulos com higiene insuficiente comendo apenas polenta e pão de milho. Tudo isso favoreceu o desejo de deixar o país. O povo mais afetado pela crise e doenças foi a população das regiões no norte da Itália.

A partir do ano de 1887, o primeiro-ministro italiano, Francesco Crispi, começou a se preocupar com a emigração dos italianos indicando os fatores mais importantes da partida dos emigrantes tentando regularizar a saída do país e controlar o fluxo migratório. Ele mesmo se opôs à assimilação muito rápida e procurou prolongar a naturalização dos italianos no exterior para prevenir a perda da identidade e das raízes italianas dos imigrantes. Mas esta conduta causou discordâncias com os governos dos países recebedores. A polícia recebeu o poder de atuar contra os especuladores que exploravam camponeses italianos no processo de emigração. Só em Janeiro de 1901 surgiu o Comissariado Geral da Emigração que se ocupava da proteção dos emigrantes na Itália e também no exterior que, além de outras condições, controlava principalmente o transporte de emigrantes que foi autorizado só depois de cumprir todas as regras estabelecidas para os fins de proteger os italianos. Em 1902 foi publicado o Decreto Prinetti que proibiu a emigração coletiva para o Brasil por causa das condições de vida e de trabalho muito ruins, principalmente no caso dos imigrantes italianos que

trabalhavam nas fazendas de café onde substituíram a mão-de-obra africana. Devido a este decreto o estado de São Paulo, onde a mão-de-obra nas fazendas de café foi necessária, perdeu muitos trabalhadores italianos. Para uma parte da classe intelectual italiana, a emigração italiana para o exterior poderia servir como um meio da criação de colônias italianas e assim divulgar costumes e cultura italianas na América do Sul.⁸

1.4 Identidade nacional dos primeiros imigrantes italianos

É muito difícil caracterizar os primeiros imigrantes italianos, mas na sua maioria eram camponeses que enfrentaram os maiores dificuldades sócio-econômicos. Eles não vieram de um país unificado, mas sim de várias regiões, eles não tinham uma nacionalidade própria, nem identidade comum. Eles eram vênéticos, toscanos, bergamascos, trentinos, lombardos, etc. A identidade dos imigrantes foi baseada em dois aspectos, nas lembranças das dificuldades sofridas na pátria e nas dificuldades de integração no novo país. Então os italianos saindo do país de origem com a identidade não completamente formada e vindo a um país desconhecido se tornaram constantes estrangeiros, eles não eram mais italianos e nem brasileiros ainda.

O caso dos imigrantes que vieram da região do Trentino, também chamado Tirol, foi um pouco diferente quanto à identidade nacional. Como estes imigrantes viviam na parte da Itália que mais sofreu durante a crise e também quando uma parte da região foi anexada a Itália, eles chegaram para o Brasil com a identidade nacional formada e coletiva. Eles nunca se consideraram italianos, mas sim trentinos ou tirolezes ou, em alguns casos *talianos*.⁹

Só depois de algum tempo no país estrangeiro os italianos começaram a se identificar cada vez mais como uma nação porque tiveram que enfrentar os mesmos problemas e dificuldades como uma nova língua, novas tradições, clima diferente, saudade da pátria, etc. Então mesmo sem nacionalidade e identidade comum, os primeiros imigrantes italianos que chegaram ao novo mundo eram vistos como pessoas trabalhadoras que perderam as raízes para ganhar o sustento para suas famílias que muitas vezes ficaram na Itália. A esperança de regressar e o pensamento em família ajudou os primeiros imigrantes à permanecerem e lutarem contra um destino desfavorável.¹⁰

⁸ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 25-30.

⁹ O termo usado por alguns habitantes de Nova Trento de origem tiroleza para demonstrar a consciência nacional.

¹⁰ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 15-20.

1.4.1 Região do Trentino

A situação miserável foi presente no território inteiro da Itália, mas mesmo assim uma das regiões, a região trentino-tirolesa, passava pelas dificuldades mais graves. No passado, esta região foi conquistada por vários povos, primeiro pelos Francos que fez com que esta região passasse a ser parte do Reino da Itália. Quase durante oitocentos anos (1027-1800), a região do Trentino manteve um status de autonomia em relação aos países que a conquistavam. Mesmo que guerras mudassem muito a composição territorial da Europa, a população trentina sempre se manteve unida com uma administração independente dos países dos quais fez parte no passado. Mas como o Trentino fica na fronteira entre a Itália, Áustria e a Suíça, ou seja, tem a localização muito conveniente desde o início do século XIX, a situação política e social mudou. A região foi anexada ao Império Austro-Húngaro ao mesmo tempo em que surgiram as tentativas da parte de vários movimentos em anexar este território de volta à Itália para não deixar o Trentino nas mãos do império alemão. Esta instabilidade econômica e a situação política complicada levou muitos habitantes a deixar a terra e emigrar a outras regiões e países. Durante a Primeira Guerra Mundial na qual os italianos lutavam contra os alemães e austríacos, a região trentina sofreu uma destruição enorme e perdeu uma grande parte da população. Muitos habitantes morreram na guerra ou emigraram. Depois da guerra, Trentino virou de novo parte da Itália e permanece assim até hoje mantendo uma grande autonomia administrativa. A história desta região não influenciou somente a consciência nacional dos italianos que ficaram nesta região, mas também dos italianos que tiveram que deixar esta parte da Itália e emigrar para outros países dentro ou fora da Europa.¹¹

1.4.1.1 Cidadania italiana para descendentes trentinos

No passado, a região do Trentino-Alto Ádige fazia parte do território conhecido como Tirol, que foi composto de três partes, *Nordtirol* e *Osttirol*, *Sudtirol* (agora chamado Alto Ádige) e *Tirol Italiano* (hoje em dia Trentino). Até 1918 o território do Tirol fazia parte da Áustria-Hungria. A população desta região foi conhecida como *Trentinos* ou *Tiroleses*, mas na verdade os habitantes foram austríacos que falavam italiano. Foram principalmente as pessoas do Tirol que mais emigraram desde que tinham sofrido a crise econômica quando a Lombardia e Veneza foram separadas do Império Austríaco e anexadas à Itália em 1866, estas duas regiões foram os parceiros comerciais mais importantes para a população do Tirol. Hoje em dia a região do Trentino é uma província autônoma, faz parte da Itália, mas mesmo assim

¹¹ LEOPOLDINO, *A fala dos tiroleses de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia*, p. 33-36.

possui autonomia administrativa. O status de província autônoma foi recebido por se expandir no território italiano e austríaco ao mesmo tempo.¹²

Em 25 de dezembro 1867 o Trentino foi anexado ao Império Austro-Húngaro, onde permaneceu por mais de cinquenta anos. Em 16 de julho de 1920, ou seja, no final da Primeira Guerra Mundial, com o tratado de Saint-Germain, começou a fazer parte da Itália. Desde este momento foi fácil para a população do Trentino obter a cidadania italiana porque a região virou a parte da Itália. Mas para os habitantes que emigraram do Trentino durante a guerra foi mais difícil conseguir a cidadania italiana. Muitas vezes eles saíram do país sem documentos, por isso não tinham como provar que antes da guerra moravam no Trentino. Nesses casos o governo foi muito rigoroso e não ofereceu a cidadania italiana para estes trentinos, nem para os descendentes deles que nasceram no Trentino.

Para resumir, se o descendente trentino nasceu depois de 16 de julho de 1920, ele é considerado cidadão italiano e pode solicitar a cidadania italiana. Os problemas burocráticos se referem aos descendentes trentinos que nasceram e moravam na região antes da anexação. Sem a cidadania italiana os trentinos foram considerados só imigrantes mesmo que tenham nascido e vivido dentro do estado italiano.

A situação em que se encontraram os trentinos e seus descendentes não foi a única, habitantes de outras regiões que foram anexadas à Itália depois da Primeira Guerra Mundial tiveram que enfrentar a mesma dificuldade. Como já tinha muitos habitantes descontentes, começaram as revoltas e surgiram vários movimentos políticos e sociais que tentavam persuadir o governo italiano a fornecer os documentos necessários para as pessoas que moravam nas regiões pertencentes hoje em dia à Itália.

Finalmente, no final do ano 2000, o Parlamento italiano aprovou a lei graças a qual os emigrantes e seus descendentes poderiam pedir a cidadania italiana, e não apenas na Itália, mas também no país onde vivem agora. Para isso bastava apresentar alguns documentos e provar históricos familiares com laços à Itália. Assim, muitas pessoas aproveitaram esta lei para conseguir a cidadania italiana. O lado negativo desta lei foi o fato de que os descendentes dos trentinos poderiam pedir a cidadania italiana só até o ano 2010, depois o processo mudou, hoje em dia é muito difícil conseguir a cidadania para os habitantes que moravam nas regiões

¹² LEOPOLDINO, *A fala dos tirolezes de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia*, p. 63-75.

anexadas pela Itália depois da Primeira Guerra Mundial. Uma vez mais existem pressões sociais e políticas para mudar esta realidade, mas até agora nada foi alterado.¹³

Mapa 1: A região do Trentino-Alto Adige¹⁴



Mapa 2: A divisão do Tirol¹⁵



1.4.2 Região vêneta

Não foi somente na região do Tirol que a população sofreu. Os moradores da região do Vêneto também passaram pelas guerras e por condições de vida difíceis. A região foi por muitos anos atravessada pelas tropas austríacas que lutavam contra os exércitos piemonteses, principalmente no ano de 1848. A presença do exército austríaco durou até 1866 quando a região do Vêneto passou a fazer parte do Reino da Itália, mas infelizmente a nova política italiana não ajudou a melhorar a situação da região. Foi principalmente a situação econômica que piorou depois de terem surgido novas taxas. A população mais afetada foram os camponeses mais pobres que usavam a terra para plantar culturas básicas para a própria sobrevivência. A incapacidade de pagar as taxas pelo uso da terra significou uma dificuldade grande de alimentar as famílias. A miséria do povo foi muito grande, as pessoas, em sua maioria os homens, se encontravam nas igrejas ou nas praças para procurarem qualquer tipo de trabalho. Emigrar foi uma das poucas possibilidades que as pessoas vivendo em miséria

¹³ <https://www.pesquisaitaliana.com.br/cidadania-italiana-para-descendentes-trentinos-e-possivel-obter/> [consultado em 28/12/20018].

¹⁴ https://cs.wikipedia.org/wiki/Autonomin%C3%AD_provincie_Trento#/media/File:Trentino_in_Italy.svg [consultado em 04/01/2019].

¹⁵ <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tirol-Suedtirol-Trentino-es.svg> [consultado em 04/01/2019].

tiveram. No final do século XIX e no início do século XX, a região vêneta conheceu um dos maiores êxodos populacionais.¹⁶

Quanto à cidadania italiana, no caso dos descendentes vênets, não é tão difícil obter. Como a região vêneta não fez parte da Áustria, também os cidadãos nascidos antes da anexação ao Reino da Itália podem solicitar a cidadania italiana.¹⁷

Mapa 3: A região do Vêneto¹⁸



¹⁶ <https://emigrazioneveneta.blogspot.com/2018/05/a-grande-emigracao-do-povo-veneto.html> [consultado em 06/01/2019].

¹⁷ <https://www.martaperes.com/quem-tem-direito/> [consultado em 06/01/2019].

¹⁸ https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_communes_of_Veneto [consultado em 06/01/2019].

2 Imigração no Brasil

Como o início da imigração no Brasil podemos considerar a abertura dos portos e a instalação da família real portuguesa no Rio de Janeiro em 1808. Nessa época, ou seja, no início do século XIX chegaram muitos imigrantes europeus, principalmente portugueses. O fator que em grande medida fortaleceu a imigração foi o fim do tráfico de escravos africanos em 1850. O governo brasileiro teve como objetivo principal usar a mão-de-obra europeia nas fazendas de café para substituir escravos africanos e também tirar vantagem de imigrantes europeus para o branqueamento da população e ao mesmo tempo para colonizar as partes do território não habitadas.

Por causa das guerras de unificação, principalmente na Alemanha e na Itália, os habitantes destes países foram os que mais contribuíram aos planos do governo brasileiro. Entre os anos 1870 e 1953 chegaram no Brasil quase 5 milhões de imigrantes, dos quais a maioria foi constituída por italianos, ou seja, 1 milhão e meio, e por portugueses com quase o mesmo número de chegados. Entre outros, chegaram também espanhóis com mais que 600 mil, alemães com 200 mil, japoneses com quase 200 mil, russos com aproximadamente 100 mil de pessoas e quase 700 mil de imigrantes de diversas nacionalidades.

A imigração no Brasil não foi equilibrada para todos os estados, mas como já foi mencionado, para o estado de São Paulo se dirigiram os imigrantes que vinham trabalhar nas fazendas de café e mais para o sul, ou seja, principalmente para Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se dirigiram os imigrantes para povoar os territórios desertos e assim delimitar as fronteiras brasileiras.

No início do século XIX junto com portugueses vieram suíços que se estabeleceram primeiro no Rio de Janeiro, mas gradualmente se instalaram também nos estados de Santa Catarina, São Paulo, Paraná, Espírito Santo e até na Bahia. Uma das colônias suíço-alemãs é a cidade de Joinville em Santa Catarina. Os alemães se dirigiram principalmente para o sul, ou seja, para o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, das quais são muitas famosas cidades alemãs como Blumenau, Pomerode e já mencionado Joinville, enquanto uma parte se estabeleceu também no Rio de Janeiro. Os imigrantes espanhóis se estabeleceram como os italianos em São Paulo nas fazendas de café e também nos laranjais e outra parte procurou a se estabelecer nas capitais de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Dos imigrantes asiáticos que começaram a chegar no Brasil desde o início do século XX, a maioria veio do Japão o que fez do Brasil

a maior colônia japonesa do mundo. O maior número deles se instalou em São Paulo, Paraná e Minas Gerais. Além dos asiáticos vieram também sírios, turcos e libaneses. Uma minoria migratória foi constituída por ucranianos, poloneses, tchecos, húngaros, gregos e americanos.¹⁹

Primeiros imigrantes italianos chegaram depois do ano 1850, mas a imigração italiana em massa começou em 1870. Os italianos se dirigiram principalmente no sul, mas com o espalhamento de lavouras de café, o maior número se instalou no sudeste, principalmente no estado de São Paulo. Em 1875 com a chegada de muitos imigrantes da região do Vêneto, foram criadas as primeiras colônias italianas no sul do Brasil, no Rio Grande do Sul as mais famosas foram as colônias de Garibaldi, Bento Gonçalves, Serra Gaúcha e Caxias do Sul, em Santa Catarina foram fundadas colônias de Criciúma e Urussanga. Pequenas colônias foram fundadas também no Paraná.

Mais tarde os italianos que conseguiram juntar dinheiro se expandiram por vários estados, como por exemplo no Espírito Santo, Rio de Janeiro e Minas Gerais onde conseguiram comprar próprios campos para o trabalho agrícola. Alguns se dirigiram também para centros urbanos como São Paulo.²⁰

2.1 Imigração italiana no Brasil

Ficar nas aldeias procurando trabalho na terra longe ou mais perto de casa não garantia o sustento necessário para famílias, a única opção para os camponeses foi emigrar. Aceitar esta realidade prometia sonhar com a vida melhor nas Américas. A emigração foi muito elogiada por parte dos agentes de emigração, surgiram até várias propagandas que promoviam principalmente a emigração para a América do Sul e América do Norte. A parte mais pobre da população juntava o dinheiro para poder sair do país sendo enganada sobre as condições de vida e trabalho que na realidade foram diferentes e em muitos casos os italianos se tornaram semi-escravos dos senhores brasileiros. Além de ter gastado todo dinheiro para pagar a viagem para o novo mundo, a população dos emigrantes foi instruída para não viajar só com sacolas mas para pegar melhores malas e colocar a melhor roupa que tiveram para evitar problemas com polícia no país receptor. Em muitos casos os donos brasileiros mandavam

¹⁹ <https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/> [consultado em 09/09/2021].

²⁰ <https://www.renatabueno.com.br/pt/portal-italia/comunidade-italiana/historia-da-imigracao-italiana-na-america-do-sul> [consultado em 07/09/2021].

seus trabalhadores italianos para Itália para recrutar mais italianos garantindo o trabalho, estadia no Brasil e também a viagem de graça.

O Brasil foi descrito como um país de inúmeras possibilidades de trabalho onde era fácil ficar rico. Os emigrantes que foram convencidos pelos agentes e decidiram se dirigir para o Brasil, receberam a garantia de adiantamento das despesas ligadas com os custos da viagem e com os custos da instalação no Brasil durante o primeiro ano, as dívidas poderiam ser pagas depois, mas com juros de 6% por ano. Eles receberam também um pedaço de terra para a produção agrícola ou para a produção de café, depois da colheita a metade foi entregada para o dono da terra ou fazendeiro. Os agentes eram bem pagos para recrutar os italianos principalmente para o Brasil, Argentina e Uruguai, por cada emigrante convocado eles receberam uma porcentagem das companhias de navios que os transportavam. Assim, os agentes viraram responsáveis pelas histórias mais tristes dos seus compatriotas, até podemos dizer que na prática eles eram traficantes modernos de escravos.²¹

Do território italiano de hoje foram principalmente os camponeses da parte norte, ou seja, a população das regiões da Lombardia, Veneza, Trentino-Alto Ádige e Friúli-Veneza Júlia, que tentaram fugir da Europa. Esta população vivia num território sócio-economicamente instável, em que os camponeses ficaram desfavorecidos, e que era um assunto da disputa de longa data entre a Áustria e Itália de hoje. Os habitantes destas regiões que queriam imigrar tiveram que embarcar fora da monarquia Austro-Húngara e, para este fim, usavam principalmente as regiões da Lombardia e Veneza, que não faziam parte do Império Austro-Húngaro.²²

Os principais portos brasileiros que acolheram os italianos eram Salvador, Santos e o Rio de Janeiro. Passando pela alfândega também foi um momento de medo para os imigrantes porque muitas vezes os objetos que levavam na bagagem foram confiscados. Após o desembarque os imigrantes foram levados para hospedarias onde tinham que permanecer muitas vezes sem permissão para sair para a rua esperando até que tenham sido contratados.²³

²¹ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 5-10.

²² COELHO DOS SANTOS, *Nova história de Santa Catarina*, p. 67-68.

²³ PIAZZA, *Italianos em Santa Catarina*, p. 835-840.

2.2 Imigração organizada

A partir do ano de 1870 o sistema de financiamento mudou, os imigrantes passaram a ser mão-de-obra assalariada recebendo o contrato de cinco anos tendo que pagar de volta as despesas da passagem. Em 1884 as condições da emigração italiana mudaram, ou seja, a passagem marítima passou a ser gratuita para as famílias que quiseram permanecer no Brasil e trabalhar nas fazendas. Com a evolução do transporte transoceânico, as viagens se tornavam mais disponíveis para a população, o navio a vapor se tornou um meio de transporte que facilitou bastante a emigração. Mesmo assim a população mais pobre não podia pagar este preço e, para poder viajar, os italianos mais pobres vendiam suas propriedades, mas muitos deles colocaram no contrato uma cláusula especial de poder comprar a sua propriedade de novo caso voltassem para a Itália. Muitos italianos não tinham o que vender e assim, querendo emigrar, tomavam emprestado dinheiro dos vários agiotas pagando juros muito altos.²⁴

Na maioria dos casos, na segunda metade do século XIX, podemos falar sobre a emigração para o Brasil como uma emigração subvencionada e também gratuita. Os emigrantes eram prometidos pelos agentes de receber a passagem de graça e em seguida, depois da chegada para o Brasil, também iam receber um pedaço da terra para o cultivo de produtos agrícolas. O reembolso pelo custo da passagem era pago pelo país receptor para associações italianas que promoviam a emigração e ao mesmo tempo garantiam o número certo de trabalhadores italianos. A emigração gratuita organizada pelo governo italiano era orientada para o objetivo de recrutar a mão-de-obra barata e passou a ser uma emigração de massa. As condições em que os imigrantes viajavam eram desumanas, na terceira classe de navios onde o número permitido de passageiros ultrapassava o dobro, muitos italianos morreram durante a viagem que demorava uns 30 dias, epidemias de malária, cólera e doenças causadas por falta de higiene não eram raras. Existem vários testemunhos dos emigrantes italianos que sobreviveram a viagem em condições abusivas nos navios. Havia casos de famílias que possuíam doze membros quando partiram da Itália, mas quando chegaram para o Brasil eram apenas seis. Os naufrágios dos navios que levavam imigrantes italianos foram inúmeros. As condições de vida e de trabalho após a chegada para o Brasil eram péssimas de tal maneira que em 1888 chegaram à Itália as primeiras cartas de reclamação e protesto. Muitos imigrantes italianos chegaram para o Brasil sem recursos necessários para manter suas

²⁴ PALÚ FILHO, MOLETTA, *Italianos no Novo Mundo*, p. 73-78.

famílias pelo menos no início e tinham que enfrentar situações de grande desespero, insegurança, tristeza e fome.²⁵

A viagem foi muito dura a ponto de que não aconselharei, tampouco, ao meu cachorro que deixei na Itália, a fazer uma viagem destas. [...]. Chorando lhe descreverei que depois de alguns dias caíram doentes todos os meus filhos e as mulheres também. Nós que levamos onze filhos para a América agora ficamos com cinco, e os outros os perdemos.²⁶

Como o início da imigração italiana para o sul do Brasil pode ser considerado o ano 1870 quando os primeiros italianos desembarcaram no Rio de Janeiro e em seguida se dirigiram para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O objetivo fundamental desta imigração foi mandar os italianos para as áreas ainda não colonizadas a fim de serem povoadas. Os italianos chegando a esta parte do Brasil queriam adquirir um pedaço da terra e construir uma pequena propriedade, mas a maioria das terras férteis já eram ocupadas por imigrantes alemães. As únicas terras disponíveis se encontravam dentro da floresta tropical o que exigiu um grande esforço e um trabalho muito duro para desmatar estas áreas e também para criar meios de comunicação para se conectar com o resto do país. Esta história foi parecida em várias cidades no Rio Grande do Sul e também em Santa Catarina, como um exemplo muito bom serve a cidade de Nova Trento cuja população de raízes trentinas sempre falava sobre seus antecedentes que construíram a cidade inteira onde antes havia só mato.²⁷

2.3 Situação no Brasil no período da chegada dos imigrantes italianos

No tempo quando os primeiros italianos chegaram para o Brasil, a econômica do país estava baseada na agricultura, no trabalho dos escravos e também no latifúndio. Os italianos foram encaminhados principalmente para o sul do Brasil, onde trabalhavam nas terras e para o interior de São Paulo, onde trabalhavam nas fazendas de café como mão-de-obra paga, este período foi um período dourado na produção de café no território paulista.

Enquanto a segunda metade do século XIX foi marcada pela crise política e econômica na Europa, o Brasil enfrentou uma falta de população nas regiões do sul, o que causava situações

²⁵ PALÚ FILHO, MOLETTA, *Italianos no Novo Mundo*, p. 92-95.

²⁶ FRANZINA, *Merica! Merica!: Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America latina 1876-1902*, p. 150.

²⁷ PIAZZA, *A colonização italiana em Santa Catarina*, p. 23-27.

tensas nas áreas de fronteira, especialmente na fronteira com o Paraguai, Argentina e Uruguai. Uma solução possível foi atrair novas populações colonizadoras. Para realizar este plano e cobrir as necessidades do governo brasileiro, surgiram assim chamadas propagandas políticas descrevendo o Brasil como um país extremamente rico em recursos naturais, com um solo muito fértil, onde todos os residentes vão viver em prosperidade. As forças políticas começaram a se concentrar em áreas europeias politicamente instáveis e procuraram atrair a população para melhores condições de vida. As propagandas foram inicialmente focadas na população alemã, mas por causa das condições inaceitáveis nos navios que se dirigiam para o Brasil, a Alemanha e depois também o Império Austro-Húngaro proibiram a imigração de seus povos.²⁸

Quando falamos sobre a emigração italiana, na maioria das vezes nos referimos à Grande emigração que foi realizada desde 1870 até 1920 caracterizada por um fluxo sistemático de emigrantes, mas os primeiros italianos chegaram para o Brasil muito mais cedo simplesmente como viajantes, colonizadores ou aventureiros. Durante a época dos descobrimentos chegaram para o Brasil muitos navegadores dos quais o mais famoso foi sem dúvida Américo Vespucci, e também mercadores como os das famílias Cavalcanti e Acciaoli. Durante os primeiros cem anos após o descobrimento do Brasil, o número dos italianos foi muito baixo. Só a partir do ano de 1800 começaram a chegar em um número mais significativo, no início eram os criminosos que foram forçados a emigrar e trabalhar em vários projetos de colonização. Nessa época chegou também a imperatriz Teresa Maria Cristina de Bourbon das Duas Sicílias, que desembarcou na costa brasileira em 1843 junto com seus cortesãos italianos. Entre os anos de 1820 e 1840 surgiram na Itália vários grupos que lutavam pela liberdade social e religiosa e pela independência, que foram, em seguida, perseguidos pelos políticos e forçados a emigrar. Muitos deles se dirigiram para o Brasil onde continuavam a lutar por seus ideais, os mais conhecidos eram Giuseppe Garibaldi, Libero Badaró e Tito Livio Zambeccari. Depois da chegada da imperatriz Teresa Maria Cristina, entre outros, chegou para o Brasil também um grupo de médicos italianos, eles eram na maioria os médicos particulares, mas também se apresentavam como patrocinadores de hospitais e casas de misericórdia. Até hoje podemos ver a influência das famílias italianas no sul do Brasil presente em nomes italianos de bairros ou praças. Um exemplo que pode ser citado é a praça central de Nova Veneza que leva o nome de Humberto Bortoluzzi. Os bairros situados em

²⁸ FURLAN, *Brava e buona gente, cem anos pelo Brasil*, p. 48-53.

Nova Trento ou Nova Veneza sempre levam o nome de famílias mais numerosas que habitavam o local.²⁹

2.3.1 Imigração e o fim do tráfico negreiro

Desde o período colonial a economia brasileira se baseava na mão-de-obra escrava. Depois da independência em 1822, a mão-de-obra africana passou a ser ainda mais necessária devido ao crescimento de plantações agrícolas, em sua maioria de plantações de café, principalmente no estado de São Paulo. Os escravos africanos representavam uma força de trabalho insubstituível para o desenvolvimento agrário do país. Mas depois de três séculos de importação contínua dos escravos, a política da escravidão começou a ser o espinho no olho de várias potências mundiais.

Quando o reinado de D. Pedro II foi assumido em 1840, o tráfico de mão-de-obra escrava da África foi a primeira questão fundamental a ser resolvida porque complicava relações entre o Brasil e a Inglaterra. O fundamental para a proibição foi o papel da Inglaterra que forçava o Brasil interromper o tráfico atlântico prendendo navios brasileiros e controlando se não eram parte do comércio ilegal de escravos. Mas de outro lado, o Brasil também percebia que era intolerável continuar com o tráfico negreiro porque a manutenção desta prática deixava o Brasil ser considerado um país incivilizado e não lançava uma boa luz sobre a sociedade brasileira que afirmava autonomia da nação recém-nascida. Em 1850, o tráfico negreiro, ou seja, a importação dos escravos da África, foi proibido pela lei Eusébio de Queirós³⁰, mas, como a consequência, começou o mercado interno dos escravos dentro do Brasil, esses eram principalmente transferidos para as fazendas de café paulistas.³¹

Com o impedimento de conseguir novos escravos africanos, o governo brasileiro precisava procurar outras possibilidades de mão-de-obra, assim foi estabelecida a política de imigração baseada em atrair estrangeiros que pudessem substituir a mão-de-obra escrava nas plantações de café e também colonizar e povoar áreas com pouca densidade demográfica. Sem dúvida nenhuma, o estado de São Paulo recebeu o maior número de imigrantes italianos, o resto se dirigiu para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Muitos dos

²⁹ MOSIMANN, *Catarinenses – Gênese e História*, p. 290-293.

³⁰ Eusébio de Queirós nasceu em Angola, ele foi o membro do Partido Conservador que lutava contra a escravidão africana, com ele à frente os conservadores deram fim ao tráfico atlântico dos escravos africanos. Para este movimento conservador, a decisão de acabar com o tráfico de escravos deveria vir do próprio governo brasileiro para assim poder proteger e afirmar a força do império soberano sem intervenção da Inglaterra. (<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/288-lei-euzebio-de-queiroz> [consultado em 20/04/2021])

³¹ PALÚ FILHO, *Italianos no Novo Mundo*, p. 105-107.

imigrantes não respeitavam contratos de trabalho e se dirigiam para lugares diferentes, assim como aqueles que ficaram decepcionados com as condições de trabalho e fugiram para outros locais do Brasil. Os grupos de imigrantes que não eram contratados como operários, escolheram cidades grandes para se instalar. Havia também um grupo daqueles que não gostavam das condições oferecidas em outros países latino-americanos e foram para o Brasil, foi o caso dos imigrantes que tinham se dirigido para o Uruguai. Mas de fato podemos dizer, que os imigrantes italianos se espalharam por todo o território brasileiro, não se instalaram somente nas plantações de café paulistas ou nos campos no sul do Brasil, mas também em umas partes perto de rios na Amazônia e nas capitais brasileiras.³²

2.4 Primeiros contatos dos imigrantes com a nova terra

Os imigrantes contratados para o trabalho nas fazendas de café eram transportados em carroças ou simplesmente a pé para o local da fazenda, só alguns conseguiram o prestígio de viajar de trem. Os trabalhadores viviam nas casas de colonos que faziam parte das fazendas, cultivavam o solo, trabalhavam nas lavouras, como salário ganhavam uma pequena parte em dinheiro e o resto em colheita, às vezes recebiam plantações onde trabalhavam sob a gerência mas tinham que garantir a colheita. Este sistema de trabalho era chamado de colonato e contratava famílias inteiras dos imigrantes. O contrato sempre privilegiava os donos das fazendas de tal maneira que os trabalhadores italianos sempre eram dependentes dos fazendeiros e, como já foi mencionado, muitas vezes eram considerados escravos brancos.

As condições de vida e de trabalho eram muito más, já foi dito que condições de higiene eram terríveis, os imigrantes tinham que enfrentar várias doenças, ataques físicos e violência contra as mulheres da parte dos fazendeiros, várias restrições da liberdade ou vigilância contínua. Em algumas fazendas chegou a tal ponto que alguns imigrantes voltaram à Itália ou fugiram para outros países como Argentina ou Uruguai, os que tiveram mais sorte, juntaram todo dinheiro e com sacrifício compraram um pedaço de terra ou desceram para o sul brasileiro.

Quanto às relações entre a população brasileira e os imigrantes italianos, essas não eram positivas. A população local só com grande dificuldade aceitava os imigrantes que apresentavam uma concorrência no mercado de trabalho. Os imigrantes tinham que enfrentar discriminação e vários preconceitos. De um lado, eles eram vistos como trabalhadores e agricultores buscando melhores condições de vida, mas de outro lado, como um elemento

³² PIAZZA, *A Colonização de Santa Catarina*, p. 18-22.

perturbador da sociedade, principalmente na época de greves por melhores condições de trabalho.³³

A emigração de uma proporção tão enorme virou uma parte muito importante da história da Itália, trazendo, na maioria dos casos, consequências negativas para o país. A instabilidade e desproporção da população que ficou nas partes rurais da Itália, a falta de mão-de-obra necessária para o trabalho nos campos que foi feita só pela população mais velha, tudo isso resultou em uma baixa produção agrícola que foi insuficiente para o país. Entre os outros aspectos podemos mencionar também o desequilíbrio demográfico, principalmente nas partes das montanhas onde a vida foi ainda mais difícil, também é importante mencionar um impacto moral e ao mesmo tempo doloroso para mulheres que tiveram que manter suas pequenas propriedades, sustentar os membros da família que ficaram e pagar dívidas caso os homens tivessem emigrado.³⁴

As propagandas políticas descrevendo o Brasil como um país de possibilidades ilimitadas, atraíram para o seu território na primeira onda de imigração, ou seja, de 1876 a 1920, mais de 1,2 milhões de imigrantes italianos.³⁵ A maioria se instalou no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, e aos poucos, os imigrantes passaram a ocupar e colonizar áreas pouco povoadas. No sudeste do Brasil, em particular em São Paulo, os imigrantes italianos substituíram a mão de obra barata, anteriormente ocupada por escravos africanos. Assim, o Brasil conseguiu cumprir as suas metas e colonizar as áreas fronteiriças do Sul, mas, por outro lado, a imigração europeia trouxe novas línguas e culturas, que começaram a ameaçar o processo de formação da identidade nacional brasileira que estava nascendo no mesmo período.

No entanto, depois da chegada dos primeiros imigrantes, começaram as primeiras revoltas e a insatisfação, pois a realidade no Brasil era muito diferente da visão apresentada nos portos europeus. Esta foi uma das razões porque o processo de integração dos imigrantes foi muito lento. O processo de isolamento durou cerca de 50 anos. Somente após a invenção da televisão e rádio, os imigrantes italianos começaram a se integrar gradualmente à sociedade brasileira.³⁶

³³ BERTONHA, *Os italianos*, p. 87-90.

³⁴ CARBONI, MAESTRI, *Raízes italianas do Rio Grande do Sul 1875-1997*, p. 15-20.

³⁵ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 9.

³⁶ MARCO, *A trajetória e presença do talian e do dialeto trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural*, p. 27-32.

2.5 Emigração italiana após Primeira Guerra Mundial

O ano de 1922, o ano em que Benito Mussolini chegou ao poder, teve uma grande influência na emigração dos italianos. Para a política fascista italiana, os emigrantes representavam um meio de propagação e difusão das ideias políticas e dos produtos italianos no exterior. Ainda em 1926 o governo de Mussolini apoiava a emigração com o objetivo de melhorar a situação econômica e comercial do país, mas nos anos seguintes a política fascista começou a restringir a emigração por incapacidade de várias alternativas de resolver os problemas econômicos no país. Ele instituiu várias alterações no sistema de agricultura, introduziu o uso de pântanos e promoveu a produção de trigo. Quanto à emigração, essa foi alterada para a emigração de indivíduos escolhidos que deveriam fazer uma propaganda do regime fascista. O mais importante para promover a ideologia fascista foi escolher emigrantes que apoiavam o fascismo e depois se esforçaram para manter a consciência nacional e a italianidade dos imigrantes no exterior. Um dos meios de como cultivar o fascismo entre os imigrantes italianos já instalados no exterior foi mandar grupos fascistas para o Brasil para promover o fascismo entre os imigrantes e seus descendentes. Esses grupos chegaram para São Paulo em 1928 sob o nome de cônsules fascistas. Esses cônsules controlavam a vida nas colônias italianas, os valores do fascismo foram introduzidos e promovidos nas escolas e nos jornais. Mas desde o início, o fascismo não contou com o apoio de muitos italianos em São Paulo e começaram a ser publicados vários artigos em periódicos de esquerda contra o fascismo. Em 1923 aconteceu a primeira manifestação contra o fascismo em São Paulo, no mesmo ano nasceu o jornal *La Difesa* que agrupava vários movimentos antifascistas. Nos anos seguintes surgiram mais periódicos antifascistas como por exemplo *Il Becco Giallo*, *I Quaderni della Libertà* ou *Italia Libera*. Mas não tinha só os italianos que lutavam contra o fascismo, numerosos eram aqueles que o apoiavam, eram principalmente os imigrantes da segunda geração que tinham uma visão da pátria como de um país onde se vivia na miséria, morrendo de fome. Foi a primeira vez que esta geração de italianos sentiu orgulho da pátria, apoiando a ideia de uma nação forte.³⁷

Entre as poucas consequências positivas que a emigração trouxe, podem ser mencionadas relações diplomáticas e econômicas muito boas com países receptores e quando alguns emigrantes voltaram à Itália, eles trouxeram várias experiências e conhecimentos benéficos que entregaram às próximas gerações.

³⁷ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 76-81.

Devido ao fato de que a Itália sempre esteve dividida em regiões de características próprias formando identidades diferentes dentro da sua população, podemos afirmar que o motivo da emigração também foi influenciado pela localização da área onde as pessoas moravam. Por ser diferentes na Itália, os emigrantes continuaram a ser diferentes também fora da terra natal, diferentes principalmente pelo dialeto que falavam, história e cultura. Eles sempre tentavam emigrar para o local onde já tinham seus compatriotas. O estado italiano tentava mapear e medir o fluxo migratório, mas só depois de 1876. Depois de cem anos de registro migratório, em 1976, foram publicados os números de emigrantes italianos que emigraram para os países europeus e para o exterior. Dos países europeus os preferidos para os italianos eram a França, para onde emigraram mais que 4 milhões de italianos, a Suíça, com quase o mesmo número de emigrantes, a Áustria e a Alemanha. Entre os países fora da Europa os mais atraentes eram os Estados Unidos da América com mais que 5,5 milhões de emigrantes italianos, a Argentina com 3 milhões e o Brasil com 1,5 milhão de italianos, um número menor de italianos se dirigiu para o Canadá, para a Austrália e para a Venezuela. O número de emigrantes italianos que se instalaram nos países europeus e extra-europeus foi quase igual, na Europa ficaram mais que 12,5 milhões de italianos e o número de emigrantes italianos que deixaram a Europa foi 11,5 milhões.³⁸

Como já foi dito, a localização da região dentro da Itália determinava bastante a escolha do destino emigratório. Os italianos que habitavam o sul da Itália, emigraram na maioria para a América, principalmente para os Estados Unidos da América. A decisão foi baseada no custo de viagem, a viagem de trem para os países europeus do sul da Itália custava mais que uma viagem de navio para a América. Os emigrantes que habitavam o norte italiano, se dirigiam para a América do Sul, os vênéticos emigraram para o Brasil, os italianos vindos do Piemonte escolheram a Argentina. Os habitantes das demais regiões, mas principalmente os habitantes do centro da Itália, se dividiram mais ou menos da maneira igual para os países europeus e para os americanos. O fator decisivo não foi somente o custo da viagem, mas também os destinos para quais se dirigiram parentes ou amigos que, no caso de dificuldades, poderiam ajudar, facilitar possibilidades de trabalho ou simplesmente dar informações, conselhos e apoio para os recém-chegados. A emigração foi muito intensa a partir de 1870. Até o ano de 1906 saíram da Itália 6 milhões de habitantes, 3 milhões entre os anos 1901 e 1906. Antes da Primeira Guerra Mundial o fluxo de emigrantes se reduziu, principalmente em

³⁸ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 37.

homens que foram proibidos de deixar o país porque foram necessários para o serviço militar. Quanto ao papel da mulher emigrante, desde o início da emigração eram na maioria homens que emigravam para encontrar condições melhores para suas famílias, mulheres ficavam na Itália e se ocupavam de suas propriedades. Antes da Segunda Guerra Mundial, a partir do ano 1936, a porcentagem de mulheres deixando a Itália cresceu e chegou a ser até mais que 75% de todos os emigrantes. Mas depois da chegada para os países de destino, elas tinham que enfrentar as condições difíceis, principalmente no Brasil, onde os direitos das mulheres eram ignorados.³⁹

2.6 Emigração italiana e Segunda Guerra Mundial

O período anterior a Segunda Guerra Mundial também não foi fácil para os italianos, ainda menos para os judeus italianos. Em 1938 foram adotadas várias leis racistas que discriminaram principalmente os judeus italianos que, segundo Mussolini, não pertenciam à raça italiana. Estas leis regulavam muito a vida dos judeus na Itália, os discriminavam e proibiam que participassem da vida pública. Tudo isso resultou na emigração dos judeus da Itália. É importante destacar que para os judeus religiosos as leis anti-semitistas foram aceitas até com entusiasmo porque favoreceram a emigração para Palestina. Para os judeus que eram contra o fascismo o futuro estava claro, ou seja, emigrar era a única opção, mas não foi uma decisão instantânea ou de surpresa, mas sim um fato inevitável. Por uma situação bem pior passavam os judeus que eram os descendentes dos pais judeus, mas apesar disso se sentiam italianos e alguns até apoiavam o fascismo. Para estes a decisão de imigrar foi uma decisão radical acompanhada pelo medo do futuro incerto. O número dos judeus italianos que chegaram para o Brasil entre os anos de 1939 e 1941 se estima só em 500 pessoas. Alguns deles voltaram para a Itália depois da Segunda Guerra Mundial, mas a maioria escolheu permanecer no Brasil.

Depois dos primeiros obstáculos pelos quais os italianos que tinham decidido imigrar para o Brasil tiveram que passar, chegou mais um período muito difícil, esse foi o período da guerra, da Segunda Guerra Mundial. A vida dos imigrantes italianos estabelecidos no Brasil e, na sua maioria, já integrados se complicou ainda mais. Depois da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, entre os anos 1942 e 1945, apoiando os Aliados, os italianos instalados no Brasil foram classificados como inimigos do povo brasileiro e perseguidos e vigiados pela

³⁹ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 40-42.

Polícia Política brasileira, um dos mecanismos do regime da ditadura que lutava contra o fascismo italiano. Muitos dos imigrantes italianos tinham que desocupar suas funções como as de médicos ou professores, eram proibidos de falar suas línguas em público e uma parte dos seus bens foi confiscada pelo Banco do Brasil. Quando em 1943 caiu o regime fascista de Mussolini, em 1944 o governo italiano anunciou o seu primeiro pedido para o governo brasileiro, esse foi cancelar as medidas contra os italianos que tinham sido tomadas durante a guerra. Os bens foram devolvidos em 1945 e alguns anos depois, em 1949, o governo brasileiro e o governo italiano assinaram uma Declaração de Amizade e Cooperação para melhorar as relações diplomáticas, econômicas e culturais entre os dois países. A reconstrução do país depois da Segunda Guerra Mundial tornava as condições de vida muito difíceis e a questão da emigração entrou de novo no primeiro plano da população desfavorecida. Cerca de 3 milhões de italianos saíram do país entre os anos 1946 e 1960 e de novo optaram por países europeus e países da América do Sul como o Brasil, Argentina e a Venezuela. Esta imigração italiana para a América do Sul foi muito desejável para o Brasil para contribuir para o processo de branqueamento da população.⁴⁰

2.7 Consciência nacional dos italianos

Quanto aos italianos e a sua consciência nacional podemos dividi-los em dois grupos: os italianos que ficaram no país de origem e os italianos que se estabeleceram no estrangeiro. No caso dos italianos que ficaram na Itália mesmo apesar da unificação do país em 1861, eles se sentiam mais vênnetos, lombardos, toscanos do que italianos, a consciência regional era muito mais forte do que a consciência nacional. Só depois de duas guerras mundiais o regionalismo finalmente liberou o caminho para o nacionalismo. No caso dos italianos que se estabeleceram no Brasil, as origens regionais foram muito mais mantidas e preservadas do que as origens nacionais. Eles eram muito orgulhosos por terem a sua identidade regional e os seus descendentes tentam preservar estas características até hoje. Os primeiros sentimentos de nacionalismo italiano surgiram nos imigrantes no Brasil depois da Primeira Guerra Mundial. Assim podemos ver que depois de quarenta anos desde a primeira grande leva migratória para o Brasil, podemos distinguir duas formas diferentes de identificação, ou seja, a identificação regional já mencionada que é muito bem visível em Nova Trento e a identificação nacional ligada com a visão de uma Itália unificada, moderna, com povo forte, esta visão está sempre presente em Nova Veneza onde a população não se identifica como vênnetos, mas sim como

⁴⁰ BERTONHA, *Os italianos*, p. 168-170.

italianos. Mesmo que a integração dos imigrantes italianos no Brasil tenha sido um processo longo e difícil, eles conseguiram manter e sustentar suas famílias, e seus descendentes têm muito orgulho de se considerar italianos.

2.8 Dialetos italianos

Como já foi descrito, a maioria dos imigrantes italianos vieram da região do Vêneto trazendo os dialetos venezino, trevisano, veronês, paduano; da região da Lombardia trazendo os dialetos bergamasco, milanês, paviano, cremonês, bresciano; da região do Trentino-Alto Ádige trazendo trentino, ou seja, tirolês, e da região da Friúli-Venezia Júlia trazendo friulano e triestino.

É útil mencionar uma base da história linguística no território italiano para perceber melhor o surgimento dos dialetos italianos que estão sempre presentes no Brasil. O latim como a língua comum no mundo românico era usado no território italiano desde o século VIII a.C. até o século VIII d.C. Depois o latim vulgar como a língua de comunicação foi se transformando em vários dialetos e mais tarde em várias línguas românicas, ou seja, latinas, como o resultado da evolução desta língua no tempo e no lugar onde era usada. O desenvolvimento dos estados na Europa fez com que alguns dos dialetos do latim vulgar se transformaram em línguas oficiais, como por exemplo o dialeto florentino que se tornou a língua oficial da Itália em 1300. Os dialetos falados no território italiano podem ser divididos em três grupos, ou seja, dialetos setentrionais falados no norte como por exemplo o dialeto vênето e lombardo, dialetos centrais como dialeto romano e toscano, e dialetos meridionais falados no sul do país como o dialeto napolitano ou calabrês. Depois da unificação da Itália em 1861, o dialeto falado na região toscana pela sua população e no resto do país somente pela população culta, começou a se espalhar pela península inteira. Por isso os imigrantes italianos que chegaram para o Brasil antes do ano 1861 ou logo depois ainda não falavam italiano, mas sim vários dialetos surgidos do latim vulgar. Aqui chegamos a um problema quanto à denominação destas línguas trazidas pelos imigrantes. No meu trabalho a denominação usada é *dialeto* que é normalmente usada pelos seus falantes no Brasil ou *variedade linguística* que é o termo usado entre os linguistas no Brasil.⁴¹

As partes do Brasil que receberam os imigrantes da mesma origem nos quais predominava um dialeto majoritariamente, influenciaram a situação linguística da região o que pode ser bem

⁴¹ PONSIO, *A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilingüe de São Marcos – RS*, p. 42-45.

visto no estado do Rio Grande do Sul cuja história foi marcada pela presença dos imigrantes vênéticos que representavam 54% e lombardos com 33% de todos os imigrantes italianos para lá vindos, ou seja, 87% dos imigrantes falavam dialetos do norte da Itália, ou seja, vêneto e lombardo. A coexistência destes grupos de imigrantes com o povo brasileiro resultou numa situação linguística única. Enquanto o português era a língua nacional usada nos atos oficiais, no âmbito não oficial, ou seja, entre os colonos, se usava uma mistura dos dialetos predominantes e assim se formou uma *koiné italiana*. Com o desenvolvimento da economia e com o surgimento do rádio, a língua portuguesa se tornou mais importante e de fato, inevitável também para os italianos. Assim os dialetos italianos não se misturavam somente entre si, mas também com o português o que resultou no surgimento da língua *talian*, ou seja, da *língua brasileira com raízes italianas*.⁴²

Enquanto os jornais italianos no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina publicavam os textos em português pelo fato de terem recebido principalmente os colonos não alfabetizados que já haviam perdido seus próprios dialetos, no estado de São Paulo e no Rio de Janeiro que contava com os imigrantes mais alfabetizados, surgiram os jornais que publicavam textos no italiano padrão ou nos dialetos. Mas é importante destacar que o estado do Rio Grande do Sul é o único estado brasileiro onde foi publicada a literatura na língua surgida do contato entre os colonos italianos e seus padrões brasileiros.⁴³

2.8.1 Dialeto vêneto e trentino

A situação sociolinguística na Itália no século XIX foi muito diversificada. Enquanto na primeira metade do século os dialetos italianos enfrentaram uma forte influência da língua francesa, com o advento do romantismo se começaram a enfatizar os dialetos italianos, porque foram os dialetos que fielmente mostravam a forma da língua falada e escrita. Porém, de outro lado, os representantes do classicismo viram o uso dos dialetos como um obstáculo para a disseminação da língua nacional italiana, e por isso o dialeto florentino como uma ferramenta para a unificação linguística nacional foi sugerido. Na segunda metade do século XIX foi realizada a unidade política (1861) e a cidade de Roma foi proclamada a capital (1870), o que claramente acelerou o processo de unificação linguística do país, que foi finalizada no início do século XX, graças à difusão da língua nacional pelos meios de comunicação de massa.⁴⁴

⁴² O termo *língua brasileira com raízes italianas* foi inventado pelo linguista Darcy Loss Luzzatto.

⁴³ LEOPOLDINO, *A fala dos tirolezes de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olimpia*, p. 122-125.

⁴⁴ BOSO, *Noaltri chi parlen tuti en talian: dialetti trentini in Brasile*, p. 19-22.

Os imigrantes italianos trouxeram para o Brasil não só uma nova cultura e costumes, mas também novas línguas. A maioria deles falava o dialeto vêneto, que foi usado em toda a parte norte da Itália. O dialeto vêneto tinha o status de língua, não foi usado apenas na forma oral, mas também na forma escrita. Este dialeto se tornou o mais usado dos dialetos italianos também no sul do Brasil, e como tinha influenciado vários dialetos vizinhos falados no norte da Itália, hoje serve como um dialeto unificador compreendido por todos os descendentes de imigrantes italianos no sul do Brasil, desde que sejam capazes de falar alguns dos dialetos de seus antepassados.

A maioria dos falantes de vêneto no Brasil vive no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Os primeiros imigrantes italianos chegaram para o Rio Grande do Sul em 1824, uns cinquenta anos mais cedo que para o estado de Santa Catarina. A integração, mesmo muito devagar, numa nova sociedade e o contato com a população brasileira resultaram na criação de novas variedades linguísticas com elementos do vêneto e do português chamados *vêneto brasileiro* ou *talian*. Esta nova variedade é também conhecida como *língua brasileira com raízes italianas*, tem o status de língua e pertence à herança cultural brasileira. No início do século XX, a população dos imigrantes aumentou substancialmente e os terrenos destinados para eles foram gradualmente esgotados, e assim os imigrantes foram forçados a procurar um novo lugar para garantir o sustento de suas famílias. A parte ocidental de Santa Catarina foi naquela época um território ainda desabitado e se tornou o novo lar para milhares de italianos que deixaram o Rio Grande do Sul e se instalaram principalmente nas cidades de Concórdia, Joaçaba, Chapecó e Caçador. Graças a esta migração a língua *talian* apareceu também em Santa Catarina.

A parte oriental de Santa Catarina foi colonizada por imigrantes italianos desde 1870. A imigração foi direta, ou seja, os imigrantes vieram diretamente da Itália. Os falantes do dialeto vêneto se concentraram principalmente na parte sul do estado. Primeiras famílias italianas vieram para esta parte de Santa Catarina em 1891, principalmente para as cidades de Nova Veneza, Urussanga, Içara, Siderópolis e Treviso. Os imigrantes italianos vindos da região Trentino-Alto Ádige, ou seja, os usuários do dialeto trentino se instalaram no norte de Santa Catarina desde 1875, principalmente nas cidades de Nova Trento, Rodeio, Rio dos Cedros e Brusque.⁴⁵

⁴⁵ DALL'ALBA, *Imigração italiana em Santa Catarina*, p. 12-20.

2.9 Política linguística no Brasil

O início do século XX foi marcado pelo processo de formação da identidade nacional. Toda a influência externa, cultural ou linguística representou um obstáculo para este plano político. Por esta razão, os imigrantes e suas línguas passaram por três períodos históricos diferentes, ou seja, o *período do medo*, o *período da vergonha* e o *período do orgulho*.⁴⁶ O período de nacionalização durante o governo de Getúlio Vargas de 1937 a 1945 é designado como o *período do medo* porque foi proibido de falar línguas de imigrantes, todas as escolas paroquiais, que até lá tinham oferecido o ensino em línguas de imigrantes, foram fechadas. O português era a única língua que podia ser usada. Todos os imigrantes foram obrigados a se adaptar a essa nova política linguística sob uma ameaça de prisão, escavação de estradas ou consumo de óleo de mamona, que eram as punições mais comuns para os imigrantes que não respeitavam o regulamento. O governo nacionalista de Vargas, portanto, resultou na perda da identidade étnica dos imigrantes.

Depois de 1945, apesar do fim da proibição de falar outras línguas, os imigrantes e suas línguas continuaram a serem discriminados. Dessa vez a discriminação foi exercida principalmente no nível da educação. Os descendentes de imigrantes sofreram de uma falta de controle da língua portuguesa, que se manifestava principalmente na pronúncia errada de certas consoantes. No dialeto vêneto e trentino não havia o grupo consonantal "rr" (o "r oscilante," que é pronunciado como o "r" francês), que é difundido em português. Por isso os imigrantes cometeram erros nas palavras como *cachorro* ou *terra*, por causa da pronúncia errada os alunos de origem italiana foram ridicularizados e punidos na escola. Muitos deles pararam de ir à escola, tiveram trauma e não quiseram se expressar em público. Os pais tentavam falar com filhos em português, mas o português deles não tinha um nível suficiente, pois nunca haviam estudado a língua e acabaram misturado o português com suas línguas maternas. Esta língua, quer dizer, o português misturado com o dialeto italiano, se espalhava por várias gerações. Mesmo hoje em dia as pessoas nascidas em comunidades italianas em Santa Catarina enfrentam uma certa discriminação quando chegam às cidades maiores, porque o português deles é diferente, influenciado pelos dialetos italianos.

O terceiro período é o período de retorno ao patrimônio cultural e linguístico dos imigrantes. Depois de 1975, com uma globalização contínua, as minorias nacionais ganharam uma

⁴⁶ MARCO, *A trajetória e presença do talian e do dialeto trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural*, p. 54.

importância maior e a herança cultural se tornou uma contribuição para a formação da identidade brasileira. Com o advento do centenário da imigração italiana, os descendentes de imigrantes começaram a apreciar mais a cultura e os valores de seus antepassados e se orgulharam de suas origens. Devido ao retorno aos modelos italianos, a língua italiana começou a ser ensinada em algumas escolas das comunidades italianas, mas na verdade se tratou do italiano padrão e não dos dialetos italianos que foram trazidos para o Brasil por primeiros imigrantes. O problema de distinguir as variedades dialetais do italiano padrão causava mal-entendidos frequentes, especialmente nas escolas, onde os pais dos alunos reclamaram da incompetência dos professores italianos porque o italiano deles foi completamente diferente do italiano usado entre os imigrantes.⁴⁷

Apesar dos períodos que não foram favoráveis para as línguas dos imigrantes, particularmente durante a campanha nacional da educação, estas línguas, espalhadas apenas em forma oral, conseguiram sobreviver. As variantes italianas gradualmente se misturaram com o português e, dessa forma, ainda são faladas pela população nas comunidades italianas, ou seja, o português com características dos dialetos italianos significativas presentes na pronúncia e no vocabulário (*filó, nono, nona*).⁴⁸

⁴⁷ MARCO, *A trajetória e presença do talian e do dialeto trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural*, p. 55-58.

⁴⁸ Estas expressões são normalmente usadas nas comunidades italianas, *filó* significa o encontro de família, *nono* e *nona* (do italiano *nonno* e *nonna*), são usadas em vez das expressões *avô* e *avó*.

3 Comunidades italianas no sul do Brasil

Como já foi mencionado, os imigrantes vindos para o Brasil se instalaram em sua maioria no sul do país, somente uma pequena minoria se dirigiu para o norte brasileiro. É importante ressaltar que, no caso de Santa Catarina, o objetivo de atrair os imigrantes italianos não era só para ganhar mão-de-obra e colonizar o território, mas também assegurar o povoamento branco e a defesa das áreas fronteiriças.

Desde o início da imigração italiana surgiram centenas de comunidades italianas em todo o território do sul do Brasil, algumas com o tempo desapareceram como o resultado da mistura da população italiana e brasileira e algumas permaneceram e existem até hoje. As comunidades italianas que tiveram mais sorte e ao mesmo tempo ficaram mais famosas no Brasil são Caxias, Bento Gonçalves e Garibaldi, as três localizadas no Rio Grande do Sul. Durante o período da imigração, em vários casos aconteceu o encontro de minorias de imigrantes. Em Santa Catarina os italianos se encontraram com os alemães já estabelecidos, outro exemplo que pode ser mencionado é o estado do Paraná onde os italianos entraram em contato com os poloneses que tinham chegado anteriormente. No Espírito Santo foram localizadas somente comunidades italianas muito pequenas.

A cidade para qual se dirigiu a maioria dos imigrantes italianos foi São Paulo, os bairros mais famosos por contar com o número elevado de imigrantes eram os bairros do Bom Retiro, Mooca e Brás. O bairro de Brás contava em 1893 com uma população de 30 mil habitantes, em sua maioria de origem italiana. Nas ruas era principalmente o italiano que costumava ser falado, mas ao mesmo tempo surgiram muitas brigas e conflitos entre a maioria italiana e a minoria brasileira. Com o tempo e com a chegada dos brasileiros devido ao desenvolvimento do comércio, as características italianas da cidade começaram a entrar em declínio.

Entre outras cidades significativamente marcadas pela população italiana também podemos destacar a cidade de São José de Rio Pardo onde se instalaram os camponeses italianos que trabalhavam nas plantações de café. A maioria desses camponeses eram provenientes da região vêneta. Mais uma que pode ser citada é a cidade de Mauá que foi habitada por italianos desde 1877 e onde surgiram as primeiras pedreiras do estado de São Paulo.⁴⁹

⁴⁹ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 87-95.

Os italianos que conseguiram ganhar alguma fortuna abriram fábricas, principalmente fábricas de chapéus, tijolos ou de cerâmica, de maçanetas e de vários outros produtos. Apesar do sucesso de alguns italianos, a integração na sociedade brasileira foi muito lenta, principalmente causada pelo fato de não falar a língua do país receptor. Para sobreviver eles aprenderam algumas palavras básicas, mas não procuravam o contato com os brasileiros. Mas mesmo sentindo saudade do país de origem, os italianos preferiam se integrar para obter a cidadania brasileira. A discriminação das etnias minoritárias da parte dos brasileiros era muito comum. Nas colônias situadas no sul do Brasil os imigrantes italianos não tinham nenhuma possibilidade de chegar a ter acesso à administração da terra, esta estava sob o controle dos senhores brasileiros. Apesar da desvantagem social dos imigrantes, esses tentavam preservar e manter sua identidade italiana em todo preço.⁵⁰

3.1 Imigrantes italianos em Santa Catarina

O estado de Santa Catarina está situado no sul do país ocupando uma área de 95.703,487 km² contando com uma população de 6.248.436 habitantes segundo o Censo Demográfico de 2010. O estado é representado por uma mistura cultural e étnica muito rica, sua população tem origens variadas que convivem em um mesmo território. Ao longo do tempo esta mistura de etnias formou uma população única preservando suas origens, línguas, costumes e história.⁵¹

O estado de Santa Catarina divide suas fronteiras ao norte com o estado do Paraná, ao sul com o Rio Grande do Sul e ao oeste com a Argentina, o leste é formado pela costa atlântica. Santa Catarina, como o estado federativo mais antigo da região sulista, foi povoada em sua maioria por imigrantes europeus desde o século XIX, a costa catarinense foi colonizada pelos açorianos no século XVIII, a parte norte de Santa Catarina, principalmente o Vale do Itajaí foi povoado pelos imigrantes alemães na metade do século XIX, os italianos povoaram também uma parte do norte, mas principalmente o sul catarinense no final do mesmo século. Os descendentes dos imigrantes italianos e alemães que deixaram o Rio Grande do Sul por causa da falta de terras subiram para o oeste de Santa Catarina no século XX. Os descendentes dos escravos africanos e também as populações indígenas formam uma pequena minoria da população.

⁵⁰ PALÚ FILHO, MOLETTA, *Italianos no Novo Mundo*, p. 109-113.

⁵¹ <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/santa-catarina.htm> [consultado em 08/01/2019].

A maioria dos imigrantes italianos que se instalaram em Santa Catarina, aproximadamente 95%, eram provenientes da parte norte da Itália, dos estados do Vêneto, Lombardia, Friúli-Veneza Júlia e Trentino-Alto Ádige. Mas é importante ressaltar que os primeiros imigrantes italianos, ou seja, os pioneiros italianos, chegaram para Santa Catarina em 1836, em sua maioria oriundos da Sardenha, e fundaram a primeira colônia italiana chamada Nova Itália (atual São João Batista). Mas pelo fato de que eles não eram muito numerosos, não deixaram um impacto grande na demografia do estado. Somente a partir de 1875, quando o estado recebeu um número significativo de imigrantes italianos, começou a se escrever a história europeia de Santa Catarina. As primeiras e mais conhecidas colônias italianas que existem até hoje estão localizadas no norte do estado, como por exemplo Rio dos Cedros, Rodeio, Brusque e Rio do Sul. No mesmo ano os italianos provenientes da região do Trentino fundaram a colônia hoje conhecida como Nova Trento, um ano depois a cidade de Botuverá foi fundada. Os italianos que se dirigiram para esta parte de Santa Catarina na sua maioria eram provenientes da Lombardia e do Trentino, estas duas regiões na época pertenciam ao Império Austro-Húngaro.

Na parte do sul de Santa Catarina foram também fundadas colônias italianas das quais as mais conhecidas são Urussanga, fundada em 1878, Criciúma em 1880 e as colônias de Nova Veneza, Siderópolis e Treviso que foram todas fundadas em 1891. Os italianos que chegaram para esta parte de Santa Catarina eram oriundos principalmente do Vêneto, uma parte pequena da Lombardia e de Friúli-Veneza Júlia. Os imigrantes, em sua maioria colonos, se dedicaram principalmente ao desenvolvimento da agricultura e à mineração do carvão que era uma matéria-prima muito importante para a economia desta região.

A imigração italiana em Santa Catarina terminou em 1895, quando últimos colonos chegaram para a comunidade de Rio Jordão, no sul do estado. O fim da imigração foi causado principalmente por causa da Revolução Federalista e pela decisão da república que deixava a imigração subsidiada a cargo dos estados.⁵²

A partir de 1910 milhares de gaúchos do Rio Grande do Sul migraram para Santa Catarina, entre os quais estavam milhares de descendentes de italianos. Estes colonos ítalo-brasileiros colonizaram grande parte do oeste catarinense e se instalaram nas cidades de Chapecó, Caçador, Joaçaba. Uma cidade destacada por sua cultura trentina é Treze Tílias. Muito da cultura italiana ainda é preservado na culinária, na linguagem e no folclore.

⁵² DALL'ALBA, *Imigração italiana em Santa Catarina*, p. 23-38.

A primeira colônia italiana em Santa Catarina foi formada em 1836 sob o nome de Nova Itália, estava situada em torno do Rio Tijucas na parte norte de Santa Catarina. Nesta colônia viviam 186 colonos, a maioria era composta por italianos vênnetos, o resto por alemães e brasileiros, mas não tinha uma longa duração devido ao comportamento escravista dos donos, às inundações frequentes e às invasões dos índios que mataram um grande número de colonos. Por causa desta tentativa malsucedida, em 1874 foi assinado o contrato entre o governo de dom Pedro II e o empresário Caetano Pinto para trazer 100 mil colonos europeus para o Brasil durante dez anos. Os agentes foram mandados especialmente para o norte da Itália onde recrutavam os camponeses para emigrar. Após o desembarque no Rio de Janeiro eram destinados para Santa Catarina, principalmente para as áreas de mata tropical. No início os colonos brasileiros ajudavam os italianos a se defender, a construir cabanas de vários tipos de materiais, a conhecer os animais e plantas. Os colonos italianos tiveram que se acostumar às condições diferentes ao mesmo tempo em que eles lutavam para manter suas culturas, tradições e dialetos.⁵³

O número exato de colonos italianos que chegaram a Santa Catarina não é conhecido, mas se estima que até o ano 1900 chegaram mais que 26 mil italianos. Esta população se encontrava muitas vezes com a população dos índios que habitavam o mesmo território junto formando aldeias e cidades. Os descendentes dos italianos formam hoje em dia cerca de 65% da população catarinense.⁵⁴

3.2 Município de Nova Trento

O município de Nova Trento, situado na região do Vale do Rio Tijucas, é conhecido como uma das maiores e mais conhecidas comunidades trentinas no Brasil e também graças ao desenvolvimento do turismo religioso que atrai milhares de peregrinos cada ano. Conforme o censo de 2010 a população de Nova Trento foi de 12.190 habitantes, 6.181 (50,71%) homens e 6.009 (49,29%) mulheres. Em 2014 a população do município foi estimada em 13.379, habitando uma área de 402 km². A densidade populacional é de 30 hab./km², o que dá para perceber um assentamento desproporcional da população em um território muito vasto.

⁵³ BALDESSAR, *Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina*, p. 13-22.

⁵⁴ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 38-39.

A cidade faz parte da Mesorregião da Grande Florianópolis e Microrregião de Tijucas, distante a uns 80 quilômetros da capital Florianópolis.⁵⁵

A população de Nova Trento representa somente 0,18% da população do estado de Santa Catarina. A área de Nova Trento representa 0,42% da área total do estado de Santa Catarina. A maioria da população, ou seja, 89,6%, é da religião católica. O índice de alfabetismo é de 10.995 pessoas alfabetizadas representando 90,2%, pessoas analfabetas representam 9,8% da população.⁵⁶

A história de Nova Trento não começou somente com a chegada dos primeiros imigrantes italianos oriundos principalmente da região do Trentino. Antes, a região servia para exploração da madeira, principalmente para os norte-americanos que ocupavam este território. Desde 1875, com o início da Grande emigração, começaram a chegar os primeiros imigrantes europeus, principalmente italianos, austríacos, alemães e poloneses. A vinda do povo europeu cumpriu também o desejo do governo, ou seja, povoar os territórios do sul. Os imigrantes eram atraídos pelas propagandas feitas por parte das companhias de imigração, e esperavam encontrar uma terra fértil e trabalho renumerado, ou seja, um país onde tudo dá.

É muito importante explicar a denominação de imigrantes de língua italiana que vieram para Nova Trento. Os imigrantes austríacos que chegaram no início do período da emigração saíram do Império Austro-Húngaro, da região trentina do Tirol. Como já foi dito, os tirolezes eram austríacos de língua italiana, trentinos eram habitantes da parte italiana do Tirol. Esta população vivia em dificuldades não somente por causa da crise econômica, mas também por causa da crise agrícola e redução do comércio provocados pelas intenções de unificação da Itália.

Depois de chegar ao Vale do Itajaí, os imigrantes tirolezes foram transportados para várias regiões de mata virgem, sem boas condições de vida, de trabalho e sem condições de se comunicar. O primeiro grupo de imigrantes que se estabeleceram a 16 quilômetros da atual Nova Trento foi formado por 20 famílias provenientes da região do Trentino, de Monza, da Valsugana e do Alto Vale do Brenta, assim foi fundada a primeira comunidade italiana chamada de Tirol, no atual distrito de Claraíba. Ao contrário das expectativas, eles

⁵⁵ http://populacao.net.br/populacao-nova-trento_sc.html [consultado em 19/11/2018].

⁵⁶ <http://www.brasilsabido.com.br/populacao/nova-trento-sc-1067.html> [consultado em 22/11/2018].

encontraram somente mata fechada, vários tipos de animais e insetos, assim como os índios que habitavam esta terra.

Desde 1876, as famílias trentinas começaram a se estabelecer nas colônias do Itajaí e Príncipe Dom Pedro. Nos seguintes anos a emigração enriqueceu por imigrantes poloneses e outros vindos da Europa. A população da colônia estimada em 1880 era de 11 mil pessoas. Em 18 de março de 1881, as colônias da região do Vale do Itajaí foram liberadas. Em janeiro de 1884 o Distrito Policial de Nova Trento foi criado, em abril do mesmo ano foram criadas a freguesia e o Distrito de Paz de Nova Trento. Em agosto de 1892, esta colônia foi nomeada Nova Trento e a Lei Provincial proclamou Nova Trento a se tornar município que, até então era somente um agrupamento de comunidades italianas. O Conselho Municipal foi criado em dezembro do mesmo ano. Muitos bairros e distritos receberam nomes de localidades tirolezas, como por exemplo bairros de Besenello, Vigolo ou distrito de Valsugana.⁵⁷

3.2.1 Da colônia tiroleza até a colônia italiana

Para perceber melhor a origem dos imigrantes italianos vindos para Nova Trento é bom enfatizar a situação político-administrativa da região Tirol dentro do Império Austro-Húngaro. A região tiroleza pertenceu por 555 anos à Áustria, isto é, de 1363 até 1918, quando depois da Primeira Guerra Mundial a parte sul do Tirol, atual Trentino ou Tirol Italiano, foi anexado à Itália. A nova divisão administrativo-territorial do Tirol teve um impacto também sobre a característica da antiga colônia de Nova Trento que, até aquela data foi conhecida como a maior colônia austríaca do Brasil, mas com o fim da guerra, Nova Trento passou a ser uma colônia italiana, também chamada de trentina, mas de fato foi uma das maiores colônias italianas de Santa Catarina.

A região trentina, por sua localização na fronteira entre a Áustria e Itália, se caracteriza pela língua italiana mas com influências culturais e históricas germânicas. A mistura das influências italianas e germânicas faz desta região uma área específica e culturalmente rica. O esforço para garantir e proteger a identidade cultural, étnica e linguística resultou em que esta região recebeu um estatuto de autonomia administrativa. Hoje em dia a Província Autônoma de Trento garante aos seus moradores a preservação dos seus direitos sociais e econômicos dentro da Itália respeitando a história, cultura e tradições da população.⁵⁸

⁵⁷ <https://www.novatrento.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/37323> [consultado em 19/11/2018].

⁵⁸ PIAZZA, *Nova-Trento*, p. 21-24.

Começando inicialmente como uma colônia austríaca e mais tarde passando a ser uma colônia italiana a cidade de Nova Trento preserva a cultura, tradições e costumes trentino-tiroleses até hoje seguindo também a religiosidade muito forte dos seus antepassados.

3.3 Município de Nova Veneza

Nova Veneza é um município localizado no sul do estado de Santa Catarina. Segundo o censo de 2010 a população era de 13.309 habitantes vivendo num território de 295.036 km². A densidade populacional é de 45,58 hab./km². A população de Nova Veneza, segundo o censo de 2010, é composta por 6.719 homens (50,5%) e 6.590 mulheres (49,5%), o que representa somente 0,20% da população de Santa Catarina. Nova Veneza pertence à Mesorregião Sul Catarinense e à Microrregião Criciúma, a distância até a capital de Florianópolis é 215 km. A área de Nova Veneza representa somente 0,31% do território do estado. 89,4% da população é da religião católica. 9,5% da população é analfabeta. Os maiores bairros de Nova Veneza são o bairro Bortolotto com 1.572 habitantes, Centro com 1.337 habitantes, Bortoluzzi com 414 e Elisa com 311 habitantes. Distritos pertencentes ao município são Bento Baixo e Nossa Senhora de Caravaggio.⁵⁹

A cidade foi fundada por imigrantes italianos em 1891 quando chegaram as primeiras 400 famílias italianas provenientes em sua maioria das regiões do Vêneto e Lombardia, principalmente das cidades de Veneza, Bergamo e Belluno. Nova Veneza é a primeira colônia italiana que foi oficialmente fundada durante o período da República. Mais de 95% da população são descendentes de italianos. Nova Veneza é a colônia italiana mais famosa em Santa Catarina.⁶⁰

Um dos primeiros italianos, Miguel Napoli, proveniente da Sicília, chegou para o Brasil alguns meses antes dos imigrantes italianos para preparar a terra. Ele administrou e ordenou a abertura de estradas, fez a demarcação das terras e construiu uma serraria para receber os italianos, novos colonizadores da terra. Quatro meses depois da chegada das primeiras famílias italianas, chegaram mais de 500 famílias de colonizadores italianos. Os colonos construíram casas de pedras que até hoje são encontradas na região e pertencem ao patrimônio histórico do estado de Santa Catarina.⁶¹

⁵⁹ <http://www.brasilsabido.com.br/populacao/nova-veneza-sc-1068.html> [consultado em 12/12/2018].

⁶⁰ http://populacao.net.br/populacao-nova-veneza_sc.html [consultado em 30/11/2018].

⁶¹ BORTOLOTTI, *História de Nova Veneza*, p. 40-41.

Como já foi dito neste capítulo, a cidade foi fundada em 1891 como uma das colônias italianas. Com o número crescente da população, a colônia foi subdividida em 5 partes, ou seja, Nova Veneza, Jordão, Belvedere, Treviso e Nova Beluno, atual Siderópolis. A fundação desta colônia se tornou uma referência significativa na história da colonização italiana no sul de Santa Catarina. O italiano Miguel Napoli preparou o caminho para os imigrantes, podemos dizer que ele junto com a sua companhia Cia Metropolitana planejou a colônia de Nova Veneza. O objetivo principal foi fundar um lugar para milhares de imigrantes italianos para povoar e colonizar esta região.

A colônia de Nova Veneza foi apresentada como uma cidade baseada em Veneza na Itália e como um lugar onde todos os imigrantes italianos encontrariam uma pequena Itália. Mas depois da chegada dos imigrantes, os italianos substituíram os escravos africanos e serviram de mão-de-obra, nesta região principalmente para o desbravamento da mata virgem. Como recompensa ganhavam terras a baixo preço. Também recebiam animais ou ferramentas, esses deveriam ser pagos com a produção posterior nas terras. Mas a realidade foi muito diferente das promessas feitas. Em vez de pequena Veneza os imigrantes encontraram apenas uma região selvagem dentro da mata habitada por índios com a terra infértil. Mas à custa de sacrifício e muito trabalho e sangue, os colonos italianos conseguiram cultivar culturas básicas, construíram casas, escolas, igrejas e de um certo modo prosperaram.⁶²

A inconformidade das promessas com a realidade incitou várias rebeliões na colônia, uma delas resultou no incêndio da casa onde moravam muitos imigrantes. As mulheres dos imigrantes mortos no incêndio foram enviadas de volta para a Itália. Algumas famílias abandonaram a colônia de Nova Veneza e desceram para o Rio Grande do Sul onde se instalaram.⁶³

A herança italiana é visível em cada parte da cidade e em suas tradições também. Aos pontos turísticos mais famosos lembrando a história dos imigrantes italianos sem dúvida pertencem o Museu do Imigrante, o pórtico de entrada de Nova Veneza que foi construído em pedra talhada e a gôndola italiana doada pela cidade de Veneza na Itália. Do turismo religioso pode ser destacado o Santuário de Nossa Senhora do Caravaggio que reúne milhares de devotos a cada ano. A cultura da gastronomia é muito forte e lembra muito a Itália porque é baseada no macarrão e polenta, queijos coloniais, salames, carnes defumadas são muito comuns. Em

⁶² BORTOLOTTI, *História de Nova Veneza*, p. 37-38.

⁶³ https://www.achetudoeregiao.com.br/sc/nova_veneza/historia.htm [consultado em 12/12/2018].

Nova Veneza podem ser encontrados restaurantes italianos, pizzarias e também muitos cafés coloniais, assim como lojas com produtos coloniais. Pela gastronomia típica italiana, Nova Veneza recebeu o título de Capital Catarinense da Gastronomia Italiana em 2003. Em 2018 a cidade recebeu o título de Capital Nacional da Gastronomia Típica Italiana. Cada ano no mês de junho se celebra a Festa da Gastronomia Italiana, um evento que junta o carnaval típico de Veneza com a gastronomia italiana.⁶⁴

3.4 Associações, escolas e jornais italianos

Como já mencionei, os imigrantes italianos tentavam preservar suas origens e manter a ligação com a pátria, mas também ao mesmo tempo queriam se integrar na sociedade brasileira. Como exemplos da preservação dos seus valores podemos mencionar o surgimento de várias associações, ou seja, comunidades italianas que eram unidas por língua, cultura, tradições e história. O principal objetivo deste tipo de associações foi estimular a ajuda mútua entre os imigrantes, na maioria das vezes surgiram nas áreas mais afastadas como por exemplo nas regiões da Amazônia onde se instalaram somente grupos pequenos de imigrantes. A mais famosa destas associações de mútuo socorro foi sem dúvida *Società Italiana di Beneficienza* que foi fundada no Rio de Janeiro em 1875 e em seguida se juntou com a *Società di Mutuo Soccorso* que foi fundada um ano mais cedo.

Com a chegada dos imigrantes foram fundadas também as escolas italianas, a maioria delas estava em São Paulo entre os anos 1895 e 1919, o período quando as escolas italianas estavam em um grande processo de crescimento. Estas escolas eram fundadas facilmente e com mais facilidade ainda eram fechadas, mas não por causa da pressão política, mas sim pelo fato de que depois de algum tempo os pais italianos preferiam que seus filhos estudassem nas escolas brasileiras para que adquirissem a língua e a cultura o que ajudaria a se adaptarem e a se integrarem na sociedade brasileira. Existiam dois grupos de escolas italianas, ou seja, escolas rurais como por exemplo no Rio Grande do Sul onde haviam muitas colônias agrícolas nas quais a maioria dos trabalhadores eram italianos e escolas urbanas como em São Paulo. As escolas italianas ofereciam apenas o ensino primário, o currículo básico consistia em ensinar a ler, escrever e contar, e também ensinar o básico da língua e da história da Itália.

Além das escolas italianas surgiram também vários jornais italianos que se difundiram pelo país inteiro. Alguns dos jornais tinham o objetivo de espalhar a cultura e a língua italiana, ou

⁶⁴ BORTOLOTTI, *História de Nova Veneza*, p. 38-40.

seja, eram independentes, alguns foram fundados com o objetivo de difundir ideias políticas. O jornal mais famoso foi o *Fanfulla*, fundado em 1893 em São Paulo como um jornal humorístico que se converteu em um jornal político. Outros jornais que valem a pena ser citados são *La Giovane Italia*, fundado em 1836 no Rio de Janeiro, *Il Venti Settembre*, fundado em 1883 no Rio Grande do Sul, jornais como *La Libertà*, *Gli Italiani al Brasile*, *Il Messaggero* e *Il Fulmine*, todos fundados em São Paulo depois de 1885. Entre os jornais fundados no Rio Grande do Sul podemos citar também *Il Colono Italiano*, *Città di Caxias* e *La Patria Fascista*. Os jornais italianos eram publicados também no Pará, Paraná, Santa Catarina, mas como a cidade de São Paulo foi o maior centro urbano do Brasil, a maioria dos jornais eram publicados lá. No interior de São Paulo e nos estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina o número menor de periódicos italianos foi causado pelo foco na vida rural dos italianos que eram concentrados principalmente no interior, nos campos e plantações.⁶⁵

3.5 Vida cotidiana dos imigrantes italianos

A maioria dos imigrantes italianos que chegaram para o Brasil eram de origem modesta ou até pobre e sem educação, o que não lançava uma imagem boa sobre eles. Mas depois de algum tempo, eles se mostraram como trabalhadores muito bons e assim conseguiram transformar a imagem negativa que tinham recebido depois da chegada. Os descendentes dos imigrantes italianos recebiam os valores da cultura e história italianas dos seus pais, mas também a cultura brasileira na qual viviam e que consumiam, mas apesar disso podemos ver no Brasil de hoje as marcas significativas da cultura, língua, gastronomia e tradições italianas.

Mesmo que imigrantes italianos tenham sido na sua maioria pessoas pobres, eles foram muito ricos em fé de Deus. A fé foi a única coisa que os guiava no novo mundo e ajudava a superar obstáculos e dificuldades. Os pais cuidavam da educação cristã e da catequese dos seus filhos. A vida religiosa foi um dos aspectos característicos dos imigrantes italianos, foi uma das partes mais importantes da vida deles. Os primeiros imigrantes italianos não participavam dos eventos culturais, a única parte da vida cultural deles era assistir a missa ao domingo na capela e depois dessa criavam grupos pequenos para conversas sobre as rotinas diárias e sobre o trabalho, principalmente entre os parentes ou famílias. Tinha também alguns colonos, na maioria homens, que jogavam vários jogos de cartas na praça, em uma casa comercial ou em algum barzinho. Assim podemos concluir que o dia de domingo podia ser considerado como motivo de festa. Para superar a tristeza, o sofrimento e a saudade da pátria, os imigrantes

⁶⁵ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 98-106.

gostavam de cantar músicas que fizeram ainda durante a viagem. O tema da maioria das canções era sua partida para as Américas deixando seus próximos na Itália.⁶⁶

Quanto à economia dos primeiros imigrantes italianos, essa se baseava na agricultura. Eles vieram como operários e lavradores sonhando em se tornar proprietários de um pedaço da terra cujo cultivo poderia sustentar a família inteira. A primeira coisa na qual os italianos chegados para a região do Vale do Itajaí se concentravam, foi o desbravamento da mata para transformá-la em plantações e cultivar vários produtos agrícolas. Com o tempo passando, os imigrantes sentiam necessidade de desenvolver suas atividades. Assim alguns estabeleceram pequenas indústrias como por exemplo serrarias, ferrarias ou atafonas, mas a agricultura era sempre a atividade principal que sustentava as famílias. Depois do sucesso das primeiras indústrias coloniais, os imigrantes tentavam desenvolver também o cultivo de outras plantas, então além da cana de açúcar entraram na cena o tabaco e o milho que eram exportados da roça para as cidades. Outro elemento que mantinha as famílias era a criação de gado leiteiro e cavalos que estava ligado e era necessário para a vida na zona rural. As famílias que criavam vacas produziam leite, manteiga e também queijo que depois vendiam. Como no início do século passado ainda não existiam estradas nesta parte de Santa Catarina, as mercadorias para venda e compra eram transportadas em canoas. Alguns anos depois surgiram pontes que serviam como estradas para carroças. Um acontecimento muito importante para esta região ocorreu em janeiro de 1910 quando foi inaugurada a estrada de ferro que ligava São Francisco do Sul e Hansa Humboldt passando por Jaraguá.

Muitos italianos, principalmente aqueles vindos do norte onde a Itália dividia fronteira com outros países, tinham experiência na construção de estradas, pontes ou ferrovias e se dedicavam a estas obras com o objetivo de contribuir com mais dinheiro para o orçamento familiar. Os colonos que criavam porcos se dedicavam à produção da carne, de linguiças e de banha, estes produtos eram muito bem-vindos no comércio. Era muito típico transformar o milho em farinha que depois servia para preparar a polenta que era a alimentação tanto para os homens quanto para o gado e os animais domésticos. Entre os anos 1920 e 1930 foi introduzido o cultivo de arroz que se tornou a atividade agrícola de maior rendimento. Com a expansão do cultivo de arroz no Vale do Itajaí, muitos colonos que não tinham solo suficiente, migraram para outros lugares com o objetivo de desenvolver o cultivo de arroz. Quanto à indústria dos colonos italianos, essa se baseava em engenhos de açúcar, moinhos de fubá,

⁶⁶ DALL'ALBA, *Imigração italiana em Santa Catarina*, p. 72-80.

marcenarias, serrarias, ferrarias, alambiques para a produção de aguardentes de frutas, olarias e selarias.⁶⁷

Quanto às escolas, os colonos que viviam em zonas rurais consideravam o trabalho mais importante do que a educação, mas de outro lado, os colonos que mantinham contato com as pessoas letradas e sacerdotes não queriam que seus filhos ficassem iletrados. Os lugares onde as primeiras escolas foram fundadas eram capelas e o ensino era transmitido da pessoa mais letrada e divulgado entre os alunos. Como já foi dito, as escolas eram paroquiais e a catequese constituía uma parte importante da educação. Estas escolas por terem sido fundadas pelos italianos, como ocorrido também no caso das escolas alemães, foram fechadas em 1917 quando o Brasil declarou a guerra à Alemanha. As escolas foram reabertas em 1919. Com o desenvolvimento das escolas paroquiais, já funcionando em prédios próprios, logo se transformaram em escolas municipais ou até estaduais.⁶⁸

3.6 Festas e tradições

As duas cidades são muito religiosas, participar da missa faz parte da vida cotidiana de muitos habitantes, principalmente em Nova Trento. A religiosidade sempre esteve ligada à cultura dos imigrantes que tentavam encontrar força e esperança para superarem as dificuldades e miséria por quais passavam. Nova Trento até pertence às cidades mais religiosas do Brasil sendo o segundo destino brasileiro que recebe mais fiéis e peregrinos do mundo inteiro. Na cidade podemos encontrar mais de 30 igrejas e capelas dos quais o mais famoso é o Santuário de Santa Paulina, localizado em Vígolo, que foi construído em homenagem a Madre Paulina, uma santa da origem italiana, canonizada em 2002 como a primeira santa canonizada no Brasil.⁶⁹

O município também realiza uma das celebrações mais autênticas da cultura italiana no *Festival do Incanto Trentino*, com apresentações musicais e teatrais no dialeto trentino. Na cidade se encontram muitas lojas com produtos coloniais como vinho, queijo ou salames italianos e muitos restaurantes oferecendo a comida italiana.

A cidade de Nova Veneza não fica para trás quanto às lojas com produtos coloniais, bem famosas são também vinícolas que atraem pessoas não somente das cidades vizinhas para comprarem vinho, sucos de uva, geleia ou salame. Principalmente as pessoas de fora gostam

⁶⁷ PIAZZA, *Italianos em Santa Catarina*, p. 642-650.

⁶⁸ CAMPAGNANO BIGAZZI, *Italianos: história e memória de uma comunidade*, p. 101-102.

⁶⁹ <https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-madre-paulina/219/102/#c> [consultado em 08/01/2019].

de passar o final de semana em Nova Veneza para desfrutar da atmosfera e da comida italiana. Uma das festas mais famosas é *Festa da Gastronomia* que junto com *Carnaval* se celebram no mês de junho. Durante um final de semana Nova Veneza acolhe milhares de turistas que querem participar de desfile de fantasias, cujas últimas peças são alugadas muitos meses antes da festa começar e provar vários tipos de comida italiana e produtos coloniais. Muitos artistas famosos são convidados para se apresentarem no programa cultural. Quanto aos grupos musicais, estes se apresentam em italiano, não em dialeto.

Para fazer um pequeno resumo, eventos culturais organizados nos dois municípios para a preservação da cultura italiana ou a venda de produtos coloniais atraem muitas pessoas de todo o estado de Santa Catarina. Mas as festas organizadas em Nova Veneza são muito mais focadas na cultura e tradições italianas, enquanto em Nova Trento as apresentações nas festas promovem muito mais a cultura e tradições ligadas à imigração de seus antepassados italianos.

4 Metodologia e análise da situação sociolinguística dos municípios

Neste capítulo vou apresentar tanto os métodos sociolinguísticos usados durante a minha pesquisa quanto os critérios usados para sua análise e interpretação. Os métodos principais seguidos para a coleta de dados foram a *observação participativa* dos residentes e da vida dentro das duas comunidades, conversas e *entrevistas sociolinguísticas* com residentes, *participação na vida social*, ou seja, nas festividades da cidade e também a participação nas celebrações familiares.⁷⁰ Esses métodos foram usados principalmente no início, por um lado para conhecer o município e suas condições sociolinguísticas, mas por outro lado também me ajudaram a me integrar na sociedade e assim eliminar da maior parte o *paradoxo de observador*.⁷¹

Além dos métodos da coleta de dados, vou apresentar os critérios sociais e fatores cruciais segundo os quais a análise dos dados coletados nos questionários foi feita, os problemas e dificuldades enfrentados durante a elaboração dos questionários e durante o próprio trabalho de campo, as denominações diferentes de dialetos e também os critérios sociais que não se mostraram como fatores fundamentais. No capítulo presente vou apresentar também mais informações e dados demográficos dos dois municípios, analisar a situação sociolinguística por bairros de cada município usando os dados organizados em tabelas, as citações dos respondentes que mostraram as atitudes e preferências deles e os fatores sociolinguísticos que mais afetam o uso de dialetos.

4.1 Seleção de amostra representativa e delimitação da área de pesquisa

Antes de começar a pesquisa tive que me familiarizar com os dois municípios, com as condições locais e com o modo de vida dos residentes. Os primeiros contatos com os dois municípios foram fundamentais para a elaboração e aplicação dos questionários. Naquela fase, como durante toda a pesquisa, os residentes foram muito prestativos e pacientes, sempre prontos a ajudar. A amostra representativa esperada foi 10% de cada bairro, contando com todos os grupos etários e classes sociais para definir os critérios decisivos. Para conseguir uma visão completa dos falantes de dialetos foi necessário incluir não somente os bairros urbanos, mas também os bairros situados no campo, por isso delimitar a área de pesquisa para o município inteiro o que fez a pesquisa e o trabalho de campo muito mais difícil. Com a delimitação da área enfrentei primeiras dificuldades, ou seja, a acessibilidade problemática a

⁷⁰ LABOV, *Field Methods of the Project on Linguistic Change and Variation*, p. 28-35.

⁷¹ LABOV, *Sociolinguistic Patterns*, p. 209-210.

alguns bairros por falta de transporte público e áreas muito grandes. A solução necessária foi a intervenção de amigos que conseguiram dados dos bairros mais afastados ou que me levaram lá.

Depois das primeiras visitas e observações participativas em municípios fui finalmente capaz de elaborar os questionários. Durante a minha pesquisa eu tentava conversar o máximo possível com os residentes, participar na vida dos municípios e também nas celebrações e festas onde sempre conseguia encontrar o maior número de respondentes. Os respondentes foram escolhidos pelo *método de seleção aleatória*,⁷² ou seja sem nenhum plano precedente. Para conseguir o maior número possível dos respondentes, utilizei a *técnica de bola de neve*,⁷³ ou seja, utilizei as redes sociais de participantes da pesquisa e sempre perguntava se conhecem mais pessoas, falantes e não falantes de dialetos, que gostariam de participar da minha pesquisa. Assim os habitantes dos dois municípios ficaram interessados e muitas vezes eles próprios me procuravam, graças a isso consegui o número suficiente de participantes.

4.2 Métodos sociolinguísticos usados na pesquisa de campo

Como já indiquei, a pesquisa de campo foi conduzida usando três métodos sociolinguísticos principais. Escolhi a observação dos participantes, entrevistas sociolinguísticas e o levantamento de questionários. A observação dos participantes foi usada ao longo da pesquisa, especialmente no começo. Junto com os questionários foram usados também as entrevistas sociolinguísticas, particularmente nos casos quando entrevistava vários membros de uma família. O tópico usado para conduzir entrevistas sociolinguísticas foi a história de imigração que, até hoje, continua se transmitindo para novas gerações como uma parte da herança histórica e cultural. Os respondentes idosos gostam muito de falar sobre a vida de seus antepassados, sobre as viagens para a pátria italiana, mas também sobre as dificuldades depois da chegada para o Brasil ou durante o regime nacionalista.

Além de questionários fiz também algumas gravações dos respondentes para substituir o uso dos questionários, mas somente no caso de respondentes mais idosos que não eram capazes de ler ou escrever. Os questionários foram escritos em português, que é a língua oficial e, na maioria dos casos, a primeira língua de comunicação dos nossos respondentes. Os participantes da pesquisa foram divididos em dois grupos, respondentes bilíngues, ou seja, usuários do português e dos dialetos italianos, e respondentes monolíngues que falam apenas

⁷² LABOV, *The Social Stratification of English in New York City*, p. 173-174.

⁷³ HAMMERSLEY, ATKINSON, *Ethnography: Principles in Practice*, p. 135.

português. Os questionários foram especialmente adaptados de acordo com a capacidade linguística do respondente, ou seja, os respondentes bilíngues receberam os questionários diferentes e mais complexos. O material fundamental para a minha pesquisa foram questionários dedicados a usuários bilíngues, mas os questionários destinados para os respondentes que falam apenas português me ajudaram a criar uma visão geral da situação sociolinguística nas duas comunidades. Cada questionário incluía informações básicas sobre o respondente, ou seja, o nome, idade, profissão, nível de escolaridade, bairro de residência, geração de imigrantes italianos, quem da família fala dialeto e quais outras línguas o respondente fala.⁷⁴

Como precisei coletar muitas informações, os questionários para respondentes bilíngues foram divididos em duas partes e os questionários para falantes monolíngues incluíam perguntas sobre dados pessoais como nome, sexo, idade, bairro, profissão, grau de escolaridade, nome do dialeto que se fala no local da residência, outras línguas faladas, informações sobre a família, porque o respondente não fala dialeto, quem da família dele fala dialeto enquanto no caso de falantes bilíngues me interessava também a frequência do uso do dialeto e do português, com quem o respondente fala dialeto e quando. Este tipo de questões me ajudou a compreender o status social dos respondentes e principalmente a situação linguística dentro das famílias. Para falantes de dialetos a parte mencionada apresentava a primeira parte do questionário. A segunda parte do questionário foi focada na compreensão do texto escrito em dialeto e em italiano padrão, para perceber até que ponto os falantes dos dialetos são capazes de compreender o italiano. Em relação aos textos em dialeto, esta parte dos questionários foi a mais difícil, já que nem o dialeto trentino nem o vêneto tem a forma escrita, por isso escolhi um texto em *talian*, ou seja, em *vêneto brasileiro*, que é uma variante da língua vêneta influenciada pelo português usada no Rio Grande do Sul, que é muito parecido com o dialeto vêneto usado em Nova Veneza e que foi em seguida traduzido para o dialeto trentino. Para ver a capacidade e o nível de compreensão dos respondentes, para os falantes do *trentino* coloquei o texto em *vêneto* e para os falantes do *vêneto* coloquei o texto em *trentino*, quanto ao texto em italiano, o mesmo foi usado em Nova Trento e também em Nova Veneza. As últimas perguntas desta parte do questionário foram sobre a preferência das línguas ensinadas nas escolas, ou seja, a preferência do italiano padrão ou do dialeto. Os

⁷⁴ MILROY, GORDON, *Sociolinguistics: Method and Interpretation*, p. 61-80.

questionários para não falantes de dialeto também incluíam perguntas sobre suas preferências linguísticas.⁷⁵

4.2.1 Nomeação de variedades italianas

A primeira dificuldade que enfrentei durante a elaboração dos questionários foi a nomeação de variedades italianas usadas. A população das duas comunidades usa nomes diferentes para os dialetos italianos falados nesta parte do Brasil. O nome oficial para as variedades linguísticas usadas em Nova Trento é *trentino* ou *tirolês*, mas seus falantes mais frequentemente usam o nome *dialeto*, *talian* ou *italiano*. O mesmo fenômeno ocorre em Nova Veneza, *vêneto* é o nome formal e oficial para esta variante, mas a população usa muito mais *dialeto* ou *italiano*. O termo *talian* não se usa em Nova Veneza, porque os usuários do *vêneto* sabem da diferença entre o *vêneto* usado no leste de Santa Catarina e o *vêneto* usado no Rio Grande do Sul e no oeste de Santa Catarina. *Talian* e *vêneto brasileiro* são nomes oficialmente usados para a variante do *vêneto* no Rio Grande do Sul. O *talian* foi proclamado língua, não tem só forma verbal, mas também forma escrita e literatura publicada, enquanto o *vêneto* e o *trentino* são usados apenas na forma oral. Mas, por outro lado, nome *talian* é também usado como um nome coletivo para todas as variantes italianas utilizadas no Brasil. O termo *italiano* também é usado para nomear qualquer dialeto do italiano, enquanto o italiano como a língua oficial da Itália é conhecido sob o termo *italiano gramatical* ou *italiano da Itália*. O mais comum e o mais usado em ambas as áreas é o termo *dialeto*. Como já foi explicado no início do trabalho, no período em que chegaram os primeiros imigrantes italianos para o Brasil, o italiano oficial ainda não existia e no território italiano foram usados muitos dialetos diferentes dos quais alguns se estabeleceram no território brasileiro mas, mesmo assim, o termo *dialeto* por ser muito marcado não é aceito pela maioria dos linguistas, portanto preferem usar a opção *variante linguística*.⁷⁶

Ao coletar dados, foi necessário revisar os questionários várias vezes porque a variedade de nomes usados para designar o dialeto *vêneto* dificultava a compreensão das perguntas pelos respondentes. No início usei o nome *talian*, alguns dos entrevistados não sabiam a qual variedade de idioma eu referi apesar do fato de que este nome é usado para todos os dialetos italianos falados no Brasil. Assim como seguinte usei o termo *vêneto*, que não foi compreendido por alguns entrevistados novamente e, por isso, finalmente usei o termo

⁷⁵ MILROY, GORDON, *Sociolinguistics: Method and Interpretation*, p. 36-57.

⁷⁶ LEOPOLDINO, *A fala dos tirolezes de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia*, p. 137-139.

dialeto, que, como um nome universal, foi compreendido por todos os participantes. O uso do termo *italiano* como um dos nomes para o vêneto também é muito difundido. Quanto à posição do italiano padrão, ou seja, do *italiano gramatical*, este é ensinado como uma língua opcional nos primeiros anos do ensino fundamental em Nova Veneza.

4.2.2 Coleta de dados

Outra dificuldade que enfrentei foi a locomoção dentro dos municípios que foi bastante difícil já que as duas localidades abrangem territórios vastos dos quais alguns são de acesso bem difícil, principalmente as localidades no interior dos municípios. Como os centros dos municípios foram muito acessíveis, foi lá onde eu sempre começava a pesquisa. Dos bairros ao redor do centro continuava para os bairros mais afastados mesmo que às vezes fosse muito difícil para chegar. Quanto ao número dos respondentes, já foi mencionado que a minha intenção foi coletar os questionários de 10% da população do município, o ideal seria 10% de cada bairro, mas infelizmente os dados populacionais por cada bairro não foram disponíveis, somente a população dos quatro maiores bairros de Nova Veneza. Portanto, tentei coletar questionários de 10% da população do município como tal incluindo a mesma porcentagem dos falantes jovens, da idade média e dos idosos. Mas em muitos bairros, principalmente no interior, o número da população dos jovens não é grande, por isso em alguns bairros a maioria dos respondentes tinha a idade superior aos 30 anos de idade.

Durante a pesquisa de campo coletei mais de 2.418 questionários e fiz alguns registros durante a observação dos moradores. Minha amostra representativa incluiu respondentes de todas as faixas etárias provenientes de todas as partes do município. Para a análise serviram tanto os questionários quanto as gravações que incluem as mesmas perguntas como os questionários, mas foram usadas para os respondentes mais idosos sem a capacidade de ler ou escrever. Os dados coletados serão especificados estatisticamente nas tabelas que fazem parte dos capítulos presente e próximo.

4.3 Fatores sociais

Os questionários foram analisados de acordo com vários critérios sociolinguísticos dos quais posso citar especialmente a idade dos respondentes, o gênero, a classe social, o bairro da residência, a profissão e o nível de educação. Esses são os fatores que podem geralmente mais confirmar *teoria da mudança de linguagem*⁷⁷ não somente no ramo fonológico, mas também no ramo sociolinguístico. No caso da nossa pesquisa, a maioria dos fatores acima mencionados podem afetar o uso de dialetos.

As duas comunidades pesquisadas são mais ou menos homogêneas e unidas, sem diferenças sociais grandes, o que pode ser causado pelas condições e dificuldades parecidas que os imigrantes tiveram que enfrentar durante a saída da Europa e também depois da chegada para o Brasil. Não percebemos diferenças significativas em número de homens e mulheres do ponto de vista demográfico. Nem o fenômeno de trabalhar fora da região foi percebido. A maioria de pessoas conseguem encontrar o trabalho dentro do município ou em municípios vizinhos.

4.3.1 Idade, localização de bairro e nível de educação

A idade e a localização de bairro são fatores sociais cruciais que são responsáveis pela preservação ou pelo declínio dos dialetos italianos. O nível de educação também pode afetar o uso de dialetos mas somente em termos do uso de italiano padrão. Os residentes que deixaram sua comunidade e foram estudar na universidade entraram muitas vezes em contato com o italiano oficial como uma língua opcional. Mas mesmo assim o contato com o italiano não resultou em perda de interesse pelo dialeto mas ao contrário, muitas vezes os estudantes não falantes de dialeto depois de estudar italiano começaram a se interessar pelo dialeto que foi a verdadeira língua dos seus antepassados. Podemos concluir que o nível de educação não tem influência significativa em preservação de dialeto, essa é mais construída e dependente do círculo familiar.

Então para fazer a análise dos questionários, usamos dois critérios principais. O primeiro critério para a análise foi o bairro em que os respondentes moravam. O bairro e a sua localização são o ponto chave e decisivo na manutenção e proteção do dialeto ou em deixar de falar dialeto, o abandonando em favor do português ou, no caso de Nova Veneza, em favor do português ou do italiano padrão. Para poder aplicar o segundo critério, ou seja, a idade, os

⁷⁷ LABOV, *Principles of Linguistic Change*, p. 43-45.

questionários foram divididos em dois grupos, ou seja, para os falantes de dialeto e os respondentes que não falam dialeto. Em seguida, para ver a proporção de falantes de dialeto segundo a idade, os dois grupos de questionários foram classificados a partir do respondente mais jovem que tinha 15 anos para o mais idoso divididos em três grupos.

O primeiro grupo inclui os respondentes até 30 anos de idade, no segundo grupo há respondentes entre 31 e 55 anos de idade e o terceiro grupo inclui os respondentes com mais de 56 anos de idade. De acordo com a idade dos habitantes que participaram na pesquisa de campo, tentei dividir os respondentes uniformemente em três grupos de idade. No primeiro grupo coloquei os respondentes que estavam terminando o ensino médio ou universidade e começando a trabalhar. Alguns começam a trabalhar na idade de 18 anos, alguns só depois de terminar os estudos, mas de qualquer maneira esta faixa etária representa uma transição da adolescência para a vida adulta. Como os respondentes menores de 15 anos não foram numerosos, coloquei também os mais jovens neste grupo com o limite de 30 anos de idade.

Quanto ao segundo grupo, foi difícil definir uma idade limite, mas como vi uma certa similaridade em educação e ocupação entre as pessoas entre 31 e 55 anos de idade, decidi definir esta faixa etária para o segundo grupo. Se trata de um grupo de pessoas trabalhadoras ativas que vivem em comunidades estáveis. A idade de aposentadoria para mulheres é 60 anos e para homens 65 anos de idade⁷⁸, mas no caso dos nossos respondentes encontramos vários que se aposentaram mais cedo, ou seja, depois da idade de 55 anos. Por isso o limite foi definido para 55 anos de idade enquanto o terceiro grupo começa partir de 56 anos de idade com o número significativo dos respondentes já aposentados.

Todos os dados significativos coletados através dos questionários, como por exemplo o número dos falantes no centro urbano e no interior, são listados na tabela para melhor comparação entre os bairros e localidades e também entre os dois municípios como tal no final deste capítulo. Quanto aos bairros utilizados nas tabelas de comparação, coloquei somente os bairros onde o número dos falantes bilíngues não foi menos de 20%. A ausência dos bairros com uma pequena minoria dos habitantes da descendência italiana na comparação entre os dois municípios não tem nenhum impacto sobre os resultados.

⁷⁸ <https://ingraccio.adv.br/aposentadoria-por-idade/> [consultado em 20/03/2022].

4.3.2 Gênero, classe social e profissão

Uma das circunstâncias que poderia essencialmente afetar o uso de dialeto é entrar em *uma comunidade de prática*⁷⁹ completamente diferente das quais o respondente normalmente faz parte. O fator importante que pode ser responsável por misturar várias comunidades de prática pode ser é o trabalho em turnos semanais fora da região ou estudos fora do município. Os habitantes dos dois municípios não costumam trabalhar em turnos semanais em localidades distantes e cada município oferece o ensino fundamental e médio o que garante que as comunidades de prática de dentro do município e as comunidades de prática de fora do município não interfiram tanto.

Como os dois municípios representam comunidades homogêneas e unidas, os fatores como a classe social e a profissão não são decisivos para o uso de dialeto. Durante o trabalho de campo não percebemos a existência de classes sociais que apoiassem ou desfavorecessem o uso de dialeto porque o sentimento de pertencer historicamente a um grupo de gerações descendentes de imigrantes italianos é mais forte e mais significativo para nossas comunidades. As raízes históricas prevalecem sobre a classe social. Quanto às profissões como um fator sociolinguístico, os respondentes foram divididos em dois grupos, ou seja, um grupo foram pessoas exercendo profissões mentais e outro grupo foram pessoas exercendo profissões físicas. A porcentagem dos falantes de dialeto foi mais ou menos igual dos dois tipos de profissões, o que provou que esse fator também não ficou significativo para afetar a situação linguística. Nos dois municípios percebemos a capacidade e vontade de falar dialetos por todos os tipos de profissões, por professores, funcionários públicos, engenheiros, atendentes de supermercado ou comerciantes, enquanto os não falantes de dialeto podemos encontrar também entre agricultores, trabalhadores de roça ou criadores de gado. Por isso podemos concluir que a classe social e a profissão não representam fatores significativos para poder afetar a situação sociolinguística nos municípios, o que é mais responsável é a situação e educação dentro da família, ou seja, se os avós e pais transmitem o dialeto para os filhos e netos.

Nas duas comunidades estudadas aparecem elementos do princípio patriarcal vindo junto com os primeiros imigrantes italianos. São precisamente os homens que fundaram várias associações para a proteção dos dialetos. Na maioria das famílias de falantes de dialeto são principalmente os homens que promovem o uso dos dialetos enquanto as mulheres são

⁷⁹ ECKERT, *Linguistic Variation as Social Practice*, p. 34-35.

maiores divulgadoras dos dialetos na sociedade devido à maior comunicabilidade. Quanto ao número de falantes de dialeto entre homens e mulheres, não percebemos distinções nenhuma. É geralmente conhecido que a população feminina é um pouco mais numerosa que a população masculina, assim foi notável em número de respondentes femininos, mas mesmo assim a proporção de falantes de dialeto ficou igual entre homens e mulheres, portanto o gênero também não faz parte dos fatores que afetam o uso de dialeto. A única diferença evidente na influência de gênero foi a vontade de fazer as entrevistas sociolinguísticas e falar sobre as histórias de imigração da parte de mulheres, mas fora disso não notamos diferenças nenhuma entre as atitudes e preferências do ponto de vista de gênero.

4.4 Divisão administrativa de Nova Trento

A divisão administrativa de Nova Trento é bastante complexa porque a cidade abrange um território muito grande contando com lugares de acessibilidade difícil, a fronteira entre os bairros muitas vezes também não é muito clara. Tudo isso tem a ver com a intervenção marcante na paisagem para criar condições de vida aceitáveis. Se tem dois bairros vizinhos, é principalmente o nome do bairro maior que se usa para denominar os dois bairros. O município de Nova Trento é dividido em bairros, localidades e distritos.⁸⁰

Os bairros que fazem parte do centro urbano são os bairros de Centro, Besenello, Cascata, Velha, Espraiado I, Mato Queimado, Ponta Fina Norte, São Roque, Ponta Fina Sul, Trinta Réis, Vígolo, Rio do Braço. As localidades como Baixo Salto, Alto Salto, Capivara, Cancelas, Conquista, Lajeado, Oito Casas, Pitanga, Reginaldo, Bonito, Ribeirão da Velha, Ribeirão Veado, São Valentim, Saudade, Serraval, Trombudo, Valsugana, Indaiá, Lombardia, Morro da Cruz, Morro da Onça, Tirol, Espraiado II, Vasca, Frederico, Molha, Ribeirão Bilú são consideradas como interior. O município possui também dois distritos, Claraíba e Aguti.

A fronteira entre os bairros não é muito clara, isso pode ser causado pelo povoamento desproporcional da cidade no tempo da imigração quando os imigrantes procuravam um pedaço da terra para a sustentação da família e também por um território bastante vasto. Os imigrantes tiveram que desflorestar a mata, fertilizar o solo, construir uma casa, tudo isso com

⁸⁰ O bairro é a unidade mínima de urbanização dentro de uma cidade ou município. A localidade é um espaço determinado que pertence a uma região ou município, geralmente afastado alguns quilômetros do centro urbano. O distrito é uma unidade administrativa que geograficamente pertence a um município mas possui a própria estrutura político-administrativa.

(<https://32xsp.org.br/2016/08/12/administrativas-e-ate-subjetivas-entenda-diferenca-entre-subprefeitura-distrito-e-bairro/> [consultado em 10/03/2021]).

a falta de material. Os italianos vindos da mesma região da Itália, principalmente os trentinos, procuravam ficar juntos criando grupos, mais tarde comunidades. Os italianos vindos de regiões diferentes ou imigrantes alemães e poloneses se dirigiram para partes distantes do centro urbano, em direção ao Brusque.

Os bairros que administrativamente pertencem ao município de Nova Trento são Besenello, bairro que fica perto do centro da cidade, a uns 1.700 metros, a origem da denominação vem da região de Besenello na Itália de onde veio a maioria da população, Baixo Salto e Alto Salto, Cascata, Centro, Espraiado I, bairro localizado a 4 quilômetros do centro, Morro da Cruz, Morro da Onça, Mato Queimado, Ponta Fina Norte, Ponta Fina Sul, Ribeirão Bilú, Espraiado II, Frederico, possivelmente o nome deste bairro vem do nome de uma pessoa que lá morava, Velha, Ribeirão da Velha, bairro localizado a 5 quilômetros do centro, o nome vem do passado quando nessa ribeirão vivia uma pessoa idosa chamada de *velha*, Rio do Braço, São Roque, São Valentim, Trinta Réis, bairro mais populoso de Nova Trento, localizado a 4 quilômetros do centro, Vasca, Vígolo, Aguti, colonizado por alemães, Alto Alferes, a continuação do bairro de Vígolo, no passado esta parte foi habitada por colonos franceses, Capivara, a 38 quilômetros do centro, bairro colonizado por alemães, Claraíba, bairro localizado 17 quilômetros do centro, colonizado por alemães, Conquista, bairro localizado a 45 quilômetros do centro, colonizado por poloneses e russos, Ferreira Viana, bairro localizado a 13 quilômetros do centro, hoje a população é constituída somente por muito poucas famílias, Oito Casas, bairro localizado a 41 quilômetros do centro e colonizado por alemães, no passado habitavam esta parte somente oito famílias, hoje em dia apenas três, Reginaldo, bairro localizado a 33 quilômetros do centro, Rio Bonito, localizado a 18 quilômetros do centro, Serraval, localizado a 25 quilômetros do centro, Trombudo, localizado a 45 quilômetros do centro e o bairro Valsugana, bairro localizado a 25 quilômetros do centro, colonizado por imigrantes poloneses e russos, são localidades que ficam muito longe do centro de Nova Trento, alguns deles na fronteira entre Nova Trento e Brusque ou São João Batista, estas localidades não são listados no mapa oficial da cidade de Nova Trento.⁸¹

A amostra representativa, que faz 1.228 questionários, foi coletada em todos os bairros, localidades e distritos da descendência italiana, tanto no centro urbano quanto nas áreas localizadas na parte rural do município, algumas muito distantes do centro urbano. Nas tabelas de comparação foram colocados os bairros e localidades da descendência italiana onde

⁸¹ <https://www.novatrento.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/61139> [consultado em 20/11/2018].

o número mínimo da população bilíngue é 20%, as localidades colonizadas por poloneses, alemães e russos não são incluídos nas tabelas finais. Os distritos de Claraíba e Aguti são analisados a parte. Esta amostra ficou suficiente para montar um panorama sociolinguístico completo de Nova Trento. Os bairros, que não foram incluídos nas tabelas de resultados da pesquisa, não teriam um impacto significativo sobre os resultados porque se trata das localidades distantes ao menos de 20 quilômetros do centro da cidade que são habitadas somente por um por cento negligenciável da população da qual somente uma pequena minoria é de origem italiana ou das localidades que não foram colonizadas por imigrantes italianos. A análise dos questionários é dividida nos bairros do centro urbano, onde se instalou a maioria da população, e nas localidades do interior.

4.4.1 Centro urbano de Nova Trento

A análise dos questionários será iniciada por bairros localizados ao redor do centro urbano. Gradualmente se afastando do centro para os bairros e localidades situadas mais distante podemos entender a diferença, ou seja, a preferência no uso do dialeto. O centro urbano é composto pelos bairros do Centro, Besenello, Cascata, Velha, Espriado I, Mato Queimado, Ponta Fina Norte, São Roque, Ponta Fina Sul, Trinta Réis, Vígolo e Rio do Braço. Todos os bairros mencionados estão situados ao redor do bairro do Centro, que se localiza no coração da cidade, agrupando os edifícios administrativos, empresas, prefeitura, rodoviária, supermercado, igreja, postos de gasolina, farmácias, lojas, restaurantes.

4.4.1.1 Centro

O número de questionários coletados no bairro do Centro é 184 dos quais 86 questionários foram destinados para as pessoas que falam o dialeto e 98 para as pessoas que não falam. O primeiro grupo de falantes do dialeto com a idade até 30 anos é constituído por 10 respondentes o que corresponde quase a 12% dos falantes do dialeto, a mais nova era uma estudante Eduarda de 16 anos pertencendo à terceira geração dos imigrantes italianos nascidos no Brasil. Ela fala dialeto principalmente com a mãe e tios durante as reuniões de família. Crismily de 25 anos respondeu o questionário idênticamente a Eduarda. As duas cresceram falando português e dialeto. Odair de 29 anos, também pertencendo à terceira geração, cresceu falando somente português. Por seu próprio interesse ele começou aulas particulares do italiano e também começou a estudar dialeto. Quando perguntei sobre a preferência de língua ele respondeu o seguinte:

Certamente eu gosto de falar mais o português, pois é a minha língua materna. Mas sou apaixonado pelo dialeto tirolês. Uso o dialeto quando falo com alguém mais velho e nos ensaios de teatro, bem como nos ensaios do grupo musical I Pargoleti. Também falo sozinho. Da minha família ninguém fala o dialeto italiano. (Odair Rubveski, 29 anos)

Uma atenção especial merece o questionário de Misael de 26 anos. Apesar de não ter crescido falando dialeto porque os pais dele mesmo sendo falantes do dialeto só falavam português com ele, mas por vontade própria começou a estudar italiano e também o dialeto talian:

A minha língua favorita é o talian. Eu uso talian em conversas do dia a dia quando quero que outros não entendam. Gosto de falar talian com meus amigos, com a minha nona e minha namorada. Inclusive escrevo o dialeto um pouco. (Misael Dalbosco, 26 anos)

O segundo grupo é composto por 24 respondentes que são falantes do dialeto na faixa etária entre 31 até 55 anos, ou seja, 28% dos falantes do dialeto, mostram características iguais das pessoas mais novas, incluindo pessoas da terceira, mas também da segunda geração dos imigrantes. Roberta de 34 anos também cresceu falando o dialeto trentino e português, em casa ela sempre fala estas duas línguas, mas o que é muito interessante é a resposta dela a pergunta se ela se sente brasileira a qual respondeu o seguinte:

Não sei porque a cultura italiana é muito forte em nossa família. (Roberta Piffer, 34 anos)

Alfonso de 55 anos respondeu da mesma forma que a Roberta, também preferindo falar português pela facilidade. Podemos ver uma postura diferente no questionário de Jonas Cadorin que é um dos maiores patriotas do dialeto, autor do livro *Nova Trento Outra Vez* e um dos membros do grupo de teatro *I Pargoleti*. A resposta a pergunta qual língua ele gosta de falar mais foi:

Falo português porque é a minha língua materna mas gosto muito de falar o talian, sempre quando posso, falo, principalmente com meus irmãos e amigos da cidade. Escrevo o talian, mas não sigo a regra, escrevo como se fala. Em casa com a minha esposa e filhos falo português. (Jonas Cadorin, 52 anos)

O terceiro grupo foi composto por 52 respondentes falantes de dialeto com a idade a partir de 56 anos representando 60% dos falantes. Uma parte deste grupo dos falantes pertence também à 3ª geração, mas na sua maioria à segunda geração o que significa que foram os avós deles que vieram da Itália. Amalete de 64 anos cresceu falando só dialeto e até hoje fala dialeto dia a dia com a família e amigos, não somente durante reuniões da família. José de 73 anos falava

até 7 anos apenas o dialeto, depois somente português por causa da ditadura e a proibição de falar línguas de imigrantes. Noemia, também de 73 anos, sobre a língua falada na infância respondeu:

Os meus pais falavam talian entre si em casa, mas com os filhos só português, porque foi proibido falar nossa língua. Eu falava só português porque aqui no centro a gente não podia falar o dialeto. Se chega alguém que fala o dialeto eu misturo português com o dialeto, mas tenho muito orgulho de saber falar talian. O meu marido fala dialeto também, mas juntos falamos só português. (Noemia Piva Gulini, 73 anos)

O caso da Marlene de 76 anos é muito parecido, também cresceu falando português por causa da época da ditadura. Azeluia de 80 anos cresceu falando o dialeto:

Quando eu era criança não falava português, só o italiano, mas depois aprendi português. Hoje em dia prefiro falar português porque a maioria das pessoas fala português, mas gostaria muito de falar italiano com mais pessoas, falo somente com os meus irmãos e amigos. (Azeluia Prospero Marchi, 80 anos)

A maioria das pessoas mais idosas, ou seja, mais velhas de 80 anos de idade cresceram usando as duas línguas, ou seja, o dialeto como a primeira língua usada em casa com a família e o português aprendido na escola ou com amigos brasileiros. As pessoas entre a idade de 70 até 80 anos nasceram durante a ditadura ou um pouco antes, esta geração sofreu mais impacto sobre as línguas usadas por causa da proibição, por isso a primeira língua deles foi o português, o dialeto foi falado apenas excepcionalmente. Depois da ditadura a experiência e a preferência foram fatores decisivos para o uso de dialeto. Os habitantes que passaram por experiências negativas decidiram deixar de usar o dialeto. As pessoas nascidas depois da ditadura, mesmo em um número menor como antes da ditadura, cresceram novamente falando as duas línguas.

Hoje em dia também as pessoas mais velhas, apesar do gosto de falar dialeto, preferem se comunicar em português porque é mais fácil e prático, como a maioria das pessoas fala português, principalmente as pessoas jovens.

Os respondentes não falantes de dialeto são representados principalmente por pessoas mais jovens. O maior número de não falantes, ou seja, 45 pessoas, é de 15 até 30 anos de idade, o que pode ser explicado pelo fato de que os pais não falavam dialeto ou apenas não falavam dialeto com filhos considerando o português como língua oficial mais importante. O grupo de

não falantes entre 31 e 55 anos de idade é um pouco menos numeroso. Este grupo não fala pelo fato de que os pais não conversavam com filhos em dialeto ou simplesmente pela origem alemã como no caso da Claudete Maria Bastiani Sartori, 55 anos, ou pela origem polonesa como no caso da Eleite Ruiscinski, 35 anos. A resposta *Não sei falar porque os pais não me ensinaram* é muito comum a pergunta porque o respondente não fala dialeto. Dos respondentes mais idosos é somente a pequena minoria, ou seja, 35 respondentes, que não falam o dialeto. A maioria da origem italiana entende o dialeto mesmo sem saber falar. A razão porque não falam pode ser causada pelo fato de que a geração dos seus pais ou avós morreu e não tinham mais com quem praticar porque com filhos falavam só em português. Outro fato que contribui para a incapacidade de falar o dialeto é grau da escolaridade, quer dizer que a maioria destas pessoas tem o grau superior de estudos ou ao mínimo completaram o ensino médio praticando profissões como professores, enfermeiras ou funcionários públicos.

4.4.1.2 Besenello

O número de questionários coletados em Besenello é 100, dos quais 40 são falantes e 60 não falantes. Os falantes mais jovens de dialeto com o número 4 apresentam 10% de respondentes falantes do dialeto. Os falantes do dialeto do segundo grupo na faixa etária de 30 até 55 anos com o número de 16 respondentes apresentam 40% dos falantes. O grupo de falantes mais idosos com o número de 20 respondentes apresentam cerca de 49% dos falantes que participaram na minha pesquisa.

Os não falantes apresentam 60% dos respondentes. O primeiro grupo, ou seja, os mais jovens com o número de 30 respondentes apresentam 50% de não falantes, o segundo grupo com o número de 20 respondentes apresenta 33% e o grupo de mais idosos que não falam dialeto com o número de 10 apresentam 17%.

Comparando com o Centro, o bairro Besenello também conta com o número elevado dos falantes bilíngues o que pode ser causado pela origem dos imigrantes dos quais a maioria veio da comuna de Besenello localizada na província de Trento na Itália. A vontade de criar um pedaço da sua região italiana no Brasil provavelmente fortaleceu a vontade de preservar a língua de seus antepassados. O fato que deveria ser mencionado também é que todos os não falantes acima de 40 anos de idade entendem o dialeto muito bem escolhendo a primeira opção, ou seja, *Entendo quase tudo*. A incapacidade de falar foi causada na sua maioria pela falta de prática.

4.4.1.3 Trinta Réis

O número dos questionários coletados em Trinta Réis é 110 dos quais 45 respondentes são falantes do dialeto e 65 não falantes. O primeiro grupo de falantes, ou seja, os falantes mais jovens, é constituído somente por 4 pessoas com a idade entre 25 até 30 anos, ou seja, cerca de 9%. Estas pessoas vêm de famílias onde mais gerações moram juntas ou muito perto, assim sempre tiveram o contato com a língua dos avós. O segundo grupo de faixa etária entre 31 até 55 anos é constituída por 15 falantes, ou seja, 33% dos falantes. O grupo das pessoas mais idosas, constituído por 26 falantes representa um grupo mais numeroso de falantes, isto é 58% dos falantes do dialeto.

Os falantes mais jovens gostam de falar dialeto com os membros mais velhos da família, mas como a maioria dos amigos jovens fala só português o contato com os velhos da família não é suficiente para manter o dialeto. A localização deste bairro perto do centro é também responsável pela dominação do português. O segundo grupo de falantes do dialeto na sua maioria vive na parte remota do bairro e não possui um grau de escolaridade muito alto, muitas mulheres são domésticas ou do lar, quer dizer, entram em contato com o dialeto no dia a dia. Os falantes mais idosos vivem em todas as partes do bairro. Em alguns casos pessoas idosas falavam dialeto até uma certa idade.

Eu falava italiano com minha família toda, com meu marido, filhos. Mas depois os filhos foram para o Centro e falamos mais português. Quando o marido morreu fiquei sozinha e não falo mais dialeto com a família, só quando vem alguém mais idoso. (Maria, 85 anos)

Nenhum dos falantes do dialeto mencionou a era da ditadura e a proibição de falar italiano o que pode ser causado por um interesse menor da parte do governo que se interessava mais pelo Centro. Todos os falantes deste bairro cresceram falando somente dialeto ou dialeto e português, não encontrei nenhum dos falantes jovens que tivesse estudado ou aprendido o dialeto por iniciativa própria como vimos em dois falantes no Centro.

Os não falantes do dialeto com o número de 65 dos 110 respondentes representam 59% de todos os respondentes do bairro Trinta Réis. Os respondentes jovens com o número de 30 pessoas representam quase uma metade dos não falantes. A incapacidade de falar o dialeto foi causada pelo desinteresse da parte das gerações mais velhas de ensinar o dialeto. Embora os jovens falassem somente o português durante a infância eles costumavam ouvir o dialeto dos avós. Cleidione, uma estudante de 15 anos respondeu a uma pergunta porque não fala talian o seguinte:

Eu não falo talian porque não tento falar. Mas gostaria de aprender porque é a língua falada aqui. (Cleidione Constante, 15 anos)

O segundo grupo dos não falantes de dialeto é constituído por 20 respondentes, ou seja, quase 31%. A maioria destas pessoas não falam porque os pais deles não falavam italiano em casa. Encontrei também descendentes poloneses e alemães morando neste bairro. O terceiro grupo é constituído por 15 respondentes, isto é 23% dos respondentes que não falam dialeto. Esta geração inclui as pessoas com alto grau de escolaridade como por exemplo, professores que preferem falar português, mas também pessoas do lar ou agricultores dos quais alguns deixaram de falar dialeto durante a ditadura, havia também alguns que pertenciam aos descendentes dos imigrantes alemães.

Dos primeiros três bairros que acabaram de ser analisados podemos chegar aos seguintes resultados. É muito perceptível que a maioria dos falantes são pessoas mais idosas. Quanto à geração mais nova, ou seja, até 30 anos de idade, essa pertence ao grupo de não falantes. Somente no Centro foram encontrados jovens que apesar de que o dialeto não foi praticado em casa, eles aprenderam por interesse próprio percebendo a importância da herança cultural. Muitos jovens e também pessoas de meia-idade são membros de grupos folclóricos ou de teatro ensaiando e cantando em dialeto o que é uma motivação muito forte para se aprender o dialeto. Estes respondentes ganharam também o conhecimento do italiano padrão na universidade ou através das aulas particulares. O conhecimento da base do italiano padrão também poderia ter um impacto sobre a decisão de se interessar pelo dialeto.

4.4.1.4 Cascata

A população do bairro Cascata não é muito numerosa. É o bairro que faz fronteira entre o bairro do Centro e o Vígolo. Na minha pesquisa participaram 40 respondentes dos quais 20 falam o dialeto e 20 não falam. Desta vez não consegui encontrar nenhum respondente dos mais jovens que falasse dialeto. A amostra representativa das pessoas que falam dialeto foi constituída em sua maioria por pessoas entre 31 e 55 anos de idade, ou seja, 15 pessoas que constituíram 75% de falantes. Os respondentes falantes de dialeto mais idosos foram constituídos por somente 5 pessoas, ou seja, 25% de falantes. No caso deste bairro podemos ver pela primeira vez que o número dos falantes da faixa etária até 55 anos é o mais numeroso, mas a explicação é fácil, apenas poucas pessoas idosas moram neste bairro o que pode ser causado pela falta de disponibilidade de serviços cívicos. Os mais idosos preferem ficar ou perto do Centro ou no interior pelo hábito de passarem a vida inteira lá.

Os não falantes são representados por 20 pessoas, isto é, 50% de todos os respondentes. Desta vez a amostra representativa é constituída pelos jovens e pessoas entre 31 e 55 anos de idade. A maioria dos não falantes são os moradores mais novos que representam 15 pessoas, 75%. Eles não falam dialeto porque os pais não falavam ou, se os pais falavam, os filhos não tiveram incentivo da parte de seus genitores. Os respondentes mais velhos que 30 anos de idade, constituídos por 5 pessoas, declaram que ninguém da família usava dialeto em casa. Os resultados do bairro Cascata não tiveram um impacto significativo sobre a situação sociolinguística do município.

4.4.1.5 Mato Queimado

A amostra representativa do bairro Mato Queimado contava com 50 respondentes dos quais 25 falavam dialeto e 25 que não falavam. Os respondentes falantes pertenciam às três faixas etárias. 4 falantes pertenceram aos jovens, 10 falantes eram entre 43 e 53 anos de idade e 11 falantes eram entre 56 e 81 anos de idade. Dos não falantes 14 respondentes pertenciam às pessoas jovens entre 15 e 25 anos, 7 às pessoas entre 31 e 55 anos de idade e somente 4 pessoas não falantes pertenceram ao grupo dos mais velhos de 55 anos. Quase todos os não falantes responderam que não falam dialeto porque os pais deles não falavam.

4.4.1.6 Espraiado I

Os respondentes do bairro Espraiado I representam 50 pessoas, dos quais 22 são falantes bilíngues e 28 não falantes. Dos falantes mais jovens consegui 3 respondentes dos quais a mais jovem tinha 15 anos.

Eu falo talian e português. Falo talian todos os dias com meus pais, falo português com os brasileiros, mas gosto mais de falar talian. (Maria Gabriela Dalri, 15 anos)

11 falantes do dialeto pertencem ao grupo etário de 31 até 55 anos, todos estes respondentes falam português e dialeto no dia a dia, mas preferem falar dialeto. 8 falantes do dialeto pertenceram ao grupo dos mais velhos. O mesmo cenário se repetiu também nesse caso, ou seja, todos falam as duas línguas no dia a dia, mas preferem falar *talian*.

Dos não falantes 17 são jovens, neste caso entre 11 e 29 anos. Os pais, nem os avós da maioria deles não usavam dialeto. Do segundo grupo etário 7 pessoas não falam. Dos mais idosos 4 pessoas não falam, somente porque não convivem com falantes do dialeto.

4.4.1.7 Rio do Braço e São Roque

O número dos questionários no bairro Rio do Braço foi 30, 10 respondentes de cada grupo etário. Dos respondentes mais jovens 2 pessoas eram falantes de dialeto. Os não falantes jovens falam português, somente por não terem aprendido o dialeto apesar de seus pais falarem e usarem o dialeto cotidianamente. Dos respondentes falantes de dialeto mais velhos consegui 10 na faixa etária de 30 até 55 anos e também 10 entre os mais idosos, ou seja, com mais de 55 anos. Destes respondentes todos falam dialeto e português.

No bairro São Roque juntei os questionários de 15 respondentes, 5 de cada grupo de idade. 7 pessoas a partir de 31 anos de idade eram falantes e 8 pessoas não falantes. Nenhum dos 5 jovens era bilíngue, na faixa etária entre 31 até 55 somente 2 pessoas falavam dialeto e dos mais velhos 5 pessoas eram bilíngues. Todos os respondentes cresceram falando as duas línguas, ou seja, dialeto e português, mas os respondentes designados como não falantes pararam de usar o dialeto a partir do início da frequência escolar, então hoje em dia estes respondentes não se consideram bilíngues.

4.4.1.8 Ponta Fina Norte e Ponta Fina Sul

O bairro Ponta Fina Norte fica ao leste do bairro Besenello e possui distribuição da população bastante densa. No bairro Ponta Fina Norte coletei 55 questionários dos quais 45 pessoas são falantes do dialeto, representando quase 82% e 10 não falantes, ou seja, 18% de todos os respondentes deste bairro. Dos respondentes mais jovens 15 eram falantes, 33%, a maioria pertence a faixa etária de 25 anos ou mais velhos. Todos os falantes cresceram falando dialeto e português e hoje em dia também usam as duas línguas em casa, mas preferem usar o dialeto.

Acho bem mais divertido falar o dialeto, quando saio da cidade com minha amiga por diversão entre si falamos o dialeto. Mas falamos diariamente o português também. (Ana Carla Zandonai, 27 anos)

Muitas pessoas deste grupo de falantes também falam italiano gramatical, ou seja, italiano padrão que aprenderam na escola. Dá para perceber que na época tinha um professor da língua italiana. O que é interessante é o fato de que mesmo estudando italiano estas pessoas preferem falar dialeto.

Tivemos aulas na escola, mas como pratico dialeto, tenho alguma dificuldade em algumas palavras do italiano gramatical. Mas prefiro falar dialeto. (Mileide Borgonha, 27 anos)

O segundo grupo etário foi composto por 20 respondentes, todos eram falantes. Os respondentes deste grupo falam também as duas línguas, inclusive nos casos quando somente um dos pais falava o dialeto.

Eu cresci falando italiano e português, falava e sempre falo italiano com minha mãe e com os tios maternos. Sinto orgulho de saber falar dialeto mas prefiro falar português porque é mais prático, mais pessoas falam português, principalmente quando vou ao centro. (Sheila Gioconda Faustino, 40 anos)

A geração mais idosa foi representada por 10 respondentes. Estes falantes pertencem à segunda geração o que significa que os avós deles vieram da Itália. São principalmente duas respondentes, Inês Tomasi Raiser e Marta Henriqueta Zanluca que merecem atenção especial. A senhora Inês falava português somente quando sai do bairro para o Centro ou para outra cidade, quando precisa ir ao médico ou tem que se comunicar com pessoas não falantes do dialeto. Estas duas falantes do dialeto, como únicas de todos os respondentes, admitiram que não se sentem brasileiras, que se sentem *talianas*.

Não, eu não me sinto brasileira, eu sou taliana. Falo brasileiro com as pessoas que não falam talian. (Inês Tomasi Raiser, 78 anos)

Quando saio da cidade e encontro um brasileiro, falo brasileiro a não ser que encontre alguém que fale talian. Com o meu marido falo talian, com a minha filha e o genro falo em brasileiro. (Marta Henriqueta Zanluca, 79 anos)

Na resposta da Marta podemos perceber a forte consciência nacional dos imigrantes italianos vindos do Tirol.

Os não falantes são compostos por 10 pessoas da geração mais jovem e da faixa etária de 31 até 55 anos. Estes respondentes não falam dialeto porque os pais deles não falavam ou se os pais falavam, não ensinaram as crianças.

Eu não falo dialeto porque os pais não costumavam ensinar as crianças, se falava entre os adultos somente. (Eliziane Barinelli, 45 anos)

No bairro Ponta Fina Sul coletei 43 questionários, dos quais 32 pessoas eram falantes do dialeto. Dos 6 respondentes mais jovens 4 eram bilíngues, dos 15 respondentes entre 31 e 55 anos 10 falavam dialeto e dos 22 respondentes mais idosos 18 eram bilíngues. A situação linguística em Ponta Fina Sul é muito parecida com a de Ponta Fina Norte.

É importante ressaltar que na família de todos os respondentes jovens o dialeto é usado, mas apesar disso os pais não ensinam os filhos. Estes respondentes, entendendo muito bem o dialeto, preferem falar português e não têm interesse em dialeto o que pode ser causado por uma maioria significativa de falantes do dialeto em muitas famílias.

Eu não acho necessário falar dialeto, não tenho interesse. O dialeto tem a tendência de desaparecer, não é uma língua oficial usada em outros países. Mas eu gostaria de falar italiano original, já fiz aulas particulares do italiano porque é mais útil e usado na Itália.
(Alice Mozera, 18 anos)

Dos dois grupos dos respondentes mais velhos todos falam português e dialeto em casa, também cresceram falando os dois. Quanto à preferência, eles preferem usar o dialeto.

4.4.1.9 Velha

A situação no bairro Velha é muito parecida com os bairros Ponta Fina Norte e Ponta Fina Sul. Dos 32 respondentes 22 eram bilíngues usando o dialeto na comunicação de dia a dia. Dos 10 respondentes jovens 3 eram falantes de dialeto, dos 11 respondentes de 31 até 55 anos 8 eram falantes de dialeto. Dos respondentes mais idosos, todos os 11 eram bilíngues. Os jovens não falantes de dialeto pelo menos entendem porque os pais e avós falam dialeto entre si. Esta geração não foi ensinada a falar dialeto porque falar português é muito mais útil. Todos os respondentes têm em conta a importância da preservação do dialeto trentino, mas mesmo assim hoje em dia não o ensinam aos mais jovens porque o português e outras línguas estrangeiras como inglês ou espanhol são mais importantes para o futuro.

4.4.1.10 Vígolo

Do bairro Vígolo coletei 70 questionários dos quais 55 pessoas falam dialeto e 15 não falam. De todos os respondentes 17 pertenceram à faixa etária até 30 anos de idade dos quais 10 são bilíngues, 24 respondentes eram entre 30 até 55 anos de idade dos quais 20 falam dialeto, dos 29 respondentes mais velhos que 55 anos 25 eram bilíngues. Os falantes bilíngues usam o dialeto no dia a dia. Dos respondentes que não falam dialeto, a maioria foi composta por pessoas jovens entre 15 até 30 anos de idade, ou seja, 7 respondentes. Estas pessoas não falam dialeto, mas a maioria deles consegue entender. O segundo grupo etário foi representado por 4 não falantes bem como o grupo de respondentes mais idosos. A maioria dos adultos moradores de Vígolo são bilíngues, os não falantes eram também compostos por pessoas de fora, ou seja, de origem brasileira, que se instalaram no Vígolo devido ao turismo e abriram uma loja.

No final da análise dos bairros situados no centro urbano acho importante enfatizar os fatores principais que contribuem para a capacidade ou incapacidade de falar dialeto. Como o fator principal pode ser considerado, sem dúvida, o período da ditadura de Getúlio Vargas, mesmo após o fim da ditadura os habitantes desta parte da cidade preferiam falar português para evitar problemas ou vergonha e também pelo fato de português ser a língua oficial, o dialeto não era considerado útil, nem tinha nenhum prestígio social. Outro fator é a presença dos brasileiros que se instalaram principalmente nos centros administrativos de cidades, assim surgiram famílias mistas onde se perdeu a vontade de preservar o dialeto, assim o português ganhou de novo. Em muitos casos os respondentes admitiram que os pais falavam dialeto quando não queriam que os filhos entendessem o que pode ser considerado também como um dos fatores. Apesar do fato de que no Centro da cidade o português é mais falado do que o dialeto, a maioria das pessoas da origem italiana trentina com a exceção da geração mais nova consegue entender o dialeto. Para a pergunta se estes respondentes são capazes de entender o dialeto a maioria deles escolheu a opção *Apesar de não falar eu consigo entender quase tudo* ou a segunda opção *Entendo mais ou menos*. Como já foi mencionado as pessoas idosas que não falam o dialeto têm o grau de escolaridade mais alto e assim perceberam a importância e o prestígio do português e perderam o hábito de falar e às vezes até o interesse, mas quando entram em contato com falantes de dialeto conseguem entender. Todos os respondentes sentem orgulho da origem italiana, mas alguns deles não consideram o dialeto uma língua útil, mas sim como algo que saiu da moda.

4.4.2 Localidades do interior

Como existem muitas localidades situadas no interior é difícil fazer a ordem das mais próximas até as mais afastadas, em esse caso vou começar pelas localidades onde encontrei o número mais elevado dos habitantes bilíngues, ou seja, Morro da Onça, Ribeirão da Velha, Vasca, Frederico, Baixo Salto, Alto Alferes, Tirol e Indaiá. Outro grupo das localidades do interior é formado por áreas onde o número dos falantes não ultrapassa 50% da população local como por exemplo Lombardia, Espriado II, Ribeirão Bilú, Ferreira Viana, Pitanga e Bom Retiro. As localidades onde o número dos falantes não ultrapassa 20% da população local são Morro da Cruz, Alto Salto, São Valentim, Rio Bonito, Alto Pitanga, Saudade, Lajeado, Reginaldo, Serraval e Rio Branco.

4.4.2.1 Localidades do interior com o número elevado dos falantes bilíngues

Do bairro Morro da Onça consegui 27 respondentes, a maioria destes a partir de 40 anos de idade. Dos mais jovens consegui somente 5 respondentes o que pode ser um indicativo causado por um número menor da população dos jovens. 12 respondentes pertenceram ao grupo etário entre 31 e 55 anos, 10 respondentes ao grupo etário a partir de 56 anos. Dos 5 respondentes até 30 anos de idade 3 pessoas são bilíngues, dos 12 respondentes até 55 anos de idade 10 são falantes do dialeto, dos 10 respondentes mais idosos 8 são bilíngues. O bairro Morro da Onça, igualmente ao bairro Vígolo, pertence aos bairros onde mais se usa o dialeto o que pode ser causado pela população mais velha e pela localização distante do centro urbano da cidade.

No bairro Ribeirão da Velha coletei 26 questionários dos quais principalmente os respondentes mais velhos de 45 anos pertenceram aos falantes do dialeto. Dos 7 respondentes mais jovens 2 eram bilíngues usando o dialeto com seus avós. Na faixa etária entre 31 e 55 anos de idade, dos 10 respondentes 8 eram falantes do dialeto. Dos 9 respondentes mais idosos todos eram bilíngues.

Do bairro Vasca consegui somente 15 respondentes, 5 de cada grupo etário. Todos os respondentes a partir de 31 anos falam dialeto, os respondentes a partir de 56 anos de idade cresceram falando as duas línguas. Dos 5 respondentes mais jovens, 2 respondentes são falantes do dialeto interessando se em falar dialeto sempre quando tem a oportunidade.

Do bairro Frederico juntei somente 15 questionários, 3 dos respondentes mais jovens, 6 dos respondentes entre 31 e 55 anos e 6 mais idosos de 55 anos. Todos eram falantes de dialeto que é usado na comunicação no dia a dia. Os falantes jovens usam o dialeto principalmente com os membros da família porque não todas as pessoas da mesma geração são bilíngues enquanto outros dois grupos usam dialeto também no trabalho ou na rua.

O bairro Alto Alferes é o bairro vizinho do Vígolo localizado na parte do interior. Comparando com o Vígolo em Alto Alferes encontrei ainda mais falantes do dialeto. Dos 26 respondentes 23 eram bilíngues, 2 falantes do dialeto pertencem ao grupo etário até 30 anos de idade, 12 pertencem ao grupo de 31 até 55 de idade e 9, ou seja, todos os respondentes mais idosos, pertencem aos falantes. Somente 3 respondentes não eram falantes do dialeto por serem da origem alemã.

No bairro Baixo Salto consegui coletar 72 questionários, dos quais 58 pessoas eram bilíngues. Dos 16 jovens 10 falavam dialeto, dos 30 respondentes entre 31 e 55 anos 25 eram bilíngues e dos 26 respondentes mais velhos de 56 anos 23 eram falantes do dialeto.

As localidades do Tirol e Indaiá ficam localizadas uns 15 quilômetros do centro de Nova Trento no caminho para Brusque que é a colônia alemã. As duas localidades são características por um número elevado dos falantes bilíngues. Em Tirol, dos 21 respondentes 13 eram bilíngues. Dos 7 respondentes jovens, 2 eram bilíngues, dos 7 respondentes até 55 anos 5 eram bilíngues. 6 falantes foram registrados no grupo dos respondentes mais idosos, 1 pessoa que não falava dialeto foi da origem alemã. Em Indaiá a situação foi quase igual, quer dizer dos 25 respondentes, 18 eram bilíngues. Dos 5 jovens 1 era bilíngue, dos 11 respondentes entre 31 e 55 anos 8 falavam dialeto e dos mais idosos todos os 9 falavam dialeto. Em estas duas localidades encontrei o número elevado dos falantes, os respondentes não falantes do dialeto também são da origem alemã.

4.4.2.2 Localidades do interior onde o número dos falantes bilíngues não ultrapassa 50%

Nos bairros que seguem, o número dos respondentes bilíngues é um pouco menor o que pode ser causado por estarem localizados perto do centro ou, de outro lado, afastados bem longe das localidades onde o dialeto é falado ou simplesmente por serem habitados por descendentes alemães ou poloneses. De 6 bairros que pertencem a esta categoria coletei 141 questionários.

Nas localidades situadas no norte do centro urbano encontrei 11 falantes bilíngues dos 30 respondentes em Lombardia e 10 falantes bilíngues dos 22 respondentes em Espraiado II. A única diferença foi entre os falantes bilíngues jovens, em Lombardia não encontrei nenhum falante do dialeto até 30 anos de idade enquanto em Espraiado II dos 5 jovens 2 falavam dialeto. Estas duas localidades junto com o distrito de Claraíba são conhecidas por um número grande dos falantes de alemão.

Em Ribeirão Bilú, localidade situada no oeste do centro urbano, dos 23 respondentes a partir de 31 anos de idade, 10 respondentes eram bilíngues. Dos 6 jovens até 30 anos de idade, 2 eram bilíngues.

Em Ferreira Viana dos 20 respondentes falavam dialeto somente 8 respondentes mais velhos de 30 anos de idade, nenhum dos jovens era bilíngue nesta localidade.

Em Pitanga dos 20 respondentes 9 eram bilíngues e de Bom Retiro dos 20 respondentes 8 eram bilíngues. Nas duas localidades encontrei também os falantes jovens, o mais jovem tinha somente 12 anos de idade.

4.4.2.3 Localidades do interior onde o número dos falantes bilíngues não ultrapassa 20%

As localidades seguintes do interior, além de Morro da Cruz, se encontram muito afastadas do centro urbano contando com uma população muito pequena. Devido ao acesso complicado, o número dos questionários coletados foi pequeno, por isso nesta parte vou apresentar o número dos falantes bilíngues em porcentagem. Nestas localidades somente as pessoas a partir de 58 anos de idade são bilíngues, respondentes jovens bilíngues não foram encontrados. Como os resultados destes bairros não são tão significativos como os resultados nos bairros já mencionados e não teriam impacto nenhum na comparação final dos dois municípios, não são incluídos nas tabelas na parte final deste capítulo.

No Morro da Cruz os falantes bilíngues são representados por 14% dos respondentes. No Alto Salto os falantes bilíngues representam 20% dos respondentes. Em São Valentim, Rio Bonito, Alto Pitanga e Saudade os falantes do dialeto representam de 15% até 18% dos respondentes. Em Lajeado os falantes bilíngues representam 19% dos respondentes. Nas localidades mais afastadas como Reginaldo, Serraval e Rio Branco, 19% dos respondentes são falantes bilíngues.

4.4.2.4 Localidades colonizadas por descendentes alemães, poloneses e russos

Como já foi escrito, o município de Nova Trento não é somente da descendência italiana, além de imigrantes italianos, os alemães e os poloneses também se instalaram nesta parte da região. Os bairros como Capivara, Cancelas, Conquista, Oito Casas, Ribeirão Veado, Trombudo, Valsugana, Molha, Mesquita ficam dezenas de quilômetros do centro urbano. Como o afastamento destas partes foi muito grande, a pesquisa com os habitantes destes bairros foi feita usando o método do diálogo no centro urbano onde alguns deles trabalham. Devido a descendência italiana ser pequena, estes bairros não fazem parte dos resultados colocados nas tabelas finais.

Entre todos os bairros mencionados, há também dois distritos que fazem parte de Nova Trento, ou seja, os distritos de Claraíba e Aguti que foram colonizados por imigrantes alemães com descendência italiana muito baixa. Claraíba é um distrito que fica na divisa entre Nova Trento e Brusque. Como já foi mencionado, a maioria da população é da origem alemã com o número muito pequeno dos descendentes italianos. Dos 22 respondentes tinham somente 2

falantes de dialeto. A situação no distrito Aguti foi muito parecida, dos 18 respondentes, somente 2 falavam dialeto.

Os questionários coletados em Nova Trento mostraram que a população se interessa pela cultura, tradições e língua dos seus antepassados. Não somente pessoas mais velhas falam dialeto, mas também os jovens gostam de falar dialeto, inclusive nos casos quando a família não falava dialeto tinha pessoas jovens que aprenderam a falar. Não somente nos bairros do interior, mas também no centro se falava dialeto, podia ser ouvido nas ruas, nos supermercados ou também na prefeitura.

4.4.3 Tabelas dos dados coletados em Nova Trento

Tabela 1: Proporção dos falantes de dialeto no município de Nova Trento⁸²

	Centro urbano	Interior
R	779	379
F	421 (54%)	243 (64%)
NF	358 (46%)	136 (36%)

Tabela 2: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do centro urbano de Nova Trento divididos em faixas etárias

Faixa etária	Respondentes	F	NF
0-30	243 (31%)	59 (24%)	184 (76%)
31-55	272 (35%)	161 (59%)	111 (41%)
56 e mais	264 (34%)	201 (76%)	63 (24%)

Tabela 3: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do interior de Nova Trento divididos em faixas etárias

Faixa etária	Respondentes	F	NF
0-30	84 (22%)	32 (38%)	52 (62%)
31-55	147 (39%)	103 (70%)	44 (30%)
56 e mais	148 (39%)	108 (73%)	40 (27%)

⁸² R-respondentes, F-falantes de dialeto, NF-não falantes de dialeto.

Tabela 4: Porcentagem dos falantes de dialeto de todos os respondentes de cada faixa etária no centro urbano e no interior de Nova Trento

Faixa etária	Centro urbano	Interior
0-30	24%	38%
31-55	59%	70%
56 e mais	76%	73%

Tabela 5: Comparação do número de falantes de dialeto de todos os falantes bilíngues no centro urbano e no interior de Nova Trento

Faixa etária	Centro urbano (421)	Interior (243)
0-30	14%	13%
31-55	38%	42%
56 e mais	48%	45%

Para concluir a situação sociolinguística em Nova Trento, podemos ver que não tem muita diferença em número de falantes de dialeto entre os bairros do centro e os do interior, como podemos ver na tabela número 1 a diferença faz somente 10%. Segundo a tabela número 2 podemos concluir que a maioria dos falantes de dialeto morando no centro urbano pertencem a faixa etária de 56 e mais anos de idade. Do centro urbano são principalmente os bairros do Centro, Trinta Réis e Cascata onde o dialeto é falado quase exclusivamente por gerações mais velhas. O segundo grupo mais numeroso de falantes é obviamente a faixa etária de 31-55 anos de idade. Nos bairros de Besenello, Mato Queimado, Espriado I e Rio do Braço podemos ver que o número dos falantes de dialeto do grupo até 55 anos e do grupo mais velho que 56 anos é bem parecido, às vezes igual. No bairro de Cascata podemos até ver que o grupo mais numeroso de falantes foi o grupo da faixa etária de 31-55 anos de idade. Os respondentes mais jovens do centro urbano pertencem na sua maioria a não falantes de dialeto, comparando com os respondentes mais velhos somente um quarto dos jovens falavam dialeto. Apesar desse fato, nos bairros de Ponta Fina Norte, Ponta Fina Sul e Vígolo os dados mostram que o dialeto é falado também por muitos jovens, pode ser devido à localização um pouco afastada dos bairros centrais do centro urbano.

A situação no interior é um pouco diferente. Na tabela número 3 podemos ver que a proporção dos falantes de dialeto nas faixas etárias de 31-55 e de 56 e mais anos de idade é

quase igual, dos mais jovens é mais que um terço que falam dialeto. É verdade que entre os falantes de dialeto jovens no centro urbano e no interior não tem uma diferença tão grande que talvez tenhamos esperado, mas a explicação é fácil, no interior a população jovem não é muito numerosa. Questionámos somente 84 respondentes jovens enquanto no centro urbano o número de respondentes jovens foi 243. Por exemplo no bairro de Morro da Onça dos 5 respondentes jovens 3 falavam dialeto, no bairro Frederico todos os respondentes jovens falavam dialeto.

A proporção dos falantes de dialeto de todos os respondentes do centro e do interior de Nova Trento que podemos ver na tabela número 4 mostra a diferença mínima em percentagem dos falantes na faixa etária de 56 e mais anos de idade. Na tabela número 5 podemos ver a proporção de número dos falantes de dialeto de todos os falantes bilíngues, a diferença entre os falantes bilíngues no centro urbano e no interior é mínima, mas a explicação é muito fácil, ou seja a população do interior é muito menos numerosa do que a população do centro, principalmente a população jovem é muito pouca. A mais numerosa é a população entre 50 e 65 anos. Os habitantes com idade superior aos 65 anos que viviam no interior, em muitos casos voltaram para o centro por causa da melhor proximidade de comodidades cívicas como hospitais, farmácias ou lojas de alimentos.

4.5 Divisão administrativa de Nova Veneza

O município de Nova Veneza é também formado por bairros localizados no centro urbano, no interior e por distritos. Os bairros que fazem parte do centro urbano são Centro, Bortolotto, Bortoluzzi, Santo António e Elisa. Os bairros que pertencem ao interior são São José, São Martinho, São Bento Alto, Jardim Florença, Vila Maria, São Francisco, Picadão, Rio Cedro Baixo, Rio Cedro Médio e Rio Cedro Alto. Os distritos pertencentes ao município são São Bento Baixo e Caravaggio.

Os questionários foram coletados em todos os bairros acima mencionados. Os bairros onde o número das pessoas bilíngues não ultrapassou 20%, o caso do Picadão e Rio Cedro, não são incluídos nas tabelas no final do capítulo. O número total dos questionários foi 1.190 dos quais a grande maioria foi coletada no bairro Bortolotto, ou seja, 316 questionários e no bairro do Centro, ou seja, 270 questionários. No início do trabalho de campo a locomoção foi muito difícil, portanto dediquei bastante tempo a estes dois bairros onde foi fácil se locomover a pé. Comparando com o centro urbano de Nova Trento, em Nova Veneza quase não havia falantes bilíngues jovens. O número maior dos falantes foi encontrado nos bairros do interior,

principalmente no bairro do São Bento Alto onde de todos os participantes da pesquisa todos eram falantes de dialeto.

4.5.1 Centro urbano de Nova Veneza

A situação linguística nos bairros do centro urbano de Nova Veneza, quer dizer, nos bairros do Centro, Bortolotto, Bortoluzzi, Elisa e Santo António, foi mais ou menos igual e clara, os falantes do dialeto foram principalmente as pessoas mais idosas. Encontrei somente 12 respondentes dos mais jovens que se interessam em aprender a falar e usar o dialeto vêneto. Os primeiros bairros analisados são os grandes bairros mais próximos ao centro. Como o acesso aos respondentes foi fácil, nestes bairros consegui coletar o maior número dos questionários. Os maiores bairros de Nova Veneza são o bairro Bortolotto com 1.572 habitantes, Centro com 1.337 habitantes, Bortoluzzi com 414 e Elisa com 311 habitantes.

4.5.1.1 Centro

O número total dos questionários coletados no Centro foi 270 dos quais 96 respondentes (36%) eram falantes do dialeto e 174 respondentes (64%) eram não falantes. Os falantes do dialeto vêneto que moram no Centro são na sua maioria pessoas com mais de 55 anos de idade, na faixa entre 31 e 55 anos de idade encontrei falantes bilíngues também, mas dos respondentes mais jovens consegui somente 6 falantes.

Eu gosto mais de falar italiano, falo em casa com meus pais ou com nonos na rua. (Ângela Mariana Panato Ghislandi, 27 anos)

Do grupo etário de 31 até 55 anos coletei 90 questionários, dos quais 30 eram falantes bilíngues.

Eu falo português, inglês, italiano gramatical e vêneto. Mas falo vêneto somente quando encontro algum amigo que sabe também falar em vêneto ou quando encontro pessoas mais velhas que falam dialeto. (Fabiano Pacheco Mazzucco, 35 anos)

Eu gostaria de enfatizar a resposta de Kelli Cristina Bongioiolo a pergunta se ela se sente brasileira.

Não, eu não me sinto brasileira porque não tenho afinidade com a cultura brasileira, cresci dentro dos princípios italianos. (Kelli Cristina Bongioiolo, 43 anos)

Falamos dialeto quando não queremos que as pessoas entendam o assunto, em brincadeira também. (Kelli Cristina Bongioiolo, 43 anos)

Eu falo português e vêneto, até 6 anos de idade falava somente vêneto, após usava as duas línguas, português e dialeto vêneto. Falo dialeto com alguns parentes, familiares e amigos em festas, ocasiões especiais como aulas ou missas. (Maria Lúcia Gava Colombo, 49 anos)

Dos respondentes bilíngues a partir de 56 anos de idade consegui 60 questionários. A maioria das pessoas deste grupo de falantes cresceu falando só dialeto ou dialeto e português, aprendendo a falar português mais tarde na escola. Portanto a primeira língua deles foi o dialeto italiano.

Eu falo português e dialeto, mas cresci falando só dialeto, por isso passava por dificuldades na escola e ficava muitas vezes de castigo por não poder responder em português. Hoje falo mais português em casa, falo dialeto quando encontro parentes. (Lourdes Maravai Ferro, 63 anos)

Eu falo dialeto e português, cresci falando dialeto. O pai só queria que falássemos italiano. Quando entrei na escola não falava português mas aprendi. Adorava a escola. Hoje falo dialeto com marido, com outros falo português. (Luíza Sacheti Bortoluzzi, 82 anos)

Eu me sinto entre brasileiro e italiano. Os meus pais falavam português só um pouquinho. Eu cresci falando dialeto, nos anos 1942 e 1943 sofri muito porque falava só dialeto e não entendia na escola. Hoje em dia falo com meus filhos português porque apenas um deles fala dialeto mas prefiro falar dialeto, falo sempre dialeto quando outra pessoa fala também. Falo dialeto principalmente com amigos jogando cartas. Minha filha ensina italiano gramatical, mas ela não fala dialeto. (Mário Moro, 83 anos)

A geração dos falantes mais velhos, especialmente os cerca de 80 anos morando no Centro cresceram falando dialeto como a primeira língua e aprenderam a falar português só na escola durante o governo de Getúlio Vargas quando as escolas, fornecendo educação em dialetos, foram fechadas.

Os não falantes contam com 174 respondentes, 74 dos mais jovens, 60 dos de idade entre 30 e 55 anos e 40 dos não falantes mais idosos. Os jovens não falam porque os pais deles não são falantes do dialeto ou apenas não usavam dialeto em casa. Muitos dos jovens também não têm interesse em aprender ou apenas não tiveram oportunidade de prática ou estudo, eles entendem o dialeto só um pouco ou não entendem nada.

Eu não falo dialeto porque nunca tive oportunidade de aprender. Prefiro aprender outras línguas, o vêneto não me faz falta em meu dia a dia. (Marina Maccarini Lourenço, 22 anos)

As razões por não falar dialeto para o grupo etário entre 31 e 55 anos de idade são bem parecidas, ou seja, falta de prática, falta de interesse ou neste caso também a preferência de estudar italiano gramatical, mas mesmo assim eles conseguem entender o dialeto mais ou menos.

Eu não falo dialeto porque não despertou meu interesse, talvez por ser muito difícil para aprender na minha infância. (Maria Edilene Waterkemper, 51 anos)

Não falo dialeto vênето por lecionar o italiano gramatical com alunos, mas considero correto preservar as origens. Cresci falando português e dialeto italiano, mas hoje em dia falo somente português com minha família. Consigo entender o dialeto mais ou menos. (Simone Moro Pereira, 42 anos)

Dos mais idosos que não falam dialeto encontrei 40 respondentes que não falam porque os pais não falavam com eles.

Os meus pais no passado falavam italiano e português, mas depois deixaram de falar dialeto e só falavam português, pois eu não tinha como aprender. Os meus avós falavam dialeto também mas pararam para que os netos aprendessem a falar português. (Ladir Bongiollo, 63 anos)

4.5.1.2 Bortolotto

O número dos questionários do bairro Bortolotto que é o maior bairro de Nova Veneza foi 316 dos quais 104 respondentes (33%) eram falantes e 212 respondentes (67%) não falantes. A grande maioria dos falantes são representantes do grupo etário a partir de 56 anos, ou seja, 70 respondentes. Somente 6 falantes pertencem ao grupo dos respondentes mais jovens e 28 falantes ao grupo etário entre 31 e 55 anos de idade.

Cresci falando as duas línguas, dialeto em casa e português na praça. Hoje em casa falo português, mas com minhas tias e primas falo dialeto. Falo dialeto quando outra pessoa também fala ou quando quero falar piada. (Rosa Nazari Ghisleri, 69 anos)

Quando era pequena falava dialeto vênето como primeira língua, depois aprendi a falar português e falo também italiano, fui também professora da língua italiana aqui em Nova Veneza. Morei sete anos na Itália. Em encontros familiares e com meus irmãos falo vênето, em casa falo português, mas em geral prefiro falar português ou italiano. (Aurelia Gava Destro, 70 anos)

Os não falantes representam as pessoas de todos os grupos etários, mais a maioria pertence ao grupo de mais jovens e ao grupo das pessoas até 55 anos de idade. Dos 212 respondentes não falantes, 72 pessoas pertencem ao grupo etário até 30 anos de idade, 80 pessoas são entre 31 e 55 anos de idade e 60 pessoas pertencem ao grupo de mais velhos. É importante destacar que da geração mais velha os não falantes não ultrapassam 70 anos de idade porque os respondentes desta faixa etária são geralmente considerados falantes de dialeto em qualquer bairro de Nova Veneza.

4.5.1.3 Bortoluzzi

No bairro Bortoluzzi coletei 100 questionários dos quais 36 pessoas (36%) são falantes e 64 (64%) não falantes. Os falantes são representados somente por pessoas mais velhas de 30 anos. Até 30 anos de idade não consegui nenhum falante. O falante mais jovem dos respondentes deste bairro tinha 47 anos de idade. Dos 36 falantes somente 12 pertencem ao grupo até 55 anos, o resto são pessoas mais idosas, a partir de 70 anos de idade.

Eu cresci falando brasileiro mas aprendi a falar dialeto também. Em casa falo português, mas com meus pais, sogro e amigos falo dialeto. A minha língua favorita é italiano. (Vanderlei José Cividini, 47 anos)

Eu cresci falando dialeto, mais tarde aprendi português na escola. Hoje em dia falo mais português, falo dialeto só com meu marido. Eu prefiro falar português porque é mais bonito. (Zoraide de Mattia Ghislandi, 75 anos)

Eu falava dialeto até casar, aprendi português na escola, mas foi tranquilo. Às vezes falava dialeto com meu marido, mas ele faleceu, hoje falo dialeto só quando encontro alguém que também fala. (Olinda de Cézaro Cavallere, 76 anos)

Toda a minha família fala vêneto. Eu cresci falando só italiano. Até hoje em dia falo vêneto com a minha família e com amigos. Eu gosto mais de falar italiano. (José Pazetto, 84 anos)

Os 64 não falantes pertencem aos primeiros dois grupos de idade, ou seja, à faixa etária até 30 anos e entre 31 e 55 anos de idade. Os mais jovens, que não falam, nunca foram ensinados ou não pegaram o hábito porque os pais deles não falavam. As pessoas mais velhas de 30 anos de idade pelo menos conseguem entender um pouco porque na sua maioria os pais deles falavam dialeto.

A resposta de Maristela de 48 anos a pergunta porque ela não fala vêneto é muito especial, é a única resposta deste tipo.

Não teve sentido de falar vêneto, a gente não queria passar vergonha, mas meus pais, avós e minha irmã falam, eu consigo entender um pouco. (Maristela Pазetto Constantina, 48 anos)

4.5.1.4 Santo Antônio

O bairro Santo Antônio é um dos menores bairros de Nova Veneza. O número dos questionários coletados foi 30. Somente 10 respondentes (33%) eram falantes e pertenceram apenas aos moradores mais idosos. 20 respondentes (67%) eram não falantes dos dois grupos etários restantes.

Falo português e italiano, cresci falando os dois, mas prefiro falar italiano. Em casa falo as duas línguas, mas quase todos da minha família e dos amigos falam dialeto também. Falo dialeto sempre quando o outro também fala, falo também no trabalho quando atendo às pessoas. (Maria Jacqueline Ghisleri Maccarini, 50 anos)

4.5.1.5 Elisa

No bairro Elisa foram coletados 64 questionários. Este bairro é conhecido por ter recebido a população misturada, além dos descendentes dos imigrantes italianos neste bairro se instalaram também os descendentes dos alemães e brasileiros que vieram a Nova Veneza. Dos 64 respondentes, 16 (25%) são falantes e 48 (75%) não falantes. Os falantes são representados por respondentes mais velhos de 56 anos de idade, mas a maioria dos falantes são pessoas com idade superior aos 70 anos.

Nos bairros que formam o centro urbano de Nova Veneza podemos concluir que são principalmente as pessoas mais idosas que falam e até hoje usam o dialeto vêneto. Os respondentes na faixa etária entre 31 e 55 anos falam somente quando foram ensinados por pais ou avós. Quanto aos mais jovens estes quase não falam dialeto. A capacidade de falar italiano e, em alguns casos a vida na Itália, é visível nos respondentes entre 31 e 55 anos, eles têm a consciência de dialeto vêneto ser uma língua dos antepassados que deveria ser preservada, mas do ponto de vista linguístico não se interessam pelo dialeto. Os mais jovens, ou seja, os estudantes do ensino médio ou superior têm mais acesso às línguas inglesa, alemã ou espanhola, hoje em dia não se ensina italiano em Nova Veneza. No passado se ensinava, mas na maioria dos casos se tratava somente de conhecimentos básicos como cores, números, etc. Os que falam italiano fizeram o curso privado, aprenderam na universidade fora de Nova Veneza ou participaram de um programa de intercâmbio na Itália.

A maioria dos falantes vem da segunda geração, mas mesmo usando dialeto a maioria deles preferem falar português por ser mais bonito ou por terem sofrido durante a ditadura. Os falantes da faixa etária entre 31 até 55 anos preferem falar dialeto porque o dialeto para esta geração foi algo adicional, interessante e não obrigatório. Deste grupo etário a maioria dos que falam são formados por aqueles que se interessam pela língua dos seus pais e avós.

Dois pequenos bairros que fazem também parte do centro do município são Santo Antônio e Elisa. A situação linguística é muito parecida com os grandes bairros já analisados.

4.5.2 Bairros localizados no interior

Os bairros descritos acima mostraram que no centro podemos encontrar principalmente os falantes de português, somente os respondentes mais idosos falavam dialeto. No caso dos bairros do interior poderíamos ver a diferença na porcentagem dos falantes do dialeto. Os problemas destes bairros foram a falta de dados populacionais e também a localização, em alguns casos, muito afastada do centro da cidade. Os bairros com população significativa para a nossa pesquisa são classificados a partir dos mais próximos até os mais afastados do centro da cidade. Os bairros menores com baixa densidade populacional são mencionados juntos.

4.5.2.1 São José

Neste bairro foram coletados 50 questionários, 40 respondentes (80%) eram falantes de todos os grupos etários e 10 pessoas (20%) eram não falantes do grupo etário até 30 anos de idade. Todos os respondentes mais idosos, 18, e todos os na faixa entre 31 e 55 anos de idade, 16, são bilíngues.

Cresci falando dialeto em casa e português na escola. Hoje falo dialeto só com meu marido. Gosto de falar mais português. (Maria de Lourdes Rossi Tomassi, 71 anos)

Desde a minha infância falava dialeto e português. Hoje em dia falo mais português porque quando falo dialeto os outros não entendem. (Ida Cúnico Possamai, 88 anos)

Das pessoas mais jovens coletei 16 questionários, 6 pessoas eram bilíngues e 10 não falavam dialeto. Dos não falantes mais jovens, 6 respondentes que participaram da pesquisa, mesmo sem falar dialeto, conseguem entender muito bem, 4 pessoas jovens não falantes entendem dialeto somente um pouco porque na família deles o dialeto não se usava.

Não falo dialeto porque hoje em dia poucos falam, aí não estou acostumada, mas consigo entender quase tudo quando alguém fala. (Beatriz Zanoni Tomasi, 20 anos)

Os meus pais, nem os meus avós falavam dialeto, por isso não sei falar, mas entendo dialeto mais ou menos. (Magali Burin Simoni, 24 anos)

4.5.2.2 São Martinho

Este bairro pertence aos bairros pequenos, mas colonizados por italianos. Dos 30 respondentes, 22 (73%) eram falantes de todos os grupos etários. Dos 8 não falantes, 6 eram pessoas mais jovens de 30 anos, 2 não falantes tinham 44 e 50 anos de idade. Pelas observações percebi que neste bairro a maioria das pessoas mais velhas que 30 anos de idade conversam só em dialeto. Se aparecer um estranho, eles falam português.

4.5.2.3 São Bento Alto

Em São Bento Alto coletei 64 questionários dos quais 48 respondentes (75%) eram falantes, pertencendo a todos os grupos etários, 16 respondentes (25%) eram não falantes, também de todos os grupos etários. Como este bairro fica longe do centro não vivem muitas pessoas jovens lá.

Na minha família falamos dialeto vênето juntos ou com parentes mais próximos, nas festas e encontros. Todos os membros da família falam dialeto. (Angelo Rogério Gava, 51 anos)

Em casa falo dialeto, na escola eu falava português, mas na minha época não sofri na escola por causa do dialeto. Eu gosto mais de falar dialeto, falo sempre quando encontro alguém que fala também. (Mirtes Moura Ghislandi Gava, 72 anos)

A primeira língua que aprendi a falar foi o dialeto. Minha mãe falava só dialeto, o pai também português. Em casa eu sempre falava dialeto e com vizinhas português. Gosto de falar mais português. (Lídia Nazara Duminelli, 81 anos)

Eu falava dialeto em casa com os pais, na escola foi meio difícil porque tive que aprender a falar português. Mas hoje gosto mais de falar português, também em casa falo mais português, uso o dialeto quando estou brava. (Carpúnia Amboni Montardi, 92 anos)

A pessoa mais velha que não fala dialeto tem 73 anos. Não fala dialeto porque na família dela nem pais, nem os avós falavam.

4.5.2.4 Jardim Florença

O bairro Jardim Florença está localizado perto de São Bento Baixo, na divisa com Criciúma e Forquilha, portanto uma grande parte da população vem de fora, ou seja, é de origem brasileira vindo das cidades vizinhas. Os questionários coletados neste bairro mostraram que

somente 5 dos 20 respondentes são falantes de dialeto, mas hoje em dia falam somente português porque mais ninguém da família é falante do dialeto.

4.5.2.5 Vila Maria

No bairro Vila Maria consegui 32 respondentes dos quais 22 falavam dialeto e 10 eram não falantes. Dos falantes somente 4 pessoas eram mais novas de 30 anos, ao grupo até 55 anos de idade pertenceram 8 falantes, a maioria dos falantes são pessoas mais velhas de 55 anos. Os não falantes são pessoas das primeiras duas faixas etária, ou seja, até 30 e até 55 anos de idade.

Como eu morava no interior, não tinha como estudar. Os meus pais falavam dialeto e também português, errado mas falavam. Eu falava dialeto com pais, com outras pessoas falava português que aprendi falando. Desde 13 anos de idade eu falava somente português porque entrei na congregação como freira. O dialeto já se perdeu, tinha vizinhos que falavam só português. (Adélia Amália Zanellato, 88 anos)

4.5.2.6 São Francisco

No bairro de São Francisco foram coletados 54 questionários dos quais 36 (67%) destinados para falantes e 18 (33%) para não falantes. A faixa etária dos falantes começava nos 15 anos de idade, quer dizer que entre os falantes deste bairro encontrei todos os grupos etários. Os não falantes também são representados por pessoas de todos os grupos etários, mas encontrei somente 2 respondentes não falantes das pessoas mais idosas.

Eu falo só português porque os meus pais não falavam. Somente meus avós falavam, por isso consigo entender muito bem. (Zenezia Fragnani Mazzucco, 65 anos)

4.5.3 Bairros com pequena minoria de descendentes italianos

Igualmente como no interior de Nova Trento, também no interior de Nova Veneza encontrei algumas áreas onde o dialeto vênето quase não é falado. Os bairros Picadão, Rio Cedro Baixo, Rio Cedro Médio e Rio Cedro Alto são bairros muito pequenos, habitados em sua maioria pela população brasileira, somente em Picadão e Rio Cedro Médio encontrei alguns descendentes italianos. Estes bairros são muito pequenos, a maioria dos moradores tem origem brasileira, somente a minoria da sua população é da origem italiana. A maioria das pessoas falam português. Em Picadão encontrei um falante de dialeto de 63 anos e no Rio Cedro Médio uma falante de 81 anos. No Rio Cedro Baixo e no Rio Cedro Alto não encontrei nenhum falante do dialeto.

4.5.4 Distritos de São Bento Baixo e Caravaggio

A população do São Bento Baixo é na sua maioria da origem brasileira e alemã. Como o bairro fica na divisa com Criciúma, recebeu muita população brasileira. Dos 20 participantes somente 2 pessoas conseguiram falar dialeto um pouco.

A situação linguística no distrito de Caravaggio é ainda mais complexa do que em Nova Veneza. Enquanto nos bairros analisados anteriormente se fala dialeto vênето, em Caravaggio além do dialeto vênето se fala também dialeto bergamasco. Dos 128 respondentes 70 eram falantes e 58 não falantes de dialeto vênето. Dos falantes somente 10 pessoas eram mais novas do que 30 anos, 25 falantes pertenceram ao grupo das pessoas até 55 anos de idade e 35 falantes possuíam idade superior aos 55 anos de idade.

Eu cresci falando português, mas meus avós e meus pais sempre falavam o dialeto. Eu ouvia mas respondia em português. Em casa falo português, mas às vezes soltamos algumas frases em dialeto. Quando estou com amigos de minha geração e que sei que falam o dialeto gosto de falar um pouco. (Rosembel Aparecida Gava Milanez, 49 anos)

Dos não falantes, 30 pessoas pertenceram ao grupo etário de até 30 anos, 19 respondentes não falantes eram mais velhos do que 30 anos e somente 9 não falantes pertenceram ao grupo das pessoas mais idosas.

O fato de que no Caravaggio se fala também dialeto bergamasco não distorcem os resultados da pesquisa. Mas dá para perceber que também no Caravaggio vivem muitos falantes bilíngues. Este distrito fica isolado de todos os bairros de Nova Veneza, a sua população é quase toda de origem italiana. Na comunidade italiana de Caravaggio a presença dos falantes do vênето ou bergamasco é muito forte.

4.5.5 Tabelas dos dados coletados em Nova Veneza

Tabela 6: Proporção dos falantes de dialeto no município de Nova Veneza

	Centro urbano	Interior
R	780	250
F	262 (34%)	130 (52%)
NF	518 (66%)	120 (48%)

Tabela 7: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do centro urbano de Nova Veneza divididos em faixas etárias

Faixa etária	Respondentes	F	NF
0-30	222 (28%)	12 (5%)	210 (95%)
31-55	270 (35%)	70 (26%)	200 (74%)
56 e mais	288 (37%)	180 (62,5%)	108 (37,5%)

Tabela 8: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do interior de Nova Veneza divididos em faixas etárias

Faixa etária	Respondentes	F	NF
0-30	47 (19%)	13 (28%)	34 (72%)
31-55	85 (34%)	44 (52%)	41 (48%)
56 e mais	118 (47%)	73 (62%)	45 (38%)

Tabela 9: Porcentagem dos falantes de dialeto de todos os respondentes de cada faixa etária no centro urbano e no interior de Nova Veneza

Faixa etária	Centro urbano	Interior
0-30	5%	28%
31-55	26%	52%
56 e mais	62,5%	62%

Tabela 10: Comparação do número dos falantes de dialeto de todos os falantes bilíngues no centro urbano e no interior de Nova Veneza

Faixa etária	Centro urbano (262)	Interior (130)
0-30	4%	10%
31-55	27%	34%
56 e mais	69%	56%

Segundo os dados coletados em Nova Veneza a diferença em número de falantes de dialeto no centro urbano e no interior pode ser vista muito claramente. No interior mais que a metade da população fala dialeto enquanto no centro urbano o número de falantes de dialeto mal ultrapassou um terço. Os dados da tabela número 7 mostram quais faixas etárias mais usam o dialeto. O número de falantes jovens de dialeto no centro urbano é muito pequeno, até insignificante, enquanto os falantes de dialeto mais velhos ultrapassaram 60%. O número de falantes na idade de 31 até 55 anos não chega ao terço. Na tabela número 8 podemos ver uma participação crescente de falantes de dialeto entre jovens e entre o segundo grupo etário enquanto o grupo de falantes mais velhos continua igual como no centro urbano. Na tabela número 10 vemos que no centro e no interior de Nova Veneza são principalmente os mais idosos que falam dialeto, em relação ao número de respondentes podemos ver que a porcentagem de falantes de dialeto do segundo grupo etário é quase igual.

A situação linguística nos bairros do centro de Nova Veneza não difere em partes individuais, ao contrário dos bairros do centro de Nova Trento. Nos bairros do Centro, Bortolotto, Bortoluzzi, Santo António e Elisa os falantes de dialeto pertenceram na sua grande maioria aos respondentes mais velhos. No interior de Nova Veneza vimos o número elevado de falantes de dialeto jovens, comparando com os bairros do centro a porcentagem de falantes jovens dobrou mesmo levando em consideração que a população jovem era menos numerosa que no centro.

4.6 Comparação dos dados coletados em Nova Trento e Nova Veneza

Tabela 11: Proporção dos falantes e não falantes de dialeto no centro urbano e no interior de Nova Trento e Nova Veneza⁸³

Falantes/localidade	Centro urbano	Interior	Centro urbano	Interior
	NT	NT	NV	NV
F	54%	64%	34%	52%
NF	46%	36%	66%	48%

Segundo os dados coletados em Nova Trento podemos ver que a diferença da proporção dos falantes bilíngues e não falantes no centro urbano não é grande, portanto dá para perceber o número elevado dos falantes bilíngues também no centro da cidade. No interior de Nova Trento podemos ver a diferença entre falantes e não falantes do dialeto. Para concluir, em Nova Trento vive um número elevado dos falantes bilíngues se for no centro urbano ou no interior. Quanto a Nova Veneza, o número dos falantes no centro urbano não é tão grande comparando com Nova Trento. Mas no interior de Nova Veneza o número dos falantes bilíngues ultrapassa 50%. O número dos falantes bilíngues no interior de Nova Veneza pode ser comparado com o número dos falantes bilíngues no centro urbano de Nova Trento. Portanto a diferença entre Nova Trento e Nova Veneza ficou bem clara já depois da primeira tabela.

Tabela 12: Proporção dos falantes de dialeto nos municípios de Nova Trento e Nova Veneza

Faixa etária	Centro urbano	Interior	Centro urbano	Interior
	NT	NT	NV	NV
0-30	14%	13%	4%	10%
31-55	38%	42%	27%	34%
56 e mais	48%	45%	69%	56%

Quanto às faixas etárias, podemos ver que o menor número dos falantes bilíngues jovens se encontra no centro urbano de Nova Veneza. A proporção dos falantes bilíngues jovens no centro urbano e no interior de Nova Trento é quase igual. Enquanto a diferença do número dos falantes bilíngues da segunda e terceira faixa etária em Nova Trento não é tão grande, em

⁸³ NT-Nova Trento, NV-Nova Veneza.

Nova Veneza podemos ver que a diferença entre o número dos falantes bilíngues da segunda e terceira faixa etária é bastante significativa, o que significa que em Nova Veneza a grande maioria dos falantes bilíngues vem do grupo dos respondentes mais idosos.

Para concluir a diferença entre Nova Trento e Nova Veneza podemos ver que a menor porcentagem dos falantes bilíngues da terceira faixa etária foi mostrada no interior de Nova Trento, o que nos indica que todas as faixas etárias usam o dialeto, mas é importante sempre ter em mente que no interior, especialmente nos bairros remotos, o número dos habitantes não é muito grande, enquanto que no centro urbano de Nova Veneza o número dos idosos é muito maior e que em sua maioria são principalmente somente eles que falam dialeto.

Antes de concluir o capítulo com os fatores sociais relevantes, acho importante mencionar a importância da política linguística de Vargas como um dos fatores históricos que teve um impacto significativo para a preservação dos dialetos nas duas comunidades. Além da política linguística no nível estadual, temos que tomar em conta também práticas linguísticas dentro de famílias que, ou obedeceram às regras da política linguística do estado, ou continuaram preservando o dialeto aplicando a *política linguística de resistência*,⁸⁴ o que foi somente possível nos municípios onde a proibição de usar línguas de imigrantes não foi controlada tão estritamente, o que foi o caso de Nova Trento.

Em pesquisas sociolinguísticas a *idade* é um *fator constante*, é uma variável linguística que condiciona a mudança de linguagem na sociedade. Junto com outros parâmetros sociais, dependendo do tipo de comunidade, pode ser com muita probabilidade o fator decisivo.⁸⁵ A idade tem uma influência significativa sobre o uso de dialeto nas duas comunidades, muito mais do que outros fatores sociais. Os dialetos ficam divulgados da geração mais velha para a geração mais jovem, quer dizer, um certo fenômeno da onda de geração se aplica.

Outro parâmetro importante, o bairro, é um fator socio-econômico que é muito relacionado com uma variável linguística chamada de *origem geográfica*. A concentração de habitantes da mesma origem pode ser própria a umas partes específicas da cidade ou bairros receptores de imigrantes. Esta dimensão geolinguística muito provavelmente resulta na influência de fala, ou seja, no uso de dialeto.⁸⁶ No caso dos municípios de Nova Trento e Nova Veneza podemos

⁸⁴ REYNA MUNIAIN, MANTEROLA, NANDI, *Educación plurilingüe con lenguas minoritarias en contextos de diáspora y su impacto en las políticas lingüísticas en familias neo-hablantes: el caso del gallego en Argentina*, p. 110-111.

⁸⁵ ECKERT, *Age as a sociolinguistic variable*, p. 151.

⁸⁶ MORENO FERNÁNDEZ, *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, p. 68-69.

ver que o dialeto se usa muito mais nos bairros do interior, ou seja, no campo enquanto no centro urbano o dialeto é usado menos, também por contar com uma parte de população brasileira que se estabeleceu no centro e assim afetou a realidade sociolinguística, enquanto os descendentes de imigrantes ficaram em áreas remotas, alguns deles saíram do centro para o campo também durante a era de Vargas, principalmente em Nova Veneza onde a proibição linguística nacionalista foi mais estrita que no centro de Nova Trento. Quanto à influência de bairros, podemos ver o fenômeno da onda da periferia para o centro, ou seja, em geral o dialeto se espalha principalmente em bairros do interior.

No nosso trabalho, como já foi mencionado, tentamos conseguir 10% de respondentes de cada bairro mas nos bairros pequenos de descendência alemã, polonesa e russa localizados principalmente no interior dos municípios encontramos muito poucos descendentes italianos, assim não foi possível obter tal quantidade de questionários como nos bairros de grande descendência italiana. Por isso nesses casos aplicamos o *individualismo metodológico*, ou seja, consideramos que o indivíduo em uma comunidade se comporta linguisticamente como um grupo a que pertence, ou seja, é um representante de uma comunidade determinada ou de um grupo social.⁸⁷ Em comunidades localizadas no interior com número muito baixo de descendentes italianos ficou muito claro que se um indivíduo dentro de uma família sabe falar dialeto, é muito provável que a maioria dos membros fale dialeto também, ou se um indivíduo pertencendo a uma determinada faixa etária sabe falar, provavelmente outros membros da mesma faixa etária falam dialeto também.

Segundo Alvar, a profissão anda de mãos dadas com fatores como educação ou classe social, mas também junto com a situação linguística no lar e a comunidade imediata em que o falante se encontra regularmente, principalmente na comunidade de trabalho. Geralmente as pessoas que exercem as profissões mais prestigiosas costumam usar também as variantes de línguas mais prestigiosas e assim se afastando da política linguística em casa.⁸⁸ A nossa pesquisa não provou a importância de profissão como um dos fatores sociais relevantes para o uso de variantes mais prestigiosas porque os respondentes, falantes bilíngues, exercendo profissões mais prestigiosas como professores, médicos ou representantes públicos cujas famílias usavam o dialeto, falam dialeto com muito gosto e falam sempre quando encontram alguém que fale também.

⁸⁷ MORENO FERNÁNDEZ, *Metodología sociolingüística*, p. 52.

⁸⁸ ALVAR, *Lengua y sociedad*, p. 114.

5 Preferências linguísticas em Nova Trento e Nova Veneza

Como já foi mencionado no capítulo anterior, a diferença no uso de línguas e as preferências linguísticas em Nova Trento e Nova Veneza são às vezes bastante diferentes o que podemos ver especialmente no número dos falantes de dialeto entre os jovens nos bairros do centro urbano. Enquanto em Nova Trento o dialeto é preservado, em Nova Veneza o dialeto perde seus falantes em favor do português ou do italiano padrão.

Como foi visível no capítulo 4, os fatores decisivos são principalmente a localização do bairro e a idade, segundo estes critérios foram analisados os questionários. Em Nova Veneza vimos o número elevado de falantes de dialeto somente nos bairros do interior enquanto em Nova Trento vimos uma certa diferença também nos bairros localizados no centro urbano, ou seja, em áreas urbanas que ficaram afastadas do bairro do Centro o número de falantes proporcionalmente aumentava. O grau da escolaridade dos respondentes também pode ter impacto, principalmente no caso das pessoas com o grau superior de ensino, porque estas pessoas muito provavelmente entraram em contato com o italiano padrão. O fator irrelevante é o gênero dos respondentes.

Em este capítulo vão ser apresentadas as preferências e as atitudes dos respondentes, as relações dos respondentes aos dialetos e ao italiano padrão, as instituições que preservam os dialetos como patrimônio cultural e os fenômenos linguísticos de *bilinguismo*⁸⁹ e *diglossia*⁹⁰ sob os quais se manifesta o uso de dialetos no dia a dia. Uma parte vai ser dedicada às situações de alteração de códigos, ou seja, *code-switching* e *code-mixing*.

Este capítulo vai mostrar também a frequência do uso de dialetos e os lugares particulares onde os respondentes os usam. Além dessas informações usei também um *experimento sociolinguístico*, ou seja, coloquei uma pergunta sobre as preferências do ensino de dialetos ou de italiano padrão nas escolas municipais e também o nível de compreensão dos dialetos e do italiano gramatical o que ainda enriqueceu a amostra de conhecimento, preferências e atitudes de falantes e também de não falantes de dialetos.

⁸⁹ O bilinguismo é caracterizado como domínio nativo de duas línguas ou aquisição perfeita de duas línguas (MORENO FERNÁNDEZ, *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, p. 207).

⁹⁰ A diglossia é a situação sociolinguística em que existe uma variedade padronizada com um certo prestígio e a outra popular, este uso diferenciado pode ser aplicado não somente em duas variantes da mesma língua, mas também em duas línguas diferentes que têm funções distintas dentro de uma comunidade (MORENO FERNÁNDEZ, *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, p. 221).

5.1 Preservação dos dialetos italianos no sul do Brasil

Nos últimos anos do século anterior os dialetos italianos receberam muito mais atenção e o dialeto vênето no Rio Grande do Sul, ou seja, *talian*, ganhou o status de patrimônio linguístico. Este fato aumentou o interesse em utilizar ou aprender a falar os dialetos, principalmente da parte dos jovens que viviam em um ambiente familiar onde os dialetos italianos eram usados.

Sobre a relação aos dialetos italianos podemos falar principalmente dentro das comunidades onde esses são falados, como por exemplo no estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina onde se localizam numerosas comunidades italianas. Sem dúvida nenhuma, hoje em dia, os dialetos italianos são entendidos como herança cultural e têm muito mais prestígio como no passado mesmo entre as pessoas de origem brasileira que não os falam, nem entendem.

Primeiros passos para a preservação dos dialetos italianos no Brasil foram tomados no estado do Rio Grande do Sul a partir de 1970, após o fim do governo de Vargas. Além de normatização do dialeto vênето no território riograndense, que passou a ser chamado de *talian*, existem muitas iniciativas para a preservação, difusão e propagação da língua *talian* que resultaram em proclamação do *talian* como Referência Cultural Brasileira e como língua co-oficial em vários municípios do Rio Grande do Sul, como por exemplo nos municípios de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Serafina Corrêa ou Barão e também nos dois municípios de Santa Catarina, ou seja, nos municípios de Ipumirim e Nova Erechim, os dois localizados no oeste de Santa Catarina. O *talian* possui o status de patrimônio histórico e cultural somente nos estados brasileiros onde é falado, ou seja, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Entre as instituições mais importantes que cobriam o processo inteiro de co-oficialização de língua *talian* foi a Universidade de Caxias do Sul junto com o Instituto Vênето de Caxias do Sul. Em 2014 o *talian* foi oficialmente proclamado como língua de imigrantes e como patrimônio linguístico pelo IPHAN (Instituto Nacional do Patrimônio Histórico e Artístico). Este reconhecimento oficial foi um passo muito importante para a sua divulgação no sul do Brasil.⁹¹

Em relação à preservação da cultura dos imigrantes trentinos que vieram a Santa Catarina há quase cento e cinquenta anos, há duas organizações que se ocupam da vitalidade do dialeto trentino, o Círculo Trentino e a Família Trentina. O Círculo Trentino é uma organização que

⁹¹ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/11/moradores-da-serra-gaucha-tentam-salvar-o-dialeto-talian-da-extincao-4638051.html> [consultado em 02/11/2021].

tenta salvar a variante do *trentino*, fortalecendo as relações entre Nova Trento e Trento na Itália. De acordo com os seus membros a preservação do dialeto trentino é essencial para construir uma identidade comum *trentitaliana*. Por outro lado, a Família Trentina não vê a importância em preservar essa variante dialetal, uma vez que é usada apenas por via oral e pode desaparecer dentro de algumas décadas. Os membros desta organização consideram muito mais importante difundir o italiano oficial da Itália, ou seja, o italiano padrão porque oferece a possibilidade de estudar ou trabalhar na Itália patrocinada por programas do governo.⁹²

Em relação à preservação do dialeto vênето falado em Santa Catarina, esta é, como foi já dito, mais focada no *vênето riograndense* que se espalhou também para o oeste catarinense onde, em algumas comunidades, também desempenha o papel de língua co-oficial. Em relação ao *vênето* falado no sudeste do estado, este ficou como patrimônio cultural dentro das comunidades italianas, mas sob nenhum envolvimento oficial ou patrocínio organizacional.

5.2 Dialeto trentino e vênето na situação de bilinguismo e diglossia

Nas duas comunidades italianas testemunhei as situações de bilinguismo entre o português e dialeto que é muito comum em comunidades bilíngues situadas na parte sulista do território brasileiro. A situação de bilinguismo se manifesta principalmente na forma de *bilinguismo coletivo*⁹³ que é um fenômeno muito comum nas comunidades receptoras de imigrantes. Os imigrantes podem se integrar na comunidade resultando em perder suas línguas maternas desde a segunda ou terceira geração ou podem viver isolados da população local e assim transmitindo a língua dos pais para os filhos.⁹⁴ Nos municípios de Nova Trento e Nova Veneza os imigrantes e seus descendentes primeiro viveram isolados da população local, só depois de algumas décadas começaram a se integrar na sociedade receptora mas enfrentando dificuldades sociais, culturais ou econômicas.

No caso das duas comunidades, os imigrantes italianos vieram para as áreas quase desabitadas onde tiveram que construir as casas e fertilizar as terras. A população brasileira estava em minoria. Assim os imigrantes, como a maioria populacional, não foram forçados a se integrar

⁹² DE MARCO, *A trajetória e presença do talian e do dialeto trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural*, p. 118.

⁹³ O bilinguismo coletivo, também chamado de bilinguismo social, é um fenômeno sociolinguístico onde se falam duas línguas diferentes em uma comunidade, ou seja, a comunidade inteira é bilíngue ou a maioria dela. (MORENO FERNÁNDEZ, *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, p. 216).

⁹⁴ MORENO FERNÁNDEZ, *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*, p. 217.

imediatamente, nem aprender a falar português. Primeiras gerações de imigrantes italianos viveram na situação de bilinguismo, ou seja, o português e os dialetos italianos coexistiram em paz. O fim da sua coexistência como duas línguas de comunicação e a necessidade de aprender português chegou principalmente com o governo de Vargas e com sua política linguística que proclamou o português a única língua oficial do país.

Com a chegada do regime nacionalista a existência de dialetos e português nas comunidades de imigrantes passou do *bilinguismo coletivo* para a *diglossia combinada com bilinguismo*.⁹⁵ As escolas paroquiais foram fechadas e as crianças tiveram que estudar em português e falar somente português que foi a única língua de comunicação aceita, o uso de línguas de imigrantes foi proibido. Assim, o dialeto se falava somente em casa com os membros da família e na comunicação oficial se usava o português. Hoje em dia a situação linguística é parecida, nas duas comunidades existem o português e dialeto na situação de diglossia quando o dialeto se usa principalmente em casa e o português se usa na escola, no trabalho e na comunicação com autoridades. Mas na prática, os habitantes falantes de dialetos italianos geralmente preferem falar dialeto e o falam sempre quando sabem que a outra pessoa também fala, não somente em casa, mas frequentemente no trabalho também.

5.2.1 Prestígio linguístico dos dialetos italianos

Nesta parte do capítulo vamos ver a frequência do uso dos dialetos italianos, as categorias de idade que os mais usam e também o contexto em qual os dialetos são usados. Segundo estes dados vamos tentar deduzir o prestígio dos dialetos italianos usando também dados demográficos disponíveis.

Em 1990 o número aproximado dos habitantes de Nova Trento morando no centro urbano foi 3.695 enquanto no interior moram 4.625 habitantes. A composição da população em 1995 mostra que 73% da população é de origem italiana e 11% da população é de origem brasileira, o resto são os descendentes de alemães, poloneses ou outros.⁹⁶

⁹⁵ ČERNÝ, *Úvod do studia jazyka*, p. 217.

⁹⁶ BOSSO, *Noaltri chi parlen tuti en talian: dialetti trentini in Brasile*, p. 96.

Tabela 13: Frequência do uso do dialeto por falantes bilíngues em Nova Trento

frequência/faixa etária	até 30 anos (91)	31-55 anos (264)	a partir de 56 anos (309)
quase sempre	0 (0%)	11 (4%)	37 (12%)
às vezes	11 (12%)	69 (26%)	195 (63%)
muito pouco	80 (88%)	184 (70%)	77 (25%)

Tabela 14: Lugares onde o dialeto é usado em Nova Trento

com quem/faixa etária	até 30 anos	31-55 anos	a partir de 56 anos
só em casa	87 (96%)	190 (72%)	164 (53%)
família/amigos/parentes	4 (4%)	61 (23%)	114 (37%)
no trabalho/na rua	0%	13 (5%)	31 (10%)

No caso de Nova Veneza infelizmente não disponho com dados do número estimado dos habitantes no centro urbano e no interior.

Tabela 15: Frequência do uso do dialeto por falantes bilíngues em Nova Veneza

frequência/faixa etária	até 30 anos (25)	31-55 anos (114)	a partir de 56 anos (253)
quase sempre	0%	0%	10 (4%)
às vezes	0%	9 (8%)	56 (22%)
muito pouco	25 (100%)	105 (92%)	187 (74%)

Tabela 16: Lugares onde o dialeto é usado em Nova Veneza

com quem/faixa etária	até 30 anos	31-55 anos	a partir de 56 anos
só em casa	25 (99%)	99 (87%)	187 (74%)
família/amigos/parentes	0 (1%)	15 (13%)	58 (23%)
no trabalho/na rua	0%	0%	8 (3%)

Nas últimas décadas o interesse em falar dialeto aumentou também da parte dos falantes monolíngues. Os falantes bilíngues em muitos casos até preferem falar dialeto ao português. Em comparação geral, os falantes bilíngues em Nova Trento gostam de falar mais dialeto do

que português, sendo a diferença muito pequena, enquanto em Nova Veneza a maioria dos falantes de dialeto prefere falar português, principalmente a segunda geração de imigrantes italianos que sofreram devido a incapacidade de falar português durante a ditadura de Getúlio Vargas. Estes respondentes, hoje na faixa etária entre 70 e 90 anos de idade, aprenderam português na escola e como foi obrigatório, eles se acostumaram mais com esta língua limitando a fala em dialeto. Segundo as respostas nos questionários coletados em Nova Trento, parece que a proibição de falar línguas dos imigrantes não foi tão forte, se a comparamos com a em Nova Veneza. Em Nova Trento não senti nenhuma aversão contra o regime de Vargas, nem contra a língua portuguesa.

Nas duas comunidades mesmo os respondentes monolíngues que falam apenas português gostam muito de ouvir falar dialeto porque sabem que o dialeto significa a história e a cultura italianas. Embora o português seja a única língua oficial nos dois municípios, os respondentes bilíngues quase sempre preferem falar dialeto em situações não oficiais, uma das poucas situações em que eles preferem falar português é quando não tem mais membros familiares mais velhos que falam dialeto e netos já falam somente português.

A questão de prestígio foi analisada como questão de atitude, não a de conduta. O prestígio pode ser definido como um processo de respeito por pessoas ou grupos que compartilham certas características que leva à imitação das atitudes e do comportamento desse grupo de pessoas.⁹⁷ No caso do município de Nova Trento vimos um certo prestígio em uso de dialeto por ser uma língua de comunicação dos antepassados e também uma língua de tradição enquanto em Nova Veneza o maior prestígio ganhou o português por ser uma língua mais prática e útil no passado, particularmente na época nacionalista.

O maior número de usuários de dialetos em Nova Trento e Nova Veneza vive nas áreas periféricas porque durante o governo de Vargas as unidades militares monitoravam se a proibição de falar línguas de imigrantes era respeitada, mas especialmente nos centros das cidades, o que resultou na extinção dos dialetos nos centros. Em Nova Trento, o *trentino* é usado por todas as gerações, o mais jovem dos respondentes tinha apenas 15 anos e pertencia à quarta geração. Em Nova Veneza, a maioria da população com menos de 40 anos não fala, nem entende o *vêneto*. A partir dessa categoria de idade, apenas os respondentes que falavam italiano conseguiram entender o dialeto.

⁹⁷ MORENO FERNÁNDEZ, *Metodología sociolingüística*, p. 187.

5.2.2 Compreensão dos dialetos trentino e vêneto

Como já foi explicado, além da relação dos respondentes aos dialetos italianos e a habilidade de falar dialetos me interessou também a capacidade de distinguir dois dialetos parecidos, por isso decidi colocar os textos seguintes nos questionários para falantes bilíngues, ou seja, para falantes de português e de um dos dialetos italianos, para ver se os falantes de *vêneto* entendem o *trentino* e vice versa, e assim descobrir se os respondentes que se classificam como bilíngues realmente falam dialeto ou têm somente o conhecimento passivo e apenas entendem. Depois de ter mostrado o texto em *trentino* para os respondentes em Nova Veneza e o texto em *vêneto* para os respondentes de Nova Trento entendi até que ponto são capazes de entender e perceber a diferença. No trabalho usei os seguintes textos curtos:

O texto traduzido para os dialetos foi o seguinte: *Foi um lindo dia de sol. Às 8 horas pegamos o trem para Pádua. Depois de meia hora chegamos a Veneza. Da estação de trem fomos para a Praça de Espanha. Cambiamos dinheiro e depois andamos a São Marcos. Um pouco antes de chegar a Ponte de Rialto tinha um mercado de frutas e verduras onde tinha o maior sortimento de cogumelos de temos visto em nossas vidas.*

Uma amostra pequena do dialeto trentino: *L'era un bel di de sol. Sem partì, col trem, de Pàdova a le oto de matina. Mes ora dopo s'era a Venéssia. De la stassion sem nai zo par la Lista de Spagna. Gavem cambià soldi e dopo, a pe, sem nai per San Marco. En poc prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe n'era el pù gran sortimento de fonghi che gavem vist in vita.*

Uma amostra pequena do dialeto vêneto: *L'era un bel di de sol. Semo partidi, in treno, de Pàdova a le oto dela matina. Mesa ora dopo sèrino a Venéssia. Dela stassion semo ndati zo par la Lista de Spagna. Gavemo fato càmbio de moneda e dopo, a pié, semo ndati verso San Marco. Una s-cianta prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe zera el pi grandò sortimento de fonghi che gavemo visto in vita.*

Além das preferências linguísticas fiquei também interessada no nível de compreensão dos dialetos pela parte dos respondentes. Como já indicamos, a diferença é muito pequena, refletida principalmente no aspeto fonético. O *trentino* é uma variante foneticamente mais simplificada comparando com o *vêneto*, o que podemos ver por exemplo em sufixos reduzidos em verbos. Os falantes destas duas variantes se entenderam facilmente. Para os entrevistados de Nova Trento colocamos no questionário um pequeno texto em *vêneto* e, para

os entrevistados de Nova Veneza usamos um texto em *trentino* e pedimos que traduzissem o *vêneto* para o *trentino* e vice-versa.⁹⁸

Nenhum dos participantes falantes de um dos dialetos teve dificuldades com a tradução. Foram principalmente os falantes de *trentino* que encontraram as diferenças entre estas duas variantes. Quase 80% de falantes de *trentino* entenderam as diferenças no *vêneto*, porque algumas das palavras eram um pouco mais complexas, formadas por sufixos que não são usados no *trentino*. Por outro lado, um terço de falantes de *vêneto* consideravam o *trentino* a variedade dialética deles, apenas um pouco modificada. Mais que 60% de falantes de *vêneto* perceberam que, mesmo entendendo, o *trentino* é uma variedade dialetal diferente.

Os falantes de dialeto *trentino* conseguiram entender o texto em *vêneto*, 78% dos respondentes escolheram a segunda opção, isto é, *Entendi a maioria, é o nosso dialeto, mas um pouco modificado, mas entendo tudo sem problemas* adicionando que é um pouco mais complexo do que o dialeto usado em Nova Trento. 22% dos respondentes escolheram a primeira opção, isto é, *Entendi completamente tudo, é o dialeto que falamos*. Aqui dá para perceber que estes respondentes não têm o conhecimento muito firme do dialeto ou somente não o usam com muita frequência, por isso não perceberam as diferenças mesmo não sendo muito grandes. Mas também pode ser causado por falta da forma escrita do dialeto *trentino* que pode resultar em mais variações das palavras usadas.

Em Nova Veneza, a compreensão do texto em *trentino* também foi fácil, mas aqui mais pessoas, 34% dos respondentes, optaram pela primeira opção *Entendi completamente tudo, é o dialeto que falamos*, o que significa que o conhecimento do dialeto *vêneto* não é suficientemente bom ou também pode ser causado pelo fato de que o dialeto *trentino* é menos complexo que o dialeto *vêneto* e por isso os respondentes consideraram *trentino* o dialeto deles. 66% dos respondentes perceberam a diferença entre o *vêneto* e o dialeto escrito, ou seja, *trentino*. A incapacidade de uma parte dos respondentes de Nova Veneza de perceber a diferença entre os dois dialetos pode ser explicada pela mistura do dialeto usado com o italiano padrão, pois o conhecimento do *vêneto* é muito misturado com elementos do italiano padrão. Quer dizer, que principalmente os falantes de italiano padrão não perceberam

⁹⁸ A forma escrita dos textos em ambos os dialetos foi obtida graças à ajuda dos participantes que conseguiram transcrever o texto em *talian* que tem a forma escrita e é usado no Rio Grande do Sul para os dialetos deles. Com cada tradução, os participantes nos alertaram que, devido à ausência de regras normativas, eles escrevem da maneira como ouvem.

a diferença entre o dialeto trentino e vêneto. Segundo os falantes de italiano, o dialeto trentino falado em Nova Trento é parecido com o italiano arcaico que era falado no norte da Itália.

5.3 Multilinguismo nas comunidades italianas

Como já indicado, nas comunidades italianas não acontece apenas o fenômeno de bilinguismo, mas também de multilinguismo quando o português e dialeto entram em contato com o italiano padrão, ou seja o italiano oficial. São principalmente as relações positivas com a Itália ou a vontade de viajar a conhecer o país dos antepassados que fortalecem o interesse em falar italiano usado na Itália. Principalmente os jovens geralmente consideram o italiano uma língua muito útil para o futuro mas ao mesmo tempo não subestimam a língua dos seus antepassados.

O multilinguismo pode ser observado nas duas comunidades, mas em Nova Trento não de uma escala tão grande como em Nova Veneza. Os habitantes em Nova Trento que entraram em contato com o italiano padrão são principalmente os que já viajaram para a Itália ou estudaram na universidade onde escolheram o italiano como uma língua opcional. Encontrei também os jovens, não falantes de dialeto, que, por interesse pelo dialeto, começaram a estudar italiano padrão para aprender pelo menos o básico para ser capaz de entender dialeto, mas depois perceberam que o conhecimento do italiano pode ser útil somente para algum vocabulário do dialeto e que os melhores professores do dialeto são seus avós ou bisavós.

Em Nova Veneza o multilinguismo é muito mais difundido já que a maioria dos jovens preferem falar italiano padrão que estudaram na escola ou que aprenderam durante os estudos na Itália ao invés de dialeto. O italiano é falado no mesmo contexto e em situações parecidas que o dialeto. Levando em consideração esta preferência, podemos dizer que o dialeto é considerado uma língua de cultura e de tradições enquanto o italiano é algo mais novo, mais útil, mais moderno, mas que não caracteriza completamente os imigrantes italianos. Os habitantes de Nova Veneza bem diferenciam a língua dos seus antepassados e a língua do país de onde vieram. Muitas vezes é o país de onde os imigrantes vieram um motivador muito forte para aprender a falar italiano.

5.3.1 Posição do italiano gramatical

A presença do italiano oficial, ou seja, do italiano gramatical, padrão ou da Itália é muito mais significativa em Nova Veneza que mantem o contato muito próximo com a Itália. Os moradores viajam para a Itália, alguns dos respondentes até passaram alguns anos lá e a cidade de Nova Veneza com muita frequência recebe as visitas oriundas da Itália, como por exemplo estudantes ou representantes do governo local. Todos estes fatores favorecem o uso do italiano.

Os moradores de Nova Veneza, não somente falantes bilíngues, em geral preferem usar o italiano padrão por ser mais prático e útil. Entre os respondentes conheci vários professores de italiano que moraram na Itália e também ensinaram italiano na escola em Nova Veneza ou oferecem aulas particulares de italiano. São principalmente os mais jovens que se interessam por fazer aulas particulares de italiano. Somente os respondentes da faixa etária de 56 anos e mais preferem promover o uso do dialeto vêneto por ser a língua dos seus antepassados italianos e também, em alguns casos, das primeiras gerações dos descendentes deles.

Em Nova Trento um terço de respondentes na faixa etária até 30 anos de idade e também o grupo etário até 55 anos, falantes e também não falantes de dialeto, entraram em contato com o italiano oficial e aprenderam a falar. Por interesse na cultura e tradições dos seus antepassados, muitos deles começaram a estudar italiano na universidade ou pagaram o curso privado para criar um laço entre a língua e cultura de seus antepassados. Os professores de italiano preferem falar dialeto mesmo tendo passado algum tempo na Itália o que mostra muito bem a posição diferente do italiano padrão comparando com a posição muito mais prestigiosa que o italiano padrão ganhou em Nova Veneza.

Tabela 17: Número de falantes de italiano em Nova Trento

you speak italian?	up to 30 years (327)	31-55 years (419)	from 56 years (412)
Yes	105 (32%)	117 (28%)	78 (19%)
No	222 (68%)	302 (72%)	334 (81%)

Tabela 18: Número de falantes de italiano em Nova Veneza

you speak Italian?	up to 30 years (269)	31-55 years (355)	from 56 years (406)
Yes	124 (46%)	142 (40%)	130 (32%)
No	145 (54%)	213 (60%)	276 (68%)

In both municipalities we can see that the proportion of Italian speakers is almost uniformly distributed within all age groups in Nova Trento, but at the same time increasing in all age groups in the case of respondents in Nova Veneza. The number of Italian speakers is higher in younger age groups. The number of Italian speakers is, on the other hand, higher in older age groups of 56 years.

5.3.2 Italian official in the Brazilian school system

The education system in Brazil is regulated by the Federal Government through the Ministry of Education, which defines and updates the principles of the educational organization in the country. The compulsory school frequency in Brazil lasts nine years. The fundamental education is normally divided into two parts, in Fundamental I which covers the first five years (1st to 5th years) and in Fundamental II which covers the last years (6th to 9th years). The fundamental education has a diversified curriculum that can vary between schools, and that is defined by the needs of each region. Foreign languages taught from the sixth year are primarily English and Spanish. In Italian communities, Italian grammar is many times taught out of interest in the culture of the ancestors. In most cases it is taught by people who studied or simply spent some time in Italy.

The secondary education normally lasts three years. The situation regarding foreign languages taught in secondary education is very similar to the fundamental education, but besides English and Spanish one also teaches French. Italian is not taught since it is not of the interest of the state. In this way, even though the base of the Italian language is learned during the fundamental education, students interested in the Italian language can only continue studying Italian through private classes or at the university.

As for higher education, for the descendants of Italian immigrants it is very common to choose the Italian language as one of the optional subjects at the university. The universities located in the south of Brazil even support the teaching of Italian to keep at least one

pedaço da história dos imigrantes italianos também nas cidades capitais ou nos municípios maiores onde a presença da história italiana não é tão notável.

5.3.3 Entre o dialeto e italiano gramatical

O italiano gramatical desempenha um papel importante nas comunidades italianas no Brasil. De um lado é lógico entender o interesse pela pátria dos antepassados, mas por outro lado, o contato com a Itália pode ameaçar a preservação dos dialetos italianos trazidos pelos imigrantes. Para perceber as atitudes dos moradores dos dois municípios, coloquei nos questionários perguntas sobre as preferências linguísticas, ou seja, qual das línguas os respondentes gostam de falar mais ou qual língua eles gostariam que fosse ensinada nas escolas, se fosse o dialeto, o italiano ou os dois.

Quanto às preferências sobre qual língua deveria ser ensinada nas escolas em Nova Trento, as respostas variam dependendo do fato se o respondente é falante de dialeto ou não. Ao contrário com a capacidade de falar dialeto onde a idade como o fator sociolinguístico é um dos mais importantes, mas com preferências linguísticas a idade não é um fator decisivo porque em alguns casos os falantes mais idosos preferiam o italiano oficial, enquanto por outro lado, alguns não falantes de dialeto jovens preferiam o dialeto. A explicação pode ser a questão de praticidade e utilidade, ou seja, os respondentes idosos consideram o conhecimento do italiano oficial mais importante por ser mais prático no futuro para seus filhos e netos, mas de outro lado os jovens percebem a importância da herança linguística. Durante a minha pesquisa no ensino médio em Nova Trento, encontrei uma turma cuja aula de história foi ministrada por meio de uma peça do teatro sobre a história de Nova Trento em dialeto porque o professor queria trazer o dialeto trentino também entre alunos jovens.

Dos falantes de dialeto de Nova Trento a maioria, aproximadamente 40%, prefere as duas línguas, ou seja, o dialeto e também o italiano gramatical. Segundo as reações, o dialeto é importante para manter a cultura e as tradições de seus antepassados e o italiano gramatical pode ser útil nas viagens para a Itália e também pode abrir possibilidades para os jovens que queiram estudar na Itália. 35% dos falantes de dialeto preferem o dialeto porque na cidade se fala dialeto, não italiano padrão, porque é bom saber falar a língua dos avós e bisavós, e é também importante para não perder esta língua. 25% preferiam que o italiano padrão fosse ensinado porque é mais importante.

Dos não falantes de dialeto de Nova Trento, a maioria, ou seja, 42%, também prefere as duas línguas. Mas o dialeto foi escolhido somente por 21%, os que demonstraram mais interesse, em este caso 37% dos respondentes, preferem o italiano padrão porque é a língua original da Itália e é muito mais importante do que o dialeto.

Tabela 19: Preferências sobre a língua ensinada na escola em Nova Trento

Língua	Falantes de dialeto (664)	Não falantes de dialeto (494)
Dialeto + Italiano	299 (45%)	207 (42%)
Dialeto	232 (35%)	104 (21%)
Italiano	133 (20%)	183 (37%)

Em Nova Veneza a maioria dos falantes de dialeto, 51%, prefere as duas línguas, ou seja, o dialeto e o italiano. Escolhendo entre o italiano oficial e o dialeto, a maioria dos respondentes optou pelo italiano, 28%, e o resto, ou seja, 21% preferiu o dialeto vênето. Os não falantes de Nova Veneza tiveram as mesmas preferências que os falantes. O dialeto não é tão privilegiado como em Nova Trento.

Tabela 20: Preferências sobre a língua ensinada na escola em Nova Veneza

Língua	Falantes de dialeto (392)	Não falantes de dialeto (638)
Dialeto + Italiano	200 (51%)	370 (58%)
Dialeto	82 (21%)	83 (13%)
Italiano	110 (28%)	185 (29%)

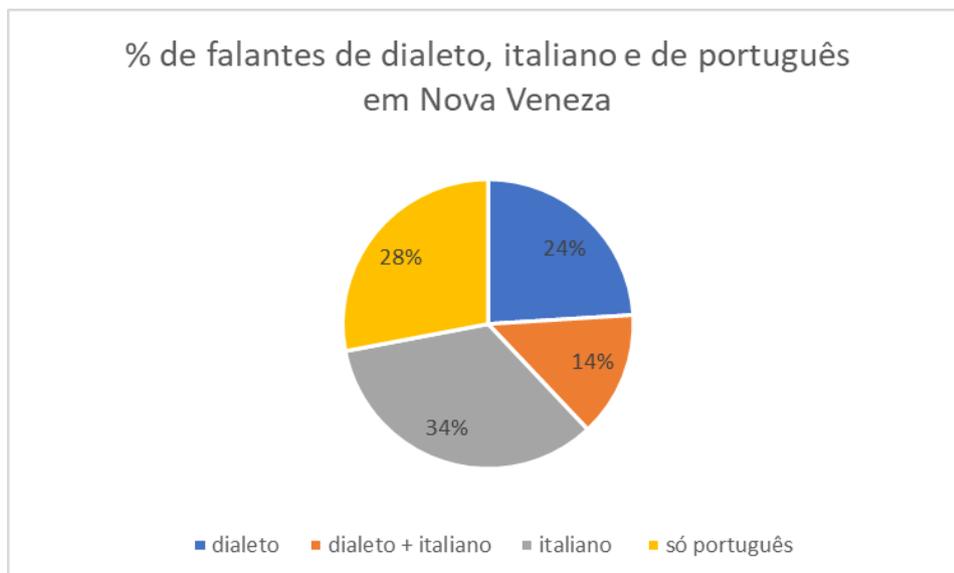
Esta diferença de preferências entre os falantes de dialeto das duas comunidades é também causada pela existência de um alto número de falantes de italiano em Nova Veneza. Quanto aos não falantes de dialeto, as preferências são idênticas, quer dizer, o italiano oficial é para eles mais importante e muito mais útil para o futuro do que o dialeto que é falado na sua maioria por mais velhos. Mesmo que também em Nova Veneza vários respondentes jovens optaram por dialeto, em geral se afirma que nesse município os não falantes de dialeto se interessam mais pela língua italiana.

Quanto às preferências dos respondentes falantes de dialeto e ao mesmo tempo falantes de italiano padrão, em Nova Trento 68% dos respondentes preferem as duas línguas, ou seja, o italiano padrão e dialeto, 24% preferem somente o dialeto e 8% preferem somente o italiano.

Em Nova Veneza, 42% dos respondentes falantes de dialeto e italiano padrão preferem as duas línguas, 8% preferem somente o dialeto e 50% preferem o italiano padrão. De novo podemos ver a importância do italiano vindo da cultura italiana espalhada por Nova Veneza.

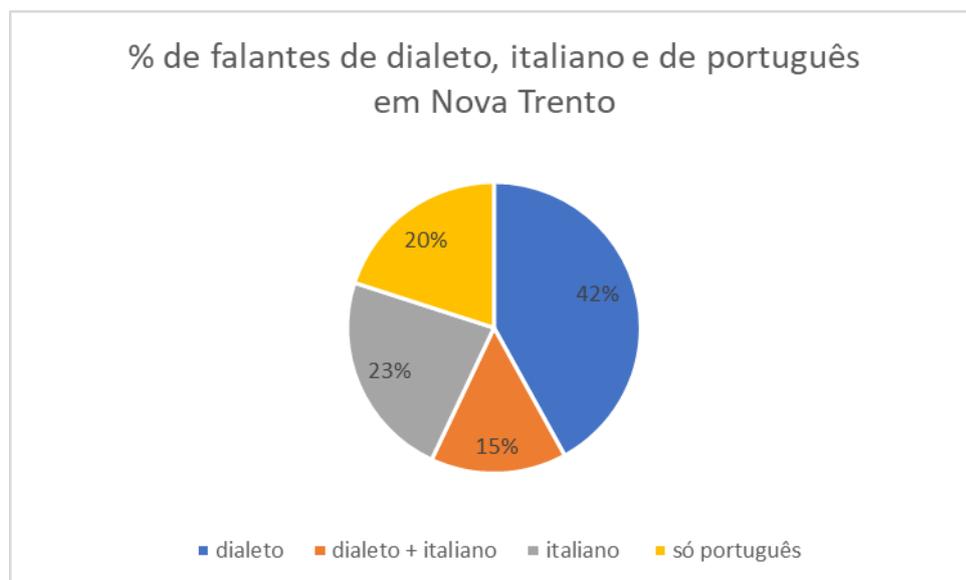
Nos dois gráficos que seguem podemos ver o número de falantes de italiano padrão e dialetos nos dois municípios. Em Nova Veneza podemos ver que é um pouco mais que um terço de moradores que falam dialeto, principalmente em casa, mas com a influência enorme de italiano padrão é provável que o número de falantes de italiano padrão vá crescer gradualmente diminuindo o número de falantes de dialeto. Em Nova Trento tem aproximadamente um terço de falantes de italiano o que mostra a posição vantajosa do dialeto fortalecida pela consciência nacional muito forte.

Gráfico 1: Proporção de falantes de dialeto, italiano e de português em Nova Veneza



De todos os 1.030 respondentes de Nova Veneza, 38%, ou seja, 392 são falantes de dialeto dos quais 14%, ou seja, 144 respondentes falam também italiano padrão que aprenderam na escola ou durante as viagens para Itália, 34%, quer dizer 350 respondentes, falam italiano padrão sem falar dialeto, o resto, ou seja, 28%, quer dizer 288 respondentes, falam somente português. Podemos ver que o número de falantes de italiano padrão é maior que o número de falantes de dialeto, tomando em conta também os falantes bilíngues em dialeto e italiano padrão, 38% de respondentes falam dialeto vêneto e 48% falam italiano padrão.

Gráfico 2: Proporção de falantes de dialeto, italiano e de português em Nova Trento



De todos os 1.158 respondentes de Nova Trento, 664, quer dizer, aproximadamente 57% são falantes de dialeto dos quais 173, ou seja, aproximadamente 15% de respondentes falam também italiano padrão que aprenderam na escola ou durante as viagens para Itália, 264 respondentes representando cerca de 23%, falam italiano padrão sem falar dialeto, o resto, 230 respondentes representando cerca de 20%, falam somente português. Podemos ver que no caso de Nova Trento o número de falantes de italiano padrão é menor que o número de falantes de dialeto, tomando em conta também os falantes bilíngues em dialeto e italiano padrão, aproximadamente 57% de respondentes falam dialeto trentino e 38% falam italiano padrão.⁹⁹

Comparando os dois gráficos, podemos mais uma vez confirmar que o italiano padrão é muito mais atraente que o dialeto para os respondentes de Nova Veneza enquanto em Nova Trento sempre prevalece o uso do dialeto trentino que fica atraente não somente para gerações mais idosas, mas também para os respondentes jovens.

⁹⁹ No caso de Nova Trento as porcentagens tiveram que ser arredondadas para evitar uso de números decimais.

5.3.4 Compreensão do italiano gramatical

A questão se o respondente fala italiano padrão foi incluída em todos os questionários. Além disso, os questionários para os falantes bilíngues não incluíam somente textos em dialetos mas também um texto em italiano padrão. Coloquei um texto intermediário em italiano para ver quais dos respondentes não falantes de italiano padrão mais compreendem o italiano, se os falantes de *trentino* ou de *vêneto*.

O texto traduzido para o italiano foi o seguinte:

No domingo passado, fui para o lago com meus amigos. Acordei de manhã cedo, me levantei imediatamente e me dirigi rapidamente para a estação para não me atrasar. Todos nós nos encontramos em frente à bilheteria da estação. Eu cheguei bem na hora. Quando entramos no trem, encontramos um compartimento livre para que pudéssemos nos divertir já durante a viagem que passou tão rapidamente. Assim que chegamos ao lago, começamos a jogar bola e depois nadamos. Só minha amiga Cecília queria descansar e deitar na areia para tomar sol. Todos nós descansamos depois do almoço. Um amigo que conhecemos e que tem um chalé à beira do lago nos convidou para ir à sua casa, onde passamos muito tempo. Ficamos com ele até quase onze da noite. Nunca nos divertimos tanto quanto naquele dia. Bronzeados e felizes pelo lindo domingo, voltamos para casa no final da tarde.

Uma amostra do italiano padrão usada nos questionários:

Domenica scorsa sono andata con i miei amici al lago. Mi sono svegliata la mattina presto, mi sono alzata subito e mi sono recata in fretta alla stazione per non arrivare tardi. Ci siamo incontrati tutti davanti alla biglietteria della stazione. Sono arrivata proprio in tempo. Quando siamo saliti sul treno, abbiamo trovato uno scompartimento libero e così abbiamo potuto divertirci già durante il viaggio che è trascorso così velocemente. Appena arrivati al lago, ci siamo messi a giocare a palla e poi abbiamo nuotato. Solo la mia amica Cecilia ha voluto riposare e si è sdraiata sulla sabbia per prendere il sole. Dopo pranzo ci siamo riposati tutti. Un amico, che abbiamo incontrato e che possiede una villetta presso il lago, ci ha invitati a casa sua dove abbiamo trascorso parecchio tempo. Siamo rimasti da lui quasi fino alle undici di sera. Non ci siamo mai divertiti tanto come quel giorno. Abbronzati e contenti della bella domenica siamo tornati a casa la sera tardi.

A maioria dos entrevistados de Nova Trento não entenderam ou entenderam apenas uma pequena parte do texto. Os falantes de *vêneto* conseguiram entender o italiano oficial com

mais facilidade do que os falantes de *trentino*. A explicação é que os moradores de Nova Veneza têm muito mais contato com o italiano do que os habitantes de Nova Trento. Muitas lojas usam nomes italianos de produtos, nas festas de cidade se fala e canta em italiano. O número elevado dos falantes do italiano padrão tem bastante impacto sobre os falantes de dialeto vêneto. Como o dialeto vêneto é mais parecido com o italiano padrão do que o dialeto trentino, os falantes de *vêneto* muitas vezes usam palavras italianas em vez de palavras vênetas sem perceber a diferença. Em Nova Veneza a maioria dos falantes de dialeto entendeu o texto em italiano, mesmo sem saber falar italiano padrão.

Quanto à compreensão do *talian* da parte dos falantes de *vêneto* em Nova Veneza, muitas pessoas não perceberam nenhuma diferença entre *talian* e *vêneto*, só alguns respondentes perceberam a presença do vocabulário vêneto influenciado pelo português usado em *talian*.

Em relação às diferenças entre o *trentino* e o *vêneto* na Itália e no Brasil, as variedades utilizadas no Brasil mantiveram sua forma arcaica, ou seja, a forma do século XIX, e não foram afetadas pelo português a tal ponto como o *talian* usado no Rio Grande do Sul, o que permite a comunicação dos falantes dos dialetos em Trento e na região de Veneza na Itália até hoje, somente com pouquíssimas dificuldades. Muitos respondentes bilíngues compartilharam comigo a experiência de usar o dialeto na Itália e a reação dos italianos que estavam muito surpresos ouvindo os dialetos arcaicos.

5.4 Code switching e code mixing nas comunidades italianas

O número de variantes linguísticas e o contexto do multilinguismo resultam na existência de um grau elevado de permeabilidade entre as línguas e os seus usuários as misturam ou transitam suavemente de uma língua para outra. Por isso neste contexto multilíngue nos deparamos com os fenômenos de *code switching* e *code mixing*.¹⁰⁰ As línguas passam por um desenvolvimento gradual que pode resultar em uma mistura de elementos linguísticos de várias línguas usados na língua de comunicação dentro das populações locais ou em uso permanente de várias palavras oriundas da língua da minoria na língua da maioria.

¹⁰⁰ Code switching é a passagem de palavras ou frases de um sistema gramatical para outro dentro de uma frase ou uma conversa inteira enquanto as palavras permanecem em sua forma original, code mixing é o uso de palavras de mais de um sistema gramatical dentro de uma frase, palavras podem ser foneticamente ou gramaticalmente modificadas. (AYEOMONI, *Code-Switching and Code-Mixing: Style of Language Use in Childhood in Yoruba Speech Community*, p. 91).

Além dos fenômenos linguísticos já mencionados, ou seja, os de bilinguismo e diglossia, a existência de *code switching* e *code mixing* é muito comum e existe também nos nossos municípios. É numa base cotidiana ouvir alguém falando português mas ao mesmo tempo utilizando umas palavras do dialeto dentro das frases portuguesas ou alguém misturando frases portuguesas com frases de dialeto dentro de uma conversa. Na sua maioria estas duas práticas linguísticas ocorrem por hábito de nomear algumas coisas relacionadas à cultura italiana somente em dialeto ou esconder um certo significado na frente de falantes não bilíngues.

Os dados e exemplos de *code switching* e *code mixing* usados neste capítulo foram coletados nos questionários durante o trabalho de campo e alguns tirei da minha experiência pessoal que ganhei durante as entrevistas ou durante a observação participativa dos respondentes nos dois municípios.

5.4.1 Code switching em Nova Trento

A população de Nova Trento gosta de falar dialeto, eles têm muito orgulho disso, ele é usado na comunicação cotidiana, principalmente entre os membros da família, mas também no trabalho quando os usuários de dialeto trocam automaticamente do português para o *trentino* quando conversam com um colega que fala dialeto também. Para a maioria dos falantes do *trentino*, este dialeto foi a primeira língua, possivelmente na situação do bilinguismo junto com o português. Os jovens também se interessam em usar este dialeto, alguns deles o dominam desde a infância junto com o português e alguns aprendem depois por interesse próprio.

A passagem do português para o dialeto trentino pode ser vista principalmente nas conversas entre as pessoas mais velhas, entre amigos ou entre colegas, ou seja, sempre quando os participantes da conversa sabem que todas as partes envolvidas falam dialeto. Dentro das famílias, o *trentino* costuma ser usado em situações em que os pais ou os avós não querem que os filhos ou os netos entendam. O mesmo acontece também nas conversas de amigos quando os falantes de dialeto não querem que outros amigos os entendam ou quando tem participantes da conversa vindo de fora da comunidade italiana.

Por exemplo: *Vamos tomar uma caipirinha. Varda che bello quel homo li.* Na primeira frase eles usam o português, na segunda frase se trata do dialeto (Olha, que homem bonito).

A passagem do português para o dialeto acontece também na comunicação com membros da família mais velhos ou para se comunicar com pessoas mais velhas em geral, para as quais o dialeto é a língua materna. A população de Nova Trento está interessada em conhecer o país de seus antepassados, até mesmo muitos moradores têm dupla cidadania. Apesar destas relações estreitas com a Itália da parte de habitantes, no nível internacional não há contatos mais próximos entre Nova Trento e Trento na Itália.

Os respondentes de Nova Trento vieram da segunda, terceira e quarta geração de descendentes de imigrantes italianos nascidos no Brasil. A maioria dos participantes da minha pesquisa pertencia à terceira e quarta geração, havia apenas uma pequena minoria pertencente à segunda geração. Os respondentes da segunda geração dominavam o português apenas na oralidade porque a língua materna deles era o dialeto, a educação nas escolas paroquiais era fornecida em dialeto. Esta geração chegou ao contato mais próximo com o português pela primeira vez na escola durante a ditadura de Getúlio Vargas, quando o português era a única língua educacional nas escolas. Depois do fim deste período infavorável, a maioria de respondentes vindo da segunda geração voltaram a usar o dialeto, por isso o *code switching* não acontece com muita frequência. Na terceira e quarta geração o *code switching* ocorre regularmente por serem as gerações que entraram em contato cotidiano com o português, mas muitos deles também com o dialeto.

Como vimos, em Nova Trento ocorre somente o fenômeno de *code switching* entre o português e o dialeto trentino, já que são estas duas línguas que são usadas por falantes bilíngues. Os falantes sabem distinguir estas duas línguas, por isso neste município não ocorre o *code mixing*, esse é mais notável em Nova Veneza nas situações em que os falantes não sabem claramente distinguir os elementos linguísticos próprios ao dialeto vêneto e ao italiano oficial da Itália.

5.4.2 Code mixing e code switching em Nova Veneza

Tanto em Nova Veneza como em Nova Trento ocorre o *code switching* entre o português e o dialeto. O contexto em que o *code switching* ocorre também é parecido com o contexto de Nova Trento, ou seja, os falantes passam do português para o dialeto principalmente nas conversas com os habitantes mais velhos, durante as festas em família, durante as festas de cidade ou, em geral, quando se encontram falantes de dialeto. Em Nova Veneza não tivemos experiência de testemunhar a passagem do português para o dialeto em locais de trabalho, lojas, escritórios ou em locais administrativos oficiais.

Embora o uso do *vêneto* como código próprio esteja constantemente presente, ele é usado muitas vezes misturado com o italiano, especialmente por usuários que falam as duas línguas, ou por aqueles que falam *vêneto* e costumam viajar para a Itália. Uma relação muito próxima com a Itália e com a língua italiana e o ensino do italiano nas escolas no passado infelizmente coloca a variante do *vêneto* em segundo plano.

Mesmo tendo o fenômeno de *code switching* em comum, a situação sociolinguística em Nova Veneza é um pouco mais complexa em comparação com a de Nova Trento porque a comunicação cotidiana não inclui apenas o português e dialeto *vêneto*, mas também o italiano padrão. Esta situação particular leva ao *code mixing*. Igual à experiência em Nova Trento, nem em Nova Veneza ocorre o *code mixing* entre o português e o dialeto, mas neste município ocorre entre o dialeto *vêneto* e o italiano padrão. O que torna a situação ainda mais complicada é o fato de que o italiano é misturado com o *vêneto* e os falantes muitas vezes não conseguem identificar a diferença, por isso muitos deles não sabem se falam italiano ou *vêneto*. Os exemplos de *code mixing* mostrados na parte seguinte foram coletados nos questionários e também durante a observação da situação linguística no município. O exemplo vem da fala cotidiana: *Io sono talian*. (Eu sou italiano) onde *Io sono* é o italiano padrão enquanto a expressão *talian* vem do dialeto. No dialeto a frase seria assim: *Mi son talian*. O caso parecido é *Ela la ze una bella ragazza*. (Ela é uma menina bonita), onde a segunda parte da frase vem do italiano padrão, a parte primeira vem do dialeto. No dialeto a frase seria assim: *Ela la ze una bea tosata*.

O *code switching* ocorre quando os usuários trocam do português para o *vêneto* e vice-versa, este fenômeno ocorre principalmente em falantes mais idosos. O *vêneto* pode ser ouvido na rua, mas só enquanto os velhinhos jogam cartas na praça, o que é uma atividade típica de homens, ou nas várias celebrações em família ou nas conversas com pessoas mais velhas. O exemplo vem do jogo de cartas na casa de um dos participantes da pesquisa: *Varda qua quante soldini*. (Olha, quanto dinheiro/moedas), *Non guera nesun*. (Ninguém esteve aqui), *Má non guera ti quella carta?* (Você não tinha a carta?).

Entre os respondentes bilíngues de Nova Veneza, havia principalmente representantes da primeira e da segunda geração no caso dos quais ocorrem os dois fenômenos, ou seja, o *code switching* entre o português e o dialeto e *code mixing* entre o dialeto e o italiano oficial. A terceira e a quarta geração quase não falam dialeto, apenas entendem algumas coisas básicas mas preferem muito mais o italiano, ou dominam apenas o português. A geração mais jovem

não fala, nem entende o dialeto, não têm interesse em aprender, preferem aprender a falar o italiano padrão mesmo às vezes usando elementos de dialeto sem entender a diferença. Por isso os falantes de italiano vindo da terceira e a quarta geração são representantes de *code mixing* entre o dialeto e o italiano oficial da Itália.

5.4.3 Mistura de códigos como realidade cotidiana

Como acabamos de ver tanto o uso de dialetos como a mistura de códigos está presente nos dois municípios em várias realidades sociais. A primeira realidade social em Nova Trento e Nova Veneza é sem dúvida a *cultura*, ou seja, a herança e tradições trazidas por primeiros imigrantes italianos. A segunda realidade social é a *comunidade* em que os moradores se concentram, particularmente os bairros. A terceira é o *agrupamento*, quer dizer, grupos de pessoas dos quais membros depende a realidade linguística, ou seja, se o dialeto é usado ou se ocorre a mudança de códigos, como um exemplo podem servir as famílias ou grupos de amigos. A prática de fala mostra que os habitantes começam a usar o dialeto automaticamente quando se encontram em um grupo de pessoas também falantes de dialetos. A quarta realidade social é a *situação*, ou seja, a mudança de códigos ocorre muitas vezes em situações quando os falantes de dialeto não querem que os não falantes os entendam, muitas vezes acontece em famílias quando os pais ou avós não querem que os filhos ou netos os entendam.¹⁰¹

O uso do italiano padrão não é muito frequente em Nova Trento o que facilita a situação linguística que se limita somente para o *code switching* que ocorre entre o português e o dialeto. O *code mixing* entre o dialeto e o italiano oficial não é presente porque a maioria dos falantes sabem indentificar a diferença entre o dialeto e o italiano e não os misturam.

Em Nova Veneza, devido ao uso do italiano muito mais frequente que em Nova Trento, além do *code switching* entre o português e o dialeto ocorre também o *code mixing* entre o dialeto e o italiano o que enriquece a situação sociolinguística, mas ao mesmo tempo a torna mais heterogênea e um pouco mais difícil para perceber. Como foi mencionado antes, o dialeto vêneto é mais parecido com o italiano padrão do que o dialeto trentino. Por isso acontece frequentemente que os falantes de *vêneto* usam palavras italianas em vez de palavras vênetas sem perceber a diferença.

¹⁰¹ MORENO FERNÁNDEZ, *Sociolingüística cognitiva: Propositiones, escolios y debates*, p. 47-48.

Tomando em conta o português como língua oficial nos dois municípios, em Nova Trento podemos ver a predominância do uso de dialeto trentino sobre o italiano padrão enquanto em Nova Veneza a superioridade do italiano padrão é muito óbvia causando um futuro desfavorável para a difusão do dialeto vêneto.

Em conexão com a mistura de códigos entre os dialetos italianos e o italiano padrão, fiz algumas entrevistas na Universidade Federal de Florianópolis para perceber a influência do italiano sobre o dialeto. Já mencionei que acontece que os falantes de dialeto, ao estudar italiano padrão, começam a usar algumas palavras italianas quando estão falando dialeto, mas também existe um fenômeno oposto, ou seja, a influência dos dialetos sobre o italiano padrão. A influência dos dialetos se refletiu principalmente no vocabulário, na maioria dos casos, os estudantes têm tendência de usar termos dialéticos em vez de termos literais italianos na forma oral. Entretanto, a influência também pode ser oposta, isto é, a influência do italiano sobre os dialetos, principalmente na forma escrita, mesmo nos casos em que o dialeto foi a primeira língua dos respondentes. Isto foi confirmado pela estudante Joseni, que admitiu, que na forma oral, mesmo sabendo, ela não a respeita a diferença entre o italiano padrão e o dialeto e os mistura apesar do fato de dialeto ser a língua materna dela. Outra respondente, Jackeline, admitiu o contrário, quando ela fala italiano, para de usar dialeto, neste caso o dialeto foi a segunda língua, logo após o português. Mas na forma escrita, as duas respondentes seguem as regras italianas, uma vez que o dialeto trentino não possui a forma escrita.

A mistura de códigos entre o português e dialeto está cada dia presente nas duas cidades, o que resultou em que algumas expressões dos dialetos usadas por falantes bilíngues já se tornaram conhecidas em tal nível que são usadas também por pessoas que não falam nem entendem o dialeto ou até nos municípios da origem brasileira. O exemplo muito usado no sul do Brasil: *O meu nono* ao invés de *avô* ou *A minha nona* ao invés de *avó*. O uso de tal palavras não tem a ver com a capacidade de falar o entender dialeto, mas sim com o sentimento de pertencer a uma certa cultura e de um certo orgulho de origens italianas.

5.5 Futuro dos dialetos trentino e vêneto

Neste capítulo vimos as preferências dos habitantes bilíngues, ou seja, falantes de dialeto e português, e falantes multilíngues das comunidades italianas de Nova Trento e Nova Veneza. Podemos concluir que em Nova Trento a língua mais preferida é sem dúvida o dialeto falado não somente dentro da família ou no círculo de amigos mais próximos mas também com colegas de trabalho, no supermercado ou na rua. A segunda língua é o português e a terceira é o italiano padrão que não é tão valorizado e apreciado como em Nova Veneza.

Infelizmente não é possível especificar exatamente em que medida o uso de um dialeto em uma sociedade é considerado manutenção do dialeto ou em que medida o uso de uma segunda língua, ou seja, do português ou no caso de Nova Veneza do italiano padrão, em uma sociedade é considerado mudança de linguagem. Em Nova Trento podemos ver várias tentativas para a manutenção do dialeto na sociedade enquanto em Nova Veneza podemos ver a mudança da linguagem e provavelmente daqui a alguns anos a perda da linguagem, ou seja, do dialeto vêneto.

Uma diminuição do número de falantes de uma determinada língua, uma diminuição da saturação de falantes desta língua na população, uma perda de conhecimento da língua ou uma diminuição do uso desta língua em várias áreas pode levar para estágios finais da mudança de linguagem, ou seja, para a morte da linguagem.¹⁰² A mudança de linguagem anda de mãos dadas com a perda de habilidades linguísticas nos indivíduos ocorrendo por um período de tempo mais ou menos prolongado, principalmente devido a uma quebra na continuidade da linguagem. Em relação à situação sociolinguística das famílias, normalmente os imigrantes de primeira geração sofrem desgaste linguístico ao longo dos anos. Os filhos desses imigrantes adquirem o dialeto já enfraquecido, no entanto, mesmo este sistema reduzido não é completamente transferido para a segunda geração por várias razões sociolinguísticas. Após essa aquisição incompleta do dialeto, formas ainda mais reduzidas são transmitidas para a terceira geração. Assim, dentro de três ou quatro gerações, os dialetos em contato com a linguagem comum, ou seja, com o português, estão condenados a morte.¹⁰³ Este cenário pode ser confirmado na maioria de comunidades de imigrantes, por isso sempre depende das comunidades se tentam promover línguas de seus antepassados ou se aceitam a sua perda.

¹⁰² BAKER, *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*, p. 59.

¹⁰³ EXTRA, YAGMUR, *Migration and Language Planning*, p. 135.

Em Nova Trento muitos eventos são realizados no dialeto trentino para promover a cultura, tradições e a língua. Como já foi mencionado, os alunos de uma escola primária estavam ensaiando uma peça de teatro sobre a história de Nova Trento em *trentino*. Tem vários grupos de teatro ensaiando em dialeto trentino. Quanto ao italiano padrão, esse costumava ser ensinado como uma língua opcional, mas hoje em dia os alunos podem escolher entre o espanhol e o inglês, porque não há professores italianos qualificados o que ajuda para promover o dialeto muito mais que o italiano.

Em Nova Veneza as preferências são diferentes. Chegando lá a influência enorme da Itália é muito bem vista, além da gôndola que foi trazida como presente do governo italiano em Veneza como ato de amizade, se organizam também intercâmbios de estudantes e funcionários públicos, especialmente no campo da gastronomia. Vários concertos e outros eventos organizados em Nova Veneza são realizados em português ou italiano. Também existem grupos musicais, mas apenas uma pequena parte deles compõe músicas em *vêneto*, a língua mais usada nos eventos culturais é o italiano. Todos esses fatores suportam e favorecem o uso do italiano padrão o que é mais que bem-vindo pela população local.

A língua mais favorita em Nova Veneza é o português, principalmente devido à política nacionalista de Vargas quando a segunda geração de imigrantes nascidos no Brasil foi mais afetada pela proibição de falar dialetos e por isso tentava transmitir o português como língua de comunicação para seus descendentes. O dialeto também continuou sendo transmitido, mas o português foi considerado uma língua mais conveniente que poderia ter sido falada sem medo. A segunda língua pelas preferências é o italiano padrão que é mais prestigioso que o dialeto. De um lado a população local sente orgulho da sua história e cultura e percebe a importância de preservar o dialeto, mas de outro lado a influência da Itália é muito forte com que cresce o prestígio do italiano. A proibição de falar dialetos em Nova Trento não era tão estritamente controlada em comparação com Nova Veneza, pode ser pelo fato de que o sul de Santa Catarina compartilha a fronteira com o estado do Rio Grande do Sul onde o número de falantes de dialetos italianos foi o mais elevado, por isso as forças de governo de Vargas se concentravam mais nesta parte do território.

Tomando em conta as preferências linguísticas não podemos esquecer que nas duas comunidades a língua oficial é o português o que pode, de certa maneira, dificultar a preservação de dialetos. O caminho mais aberto para a preservação de dialeto podemos ver em Nova Trento onde tem mais interesse pela difusão do dialeto trentino também entre os

jovens. Em Nova Veneza as tentativas de preservar o dialeto não são tão fortes já que o interesse pela cultura italiana é misturado com o italiano padrão. Outra dificuldade de espalhar o dialeto pode ser vista em *vêneto riograndense* que é parecido com o *vêneto* de Nova Veneza e por isso as tentativas de se distinguir não são tão grandes.

Pelos dados coletados e principalmente pelas conversas com moradores dos dois municípios podemos supor que um futuro favorável para o dialeto é muito mais provável em Nova Trento onde as tentativas de manter o dialeto trentino sempre vivo são realmente numerosas, dos ensaios de teatro, fala dia a dia, festas e músicas em dialeto. Podemos dever muito disso à consciência nacional dos imigrantes trentinos enquanto em Nova Veneza muito mais que o orgulho nacional prevalece a influência da Itália e a praticidade de falar italiano padrão. O número de falantes de italiano está aumentando que leva passo a passo à uma mistura de dialeto e italiano e talvez mais tarde possa levar até ao desaparecimento do uso de dialeto *vêneto*.

Conclusão

A situação sociolinguística em Nova Trento e em Nova Veneza varia em vários aspectos. As diferenças foram originadas já na situação política no território europeu, que afetou a consciência nacional dos imigrantes italianos. A população do território da atual Itália enfrentava várias dificuldades como desemprego, doenças ou falta de solo. Os camponeses e agricultores não conseguiam pagar impostos muito altos do uso de solo e assim não tinham como garantir recursos suficientes para a sobrevivência de famílias. A agricultura entrou em declínio e foi muito difícil conseguir um trabalho fixo. A região trentino-tirolesa ficou em uma miséria ainda mais profunda por ser o território de uma longa disputa entre o Império Austro-Húngaro e a Itália o que complicava muito a vida dos habitantes. Por essas razões a população trentina ficou mais unida o que foi um dos fatores decisivos para manter o dialeto também fora do país natal.

As diferenças entre os imigrantes italianos vindos de várias regiões aumentaram gradualmente após a chegada para o Brasil devido aos fatores históricos e econômicos como a sua instalação em partes diferentes do Brasil onde tiveram que enfrentar a realidade diferente da que tinha sido prometida, mas principalmente por causa da política linguística, pela influência do português e, posteriormente, pela influência da língua e da cultura italiana. A política linguística de Vargas, mesmo sendo aplicada no território inteiro, não foi controlada da mesma forma nos dois municípios. Durante a nossa pesquisa de campo em Nova Trento não sentimos nenhuma aversão ao regime de Vargas da parte dos moradores enquanto em Nova Veneza encontramos muitos falantes de dialeto idosos que contaram a experiência com a proibição de falar dialetos italianos, principalmente nos bairros do centro urbano do município. A influência do português foi óbvia nos dois municípios, mas mais forte foi em Nova Veneza causada pela política de Vargas, por isso ainda hoje muitos respondentes idosos falantes de dialeto preferem falar português porque se lembram do período quando a língua portuguesa foi a única língua de comunicação aceita e foi mais prático aprender a falar esta língua.

A maioria dos respondentes em Nova Trento pertenciam à terceira e quarta geração, encontrei muito poucos respondentes da segunda geração enquanto os entrevistados de Nova Veneza geralmente pertenciam à segunda e terceira geração dos imigrantes nascidos no Brasil. Cheguei ao contato com a primeira geração também, o que significa que os pais deles vieram para o Brasil quando eram ainda crianças. Da quarta geração houve apenas alguns

entrevistados entre 15 e 20 anos. Comparando os períodos de chegada dos imigrantes a Nova Veneza e Nova Trento, podemos ver uma lacuna de geração que foi causada pela chegada tardia dos primeiros imigrantes italianos a Nova Veneza, a diferença é cerca de vinte anos, ou seja, aproximadamente uma geração.

A hipótese de que no município de Nova Trento se usa e preserva o dialeto muito mais do que no município de Nova Veneza foi confirmada. As atitudes e preferências linguísticas diferentes entre os moradores são bem visíveis à primeira vista. Como foi demonstrado nos capítulos anteriores, além dos fatores históricos e econômicos, existem vários fatores sociais decisivos que tiveram impacto sobre a preservação dos dialetos italianos no Brasil. No caso dos dois municípios percebemos que os fatores mais importantes e válidos que influenciaram o uso dos dialetos italianos são, sem dúvida, a idade, o bairro, ou seja, a estratificação geográfica da população e, parcialmente, a escolaridade, ou seja o nível de educação atingido.

O maior impacto sobre o uso dos dialetos nas duas comunidades é, sem dúvida, a localização do bairro e a idade dos respondentes. Nos dois municípios foi bastante visível que a maior porcentagem de falantes mora nos bairros localizados no interior, afastados do centro. É principalmente lá onde os dialetos se mantiveram porque a proibição de falar dialetos foi monitorada principalmente no centro e nos bairros ao redor, mas não nos bairros do interior. É importante destacar também que no passado as pessoas que moravam no interior, não tinham acesso à escolaridade porque a escola mais próxima ficava distante vários quilômetros. Por isso entraram em contato com o português mais tarde, de tal maneira que o dialeto continuou a ser usado como a primeira língua de comunicação dentro da família ou com vizinhos e amigos. Mas não é somente no interior onde os dialetos se usam. Em Nova Trento é muito comum ouvir as pessoas falando dialeto no centro da cidade, no supermercado, na igreja, no hospital ou na prefeitura. O dialeto tem o status de uma língua de comunicação usada no dia a dia por seus falantes, e não somente por falantes idosos, muitas pessoas jovens usam dialeto no trabalho. Em Nova Veneza a situação é diferente, no centro são somente as pessoas idosas que falam dialeto, esse pode ser ouvido na praça quando homens jogam cartas. Algumas pessoas jovens, mas não apresentando um número significativo, conseguem entender o dialeto, mas não o usam no dia a dia.

O maior número dos falantes de dialeto é representado por pessoas mais idosas, ou seja, com idade superior aos 56 anos de idade e, como já foi dito, principalmente nos bairros do interior. Mas hoje em dia, com o desenvolvimento do transporte e serviços públicos, o número de

falantes jovens morando no interior está diminuindo. Especialmente porque os jovens têm mais contato com outras pessoas e não ficam isolados ainda que morem no interior. E também perceberam que a maioria dos colegas e amigos deles só falam português, ou seja, preferem falar a língua usada pela maioria. Felizmente a situação é um pouco mais favorável para o dialeto em Nova Trento. As pessoas jovens não só do interior, mas também do centro falam dialeto, enquanto em Nova Veneza somente muito poucas pessoas jovens falam dialeto no interior, no centro o dialeto é exclusivamente o privilégio dos mais velhos.

O nível educacional atingido também pode ser considerado um fator relevante, particularmente em Nova Veneza, porque muitas vezes este fator determina o conhecimento de outras línguas estrangeiras, das quais principalmente o italiano é em muitos casos responsável pela perda do dialeto. Os respondentes que completaram o ensino superior, tiveram mais acesso ao estudo dos idiomas e muitas vezes deram preferência à língua italiana, este é o exemplo de vários respondentes de Nova Veneza. Mas também tem um grupo de respondentes que estudando italiano perceberam a importância da herança cultural e linguística dos seus antepassados e começaram a se interessar pelo dialeto, este é o caso de muitos jovens de Nova Trento. Muitos deles mesmo falando italiano preferem o dialeto. Em Nova Veneza encontrei muitas pessoas que viveram por alguns anos na Itália ou fizeram intercâmbio que é apoiado pelo governo. Depois da volta começaram a ensinar a língua italiana deixando o dialeto vênето para trás. Em Nova Trento também existe fenômeno de fazer viagens para o país dos antepassados, várias vezes se organizaram viagens para a Itália, mas este contato com o italiano não teve nenhum impacto sobre o dialeto trentino. Nas duas cidades entramos em contato com a troca de códigos entre o dialeto e português e entre o dialeto e italiano, a mistura de códigos esteve presente principalmente em Nova Veneza no caso de usuários bilíngues do vênето e italiano.

Podemos constatar que a localização dos bairros e a idade dos respondentes são fatores-chave para a preservação do dialeto tanto em Nova Trento quanto em Nova Veneza. O grau da escolaridade, de um lado, pode despertar o interesse pela língua italiana percebendo que essa é mais prática do que o dialeto, este fenômeno foi visível em Nova Veneza onde a maioria dos jovens prefere estudar italiano do que aprender a falar dialeto, ou, por outro lado, pode despertar o interesse pela própria cultura, história e língua e assim ajudar a preservar o dialeto como foi visto em Nova Trento.

Os fatores sociais como o gênero, classe social e profissão não pertencem aos fatores decisivos. Durante o trabalho de campo não percebemos a diferença nenhuma em número de falantes de dialeto entre homens e mulheres, foi principalmente a situação linguística na família que determinava o uso de dialeto. Quanto à profissão e à classe social, também não percebemos a diferença do uso de dialeto o que pode ser explicado pelo fato de que não tem grandes diferenças sociais entre as pessoas. Temos que perceber que os imigrantes italianos, mesmo vindo de várias regiões do território italiano de hoje, foram principalmente agricultores e enfrentaram dificuldades parecidas depois da chegada para o Brasil o que resultou na sua inclusão na mesma classe social. Com o tempo o status social foi mudando, alguns dos imigrantes e seus descendentes continuaram exercendo a profissão de agricultores, alguns começaram a exercer profissões como professores, artesãos ou trabalhadores administrativos. O aumento social foi proporcional em todos os municípios da origem italiana, por isso a classe social ficou sem grande distinção com base no sentimento de pertencer historicamente a um grupo de imigrantes italianos, ou seja, à mesma classe histórica que prevaleceu sobre a social.

Dos fatores históricos, que já foram mencionados, os mais decisivos são o período nacionalista que proibia usar as línguas de imigrantes e o orgulho nacional dos imigrantes italianos. A política linguística durante a ditadura de Getúlio Vargas desfavorecia as línguas dos imigrantes. O medo da perseguição resultou em um declínio acentuado dos usuários de dialetos italianos, especialmente nos centros econômicos dos municípios porque foi nos centros que a proibição do uso de essas línguas foi monitorada por agentes de governo. É por isso que as línguas dos imigrantes foram preservadas principalmente nas partes mais remotas dos municípios. A chegada da população de língua portuguesa também teve impacto na situação da língua. Eles se estabeleceram principalmente nos centros das cidades, o que levou a um declínio ainda maior no uso das línguas originais dos imigrantes em favor do português. Como o resultado desses dois fatores é, que o *trentino* geralmente pode ser ouvido no centro de Nova Trento, mas no centro de Nova Veneza encontramos o *vêneto* apenas em comunicação com as pessoas da geração mais velha.

A consciência e orgulho nacional são muito fortes por parte dos descendentes italianos em Nova Trento. Isso ocorre devido às condições de vida difíceis que os habitantes do Tirol tiveram que enfrentar. Por muitos anos, o Tirol tem sido um território de disputas entre a Itália e a Áustria, e os habitantes também sofreram uma crise econômica depois da separação das

regiões de Lombardia e Veneza do Império Austríaco porque os tirolezes perderam dois parceiros importantes de negócios. A conexão dessas duas áreas ao território da Itália de hoje criou uma onda de resistência da parte da população do Tirol. Portanto, apesar do fato de que a população do Tirol usava o italiano, eles nunca se consideraram italianos, mas os austríacos que falavam italiano. No questionário, dois entrevistados da geração mais idosa ainda viva de imigrantes italianos nos disseram que não se sentiam brasileiros ou italianos, mas sim *talianos*.

Apesar do orgulho nacional dos habitantes do Tirol, os habitantes das duas cidades têm uma relação muito positiva com a Itália. Eles querem conhecer as terras de seus ancestrais, organizar várias viagens para a Itália, muitos moradores têm a dupla cidadania, principalmente os de Nova Veneza. Nos dois municípios podemos encontrar muitos restaurantes italianos, bem como vinícolas ou lojas com queijos, salames e outros produtos coloniais. O contato de Nova Veneza com a Itália é muito forte, reforçado pelo fato de Veneza ser a sua cidade parceira, portanto os habitantes de Nova Veneza não se interessam somente pela cultura da Itália, mas também pela língua.

Outro fator decisivo é a influência da Itália que se manifesta não somente nas festas e tradições, mas também na forma do ensino de italiano nas escolas. Principalmente em Nova Veneza, a língua italiana é um dos principais fatores que atualmente são cruciais para a preservação ou para o declínio dos dialetos italianos. Em Nova Veneza, o ensino do italiano é apoiado pelo governo italiano, mas as classes do italiano fornecem apenas o básico da linguagem, que é suficiente para suprimir o uso do dialeto vêneto, e também é responsável pela mistura de essas duas línguas. Em Nova Trento, o italiano atualmente não é ensinado, o que resulta em uma posição melhor do dialeto trentino na sociedade.

Os fatores sociais principais que determinam o uso de dialetos da maneira mais ou menos igual nas duas comunidades italianas são a idade, a localização do bairro dos moradores e, parcialmente, o nível de educação. Os fatores responsáveis por uma situação linguística diferente nas duas comunidades italianas são principalmente o orgulho e a consciência nacional dos tirolezes que colonizaram Nova Trento, o ensino do italiano e as relações próximas com a Itália da parte dos habitantes de Nova Veneza. Os fatores que prevalecem em Nova Trento e resultam na maior preservação do dialeto trentino são a consciência nacional dos imigrantes trentino-tirolezes e a ausência do ensino da língua italiana nas escolas.

Nova Trento representa uma comunidade mais o menos fechada em termos de influências externas enquanto Nova Veneza, por ser *cidade mais italiana do Brasil*, recebe muitas influências de fora. No caso dos dois municípios é admirável que apesar das influências de português e italiano e mesmo passando por dificuldades grandes, os imigrantes italianos conseguiram, durante cento e cinquenta anos desde a saída da pátria, preservar o patrimônio cultural e linguístico de seus antepassados.

Zhrnutie

Brazília už od svojho objavenia v 16. storočí predstavuje osobité multilingválne územie, ktoré bolo najskôr obývané domorodými obyvateľmi, neskôr portugalskými kolonizátormi, africkými otrokmi a od 19. storočia aj európskymi a ázijskými imigrantmi, ktorí mali osídliť a postupne kolonizovať južné oblasti Brazílie. Toto lingvistické a kultúrne bohatstvo je viditeľné aj v 21. storočí, kedy sa imigranti stále snažia budovať svoju identitu a posilňovať postavenie svojich komunít. Tieto komunity si z veľkej väčšiny zachovali svoj jazyk, kultúru a tradície, dokonca niektorí z obyvateľov, ktorí majú silné národné povedomie, sa nepovažujú za Brazílčanov. Toto presvedčenie je posilňované ťažkými životnými podmienkami, ktoré museli prví európski imigranti prekonať, či už počas plavby do Brazílie, kde na palubách lodí veľa imigrantov umieralo na tuberkulózu alebo hladom, či na brazílskom území, kde museli prekonať ďalšie nástrahy, od nedostatku potravy, cez klčovanie lesov kvôli zúrodneniu pôdy, kopanie ciest alebo stavanie prvých príbytkov. Zo strany imigrantov postupne narastala averzia voči brazílskym autoritám, ktorí opisovali krajinu ako veľmi úrodnú čakajúcu na svojich nových obyvateľov. Po prekonaní prvých prekážok po príchode do Nového sveta boli otvorené farské školy, ktoré poskytovali vzdelanie v jazykoch imigrantov, to bolo jedným z dôvodov prečo začlenenie sa do spoločnosti trvalo takmer pol storočia. Ďalším náročným obdobím pre imigrantov bola bezpochyby diktatúra Getúlia Vargasa, ktorá sa snažila o okamžité začlenenie sa do spoločnosti zo strany všetkých imigrantov na brazílskom území a o vytvorenie brazílskej národnej identity. Farské školy boli zatvorené a všetci imigranti mali prísny zákaz používať svoje jazyky pod hrozbou väzby alebo iných trestov, v školách bola jediným vyučovacím jazykom portugalčina. V tomto období, kedy boli imigranti prenasledovaní, nevôľa voči brazílskym autoritám ešte viac vzrástla, no napriek tomu jedinou možnosťou bolo naučiť sa a začať používať portugalčinu, čím sa urýchlilo zaradenie do spoločnosti, ktoré však postupne oslabovalo jazykové dedičstvo prvých európskych imigrantov. V našich dvoch talianskych komunitách môžeme vidieť rozdiel v zachovaní talianskych dialektov. Silné národné povedomie vychádzajúce z nerovnoprávného postavenia obyvateľov Tirolska bolo dôležitým faktorom pre zachovanie dialektu *trentino* v meste Nova Trento, na druhej strane, v meste Nova Veneza sú dva faktory zodpovedné za postupnú stratu dialektu *vêneto*, t.j. udržiavanie priateľských vzťahov s Talianskom a možnosť výučby talianskeho jazyka na školách. Na používaní dialektov v oboch mestách sa rovnako podieľajú

dva faktory, t.j. rozmiestnenie a vek obyvateľstva. Dialekty sú v oboch mestách viac používané staršími obyvateľmi a v mestských častiach vzdialených od centra mesta.

Summary

Since its discovery in the 16th century, Brazil has been a distinctive multilingual territory, first inhabited by indigenous people, later by Portuguese colonizers, African slaves, and, since the 19th century, by European and Asian immigrants who were to settle and gradually colonize the southern regions of Brazil. This linguistic and cultural wealth is also visible in the 21st century when immigrants are still striving to build their identity and empower their communities. These communities have largely retained their language, culture, and traditions, even some of the people who have a strong national awareness do not consider themselves Brazilians. This belief is reinforced by the difficult living conditions that the first European immigrants had to face, whether during their travel to Brazil, where many immigrants died from tuberculosis or starvation, or in Brazilian territory where they had to overcome other difficulties, from lack of food to grubbing up forests to reclaim land, dig roads or build first dwellings. On the side of immigrants, there was a growing aversion towards the Brazilian authorities who had described the country as very fertile waiting for its new inhabitants. After overcoming the first obstacles after arriving in the New World, parish schools were opened, providing education in the languages of immigrants, which was one of the reasons why social integration took nearly half a century. Another difficult period for immigrants was undoubtedly the dictatorship of Getúlio Vargas, which tried immediately to integrate the immigrants into society in Brazilian territory and to create a national Brazilian identity. Parish schools were closed, and all immigrants were strictly forbidden to use their languages under the threat of custody or other punishment. At this time when immigrants were persecuted, the aversion against the Brazilian authorities grew even more, but the only option was to learn and start using Portuguese, which accelerated social inclusion, but gradually weakened the linguistic heritage of the first European immigrants. In our two Italian communities, we can see the difference in maintaining Italian dialects. Strong national awareness based on the unequal status of the Tyrolean population was an important factor in maintaining the dialect *trentino* in Nova Trento, on the other hand, in Nova Veneza, there are two factors responsible for the gradual loss of the dialect *vêneto*, i.e., maintaining friendly relations with Italy and the possibility of learning Italian in schools. Two factors also contribute to the use of dialects in both cities, i.e., stratification of the population and age. Dialects are more used in both cities by elderly population and in areas distant from the municipality center.

Anotação

Nome e sobrenome do autor: Mgr. Jana Šarníková

Nome da faculdade e do departamento: Faculdade de Letras, Departamento de Estudos de Línguas Românicas

Título da tese de doutorado: Uso dos dialetos italianos nos municípios de Nova Trento e Nova Veneza, Santa Catarina, Brasil

Orientador da tese de doutorado: prof. Mgr. Lic. Lenka Zajícová, Ph.D.

Número de caracteres: 306 144

Número de anexos: 12

Número de títulos de literatura e recursos da Internet: 60

Palavras-chave: dialeto, variedade linguística, trentino, vêneto, italiano, imigrantes, português, Nova Veneza, Nova Trento

Resumo: Desde a sua descoberta no século XVI, o Brasil tem sido um território multilíngue distinto, primeiro habitado por povos indígenas, depois por colonizadores portugueses, escravos africanos e a partir do século XIX por imigrantes europeus e asiáticos, que se estabeleceram e colonizaram gradualmente o sul do Brasil. Essa riqueza linguística e cultural é visível também no século XXI quando os imigrantes ainda buscam construir sua identidade e fortalecer a posição de suas comunidades. A grande maioria das comunidades de imigrantes manteve sua língua, cultura e tradições, e mesmo algumas das pessoas com uma forte consciência nacional não se consideram brasileiras. Essa crença é reforçada pelas condições de vida muito difíceis que os primeiros imigrantes europeus tiveram que superar, seja durante uma viagem para o Brasil, onde muitos imigrantes morreram de tuberculose ou fome a bordo de navios, ou já no território brasileiro, onde tiveram que superar outras dificuldades, desde a falta de alimentos, desmatamento de florestas para recuperação de terras, escavação de estradas até a construção de primeiras casas. Os imigrantes gradualmente desenvolveram uma aversão às autoridades brasileiras, que tinham descrito o país como muito fértil esperando seus novos habitantes. Superando os primeiros obstáculos depois da vinda para o Novo Mundo, escolas paroquiais, que proporcionavam o ensino em línguas dos imigrantes, foram abertas, essas escolas se tornaram o motivo principal por qual a integração dos imigrantes na sociedade brasileira demorou quase meio século. Outro período desafiador para os imigrantes

foi, sem dúvida, a ditadura de Getúlio Vargas, que buscou a integração imediata de todos os imigrantes no território brasileiro e a formação de uma identidade nacional brasileira. As escolas paroquiais foram fechadas e todos os imigrantes foram estritamente proibidos de usar suas línguas sob ameaça de detenção ou de outras punições, sendo o português a única língua de instrução nas escolas. Durante esse período, quando os imigrantes foram perseguidos, a aversão em relação às autoridades brasileiras aumentava ainda mais, mas a única opção era aprender e começar a usar o português, o que acelerou a integração na sociedade, mas de outro lado enfraqueceu gradativamente a herança linguística dos primeiros imigrantes europeus. Em nossas duas comunidades italianas podemos ver a diferença na preservação dos dialetos italianos. Uma forte consciência nacional baseada na posição desigual do povo tirolês foi um fator importante na manutenção do dialeto *trentino* em Nova Trento. De outro lado, em Nova Veneza existem dois fatores responsáveis pela perda gradual do dialeto *vêneto*, ou seja, manter relações amistosas com a Itália e a possibilidade de ensinar italiano nas escolas. Dois fatores também estão envolvidos no uso de dialetos em ambas as cidades, são a distribuição e a idade da população. Os dialetos são mais usados por idosos nas duas cidades e em áreas urbanas distantes do centro da cidade.

Anotácia

Meno a priezvisko autora: Mgr. Jana Šarníková

Názov fakulty a katedry: Filozofická fakulta, Katedra romanistiky

Názov dizertačnej práce: Používanie talianskych dialektov v mestách Nova Trento a Nova Veneza, Santa Catarina, Brazília

Vedúci doktorandskej dizertačnej práce: prof. Mgr. Lic. Lenka Zajícová, Ph.D.

Počet znakov: 306 144

Počet príloh: 12

Počet titulov literatúry a internetových zdrojov: 60

Kľúčové slová: dialekt, lingvistická variácia, trentský dialekt, benátsky dialekt, taliančina, imigranti, portugalcina, Nova Veneza, Nova Trento

Abstrakt: Brazília už od svojho objavenia v 16. storočí predstavuje osobité multilingválne územie, ktoré bolo najskôr obývané domorodými obyvateľmi, neskôr portugalskými kolonizátormi, africkými otrokmi a od 19. storočia aj európskymi a ázijskými imigrantmi, ktorí mali osídliť a postupne kolonizovať južné oblasti Brazílie. Toto lingvistické a kultúrne bohatstvo je viditeľné aj v 21. storočí, kedy sa imigranti stále snažia budovať svoju identitu a posilňovať postavenie svojich komunít. Tieto komunity si z veľkej väčšiny zachovali svoj jazyk, kultúru a tradície, dokonca niektorí z obyvateľov, ktorí majú silné národné povedomie, sa nepovažujú za Brazílčanov. Toto presvedčenie je posilňované ťažkými životnými podmienkami, ktoré museli prví európski imigranti prekonať, či už počas plavby do Brazílie, kde na palubách lodí veľa imigrantov umieralo na tuberkulózu alebo hladom, či na brazílskom území, kde museli prekonať ďalšie nástrahy, od nedostatku potravy, cez klčovanie lesov kvôli zúrodneniu pôdy, kopanie ciest alebo stavanie prvých príbytkov. Zo strany imigrantov postupne narastala averzia voči brazílskym autoritám, ktorí opisovali krajinu ako veľmi úrodnú čakajúcu na svojich nových obyvateľov. Po prekonaní prvých prekážok po príchode do Nového sveta boli otvorené farské školy, ktoré poskytovali vzdelanie v jazykoch imigrantov, to bolo jedným z dôvodov prečo začlenenie sa do spoločnosti trvalo takmer pol storočia. Ďalším náročným obdobím pre imigrantov bola bezpochyby diktatúra Getúlia Vargasa, ktorá sa snažila o okamžité začlenenie sa do spoločnosti zo strany všetkých imigrantov na brazílskom území a o vytvorenie brazílskej národnej identity. Farské školy boli

zatvorené a všetci imigranti mali prísny zákaz používať svoje jazyky pod hrozbou väzby alebo iných trestov, v školách bola jediným vyučovacím jazykom portugalčina. V tomto období, kedy boli imigranti prenasledovaní, nevôľa voči brazílskym autoritám ešte viac vzrástla, no napriek tomu jedinou možnosťou bolo naučiť sa a začať používať portugalčinu, čím sa urýchlilo zaradenie do spoločnosti, ktoré však postupne oslabovalo jazykové dedičstvo prvých európskych imigrantov. V našich dvoch talianskych komunitách môžeme vidieť rozdiel v zachovaní talianskych dialektov. Silné národné povedomie vychádzajúce z nerovnoprávneho postavenia obyvateľov Tirolska bolo dôležitým faktorom pre zachovanie dialektu *trentino* v meste Nova Trento. Na druhej strane, v meste Nova Veneza sú dva faktory zodpovedné za postupnú stratu dialektu *véneto*, t.j. udržiavanie priateľských vzťahov s Talianskom a možnosť výučby talianskeho jazyka na školách. Na používaní dialektov v oboch mestách sa rovnako podieľajú dva faktory, t.j. rozmiestnenie a vek obyvateľstva. Dialekty sú v oboch mestách viac používané staršími obyvateľmi a v mestkých častiach vzdialených od centra mesta.

Bibliografia

ALVAR, Manuel: *Lengua y sociedad*. Barcelona: Planeta, 1976.

AYEOMONI, Moses Omoniyi: *Code-Switching and Code-Mixing: Style of Language Use in Childhood in Yoruba Speech Community*. In: *Nordic Journal of African Studies*. Uppsala: Nordic Association of African Studies, Volume 15(1): 90–99, 2006.

BAKER, Colin: *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. Clevedon: Multilingual Matters: 2001 (3.ed).

BALDESSAR, Quinto Davide: *Imigrantes: sua história, costumes e tradições no processo de colonização no sul do Estado de Santa Catarina*. Florianópolis: Formsul, 2005 (2.ed.).

BERTONHA, João Fábio: *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2014 (3.ed.).

BORTOLOTTI, Zulmar Hélio: *História de Nova Veneza*. Florianópolis: Insular, 2012 (2. ed.).

BOSO, Ivette Marli: *Noaltri chi parlen tuti en talian: dialetti trentini in Brasile*. Trento: Museo storico in Trento, 2002.

CAMPAGNANO BIGAZZI, Anna Rosa: *Italianos: história e memória de uma comunidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

CARBONI, Florence – MAESTRI, Mário (Org.): *Raízes italianas do Rio Grande do Sul 1875-1997*. Passo Fundo: UPF, 2000.

COELHO DOS SANTOS, Sílvio: *Nova história de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2004 (5.ed.).

ČERNÝ, Jiří: *Úvod do studia jazyka*. Olomouc: Rubico, 1998 (1.ed.).

DALL'ALBA, João Leonir: *Imigração italiana em Santa Catarina*. Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1983.

ECKERT, Penelope: *Age as a sociolinguistic variable*. In: F. Coulmas, *The handbook of Sociolinguistics*. Oxford: Blackwell, 1997.

- ECKERT, Penelope: *Linguistic Variation as Social Practice*. Oxford: Blackwell, 2000.
- EXTRA, Guus - YAGMUR, Kutlay: *Migration and Language Planning*. In: *Encyclopedia of Language and Linguistics*. Amsterdam: Elsevier, 2006 (2.ed. Keith Brown).
- FRANZINA, Emilio: *Merica! Merica!: Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America latina 1876-1902*. Verona: Cierre Edizioni, 1994.
- FURLAN, Oswaldo Antônio: *Brava e buona gente, cem anos pelo Brasil*. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1997.
- HAMMERSLEY, Martyn – ATKINSON, Paul: *Ethnography: Principles in Practice*. London: Routledge, 1995 (2. ed.).
- LABOV, William: *The Social Stratification of English in New York City*. Washington, DC: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, William: *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LABOV, William: *Field methods of the project on linguistic change and variation*. In: J. Baugh – J. Sherzer (eds.), *Language in Use: Readings in Sociolinguistics*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1984.
- LABOV, William: *Principles of Linguistic Change: Internal Factors*. Oxford: Blackwell, 1994 (Vol.1).
- LEOPOLDINO, Everton Altmayer: *A fala dos tirolezes de Piracicaba: um perfil linguístico dos bairros Santana e Santa Olímpia*. Dissertação de Mestrado – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2009.
- LÓPEZ MORALES, Humberto: *Sociolingüística*. Madrid: Editorial Gredos, S. A., 1989
- LUZZATTO, Darcy Loss: *Talian: vêneto brasileiro sem mestre*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997.

MARCO, Elizete Aparecida De: *A trajetória e presença do talian e do dialeto trentino em Santa Catarina: por uma educação intercultural*. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: UFSC, 2009.

MILROY, Lesley – GORDON, Matthew: *Sociolinguistics: Method and Interpretation*. Oxford: John Wiley and Sons Ltd, 2003 (2.ed.).

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco: *Metodología sociolingüística*. Madrid: Editorial Gredos, 1990.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco: *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Barcelona: Ariel, 2009 (4.ed.).

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco: *Sociolingüística cognitiva: Propositiones, escolios y debates*. Madrid: Iberoamericana, 2012.

MOSIMANN, João Carlos: *Catarinenses - Gênese e História*. Florianópolis: Edição do autor, 2010.

PALÚ FILHO, Antonio Sérgio – MOLETTA, Susete: *Italianos no Novo Mundo: história, imigração, genealogia, heráldica*. Curitiba: Edição dos autores, 2012 (2.ed.).

PIAZZA, Walter Fernando: *Nova-Trento*. Florianópolis: Edição comemorativa do 75 aniversário da Colonização Italiana, 1875-1950, 1950.

PIAZZA, Walter Fernando: *A Colonização de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1994 (3.ed.).

PIAZZA, Walter Fernando (Org.): *Italianos em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 2001 (Vol.II).

PIAZZA, Walter Fernando: *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis: Edição do Governo do Estado de Santa Catarina, 1976.

PIAZZA, Walter Fernando – MACHADO HÜBENER, Laura: *Santa Catarina: história da gente*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 2001 (5.ed.).

PONSO, Leticia Cao: *A variação do português em contato com o italiano na comunidade bilingüe de São Marcos – RS*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras, 2003.

REYNA MUNIAIN, Facundo - MANTEROLA, Ibon - NANDI, Anik: *Educación plurilingüe con lenguas minoritarias en contextos de diáspora y su impacto en las políticas lingüísticas en familias neo-hablantes: el caso del gallego en Argentina*. In: *Lengua y migración*. Madrid: Universidad de Alcalá, 2019.

História da imigração italiana na América do Sul.

<https://www.renatabueno.com.br/pt/portal-italia/comunidade-italiana/historia-da-imigracao-italiana-na-america-do-sul> [consultado em 07/09/2021]

Cidadania italiana para descendentes trentinos.

<https://www.pesquisaitaliana.com.br/cidadania-italiana-para-descendentes-trentinos-e-possivel-obter/> [consultado em 28/12/20018]

A emigração vêneta.

<https://emigracioneveneta.blogspot.com/2018/05/a-grande-emigracao-do-povo-veneto.html> [consultado em 06/01/2019]

Unificação Italiana.

<https://www.todamateria.com.br/imigracao-no-brasil/> [consultado em 09/09/2021]

Assessoria cidadania italiana.

<https://www.martaperes.com/quem-tem-direito/> [consultado em 06/01/2019]

Santa Catarina.

<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/geografia/santa-catarina.htm> [consultado em 08/01/2019]

População Nova Trento – SC.

http://populacao.net.br/populacao-nova-trento_sc.html [consultado em 19/11/2018]

População de Nova Trento – SC.

<http://www.brasilsabido.com.br/populacao/nova-trento-sc-1067.html> [consultado em 22/11/2018]

Município de Nova Trento.

<https://www.novatrento.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/37323> [consultado em 19/11/2018]

Lei Eusébio de Queirós.

<http://mapa.an.gov.br/index.php/menu-de-categorias-2/288-lei-euzebio-de-queiroz> [consultado em 20/04/2021]

Moradores da serra gaúcha tentam salvar o dialeto talian da extinção.

<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/11/moradores-da-serra-gaucha-tentam-salvar-o-dialeto-talian-da-extincao-4638051.html> [consultado em 02/11/2021]

População de Nova Veneza – SC.

<http://www.brasilsabido.com.br/populacao/nova-veneza-sc-1068.html> [consultado em 12/12/2018]

População Nova Veneza – SC.

http://populacao.net.br/populacao-nova-veneza_sc.html [consultado em 30/11/2018]

História de Nova Veneza SC.

https://www.achetudoeregiao.com.br/sc/nova_veneza/historia.htm [consultado em 12/12/2018]

Santos e ícones católicos.

<https://cruzterrasanta.com.br/historia-de-santa-madre-paulina/219/102/#c> [consultado em 08/01/2019]

Município de Nova Trento.

<https://www.novatrento.sc.gov.br/cms/pagina/ver/codMapaItem/61139> [consultado em 20/11/2018]

Aposentadoria por Idade.

<https://ingraccio.adv.br/aposentadoria-por-idade/> [consultado em 20/03/2022]

Quais as diferenças entre uma prefeitura regional, um distrito e um bairro?

<https://32xsp.org.br/2016/08/12/administrativas-e-ate-subjetivas-entenda-diferenca-entre-subprefeitura-distrito-e-bairro/> [consultado em 10/03/2021]

Mapas:

A região do Trentino-Alto Adige.

https://cs.wikipedia.org/wiki/Autonomn%C3%AD_provincie_Trento#/media/File:Trentino_in_Italy.svg [consultado em 04/01/2019]

A divisão do Tirol.

<https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Tirol-Suedtirol-Trentino-es.svg> [consultado em 04/01/2019]

A região do Vêneto.

https://en.wikipedia.org/wiki/List_of_communes_of_Veneto [consultado em 06/01/2019]

Anexos

1. Questionários para falantes e não falantes de dialetos

Selecionei alguns questionários preenchidos de forma compreensível e legível.

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na Universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a recolha de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua talian em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que falam dialeto.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: *Alvina Maria Cadorin Marelin*

Sexo: M F

Idade: *66*

Cidade/bairro: *nova Trento - centro*

Profissão: *Professora aposentada*

Grau de escolaridade: *Ensino Superior - Artes Cênicas pela (UFES) - Universidade Estadual de Santa Catarina.*

Como se chama o dialeto que você fala? *Dialeto Trentino*

Quem da sua família veio da Itália? *Donde da Itália? - Por parte de pai - João Cadorin e Regina Pegerario Cadorin (Baluno) - Por parte de Mãe - Buroso - Pietro Sebastião no Piemonte - Por parte de Mãe = Rosa Casumo - (Valbugana - Piemonte).*

Você se sente brasileiro/a? SIM NÃO NÃO SEI

Caso você tenha escolhido a resposta NÃO ou NÃO SEI explique porquê.

Qual é/era a profissão dos seus pais? *Pai - engenheiro Civil - Francisco Cadorin Mãe - Costureira - Adalina Demonte Cadorin*

Os seus pais falam/falavam dialeto? SIM NÃO

Quem da sua família fala dialeto hoje em dia? *Todos os meus irmãos (4)*

Quais línguas você fala? *Português e italiano*

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando? *Italiano e Português*

Qual língua você gosta de falar mais? *Italiano*

Como (qual língua/quais línguas) você fala em casa? *Português, mas com os vizinhos eu falo o italiano.*

Quando/em qual ocasião você fala dialeto?

Sempre com as pessoas nascidas aqui em Nova Trento.

Com quem você fala dialeto?

Com todos os que eu sei que falam o dialeto, principalmente no grupo de teatro.

Você conhece alguém de Nova Trento que não fale brasileiro? SIM NÃO

Caso conheça, qual é a idade da pessoa, onde mora?

Leia o texto seguinte

L'era un bel di de sol. Semo partidi, in treno, de Pàdova a le oto dela matina. Mesa ora dopo sèrino a Venéssia. Dela stassion semo ndati zo par la Lista de Spagna. Gavemo fato càmbio de moneda e dopo, a pié, semo ndati verso San Marco. Una s-cianta prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe zera el pi grande sortimento de fonghi che gavemo visto in vita. Le vie le ze cossita strette che, in serti punti, se pol passar solche uno ala volta. Dopo ver caminà depi de na ora par quele stradete – no se gaveva mia prèssia – semo rivadi a San Marco. Che spetàcolo! La piassa, laatedral, i palassi, i monumenti! Là se sentiva i pi diversi parlari parché, in piassa, ghe zera gente de tuto el mondo. Allora, sentadi darente l'orchestra che soneva bele cansion italiane, gavemo magnà una pasta ai fonghi e bevesto un vin rosso.

Você entendeu o texto? SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, é talian/trentino (nosso dialeto).
 b. Entendi a maioria, é o nosso dialeto mas um pouco modificado, mas dá para entender sem problemas.
 c. Entendi pouco (só algumas palavras)
 d. Não entendi nada.

Você fala italiano gramatical? SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Leia o texto seguinte

Domenica scorsa sono andata con i miei amici al lago. Mi sono svegliata la mattina presto, mi sono alzata subito e mi sono recata in fretta alla stazione per non arrivare tardi. Ci siamo incontrati tutti davanti alla biglietteria della stazione. Sono arrivata proprio in tempo. Quando siamo saliti sul treno, abbiamo trovato uno scompartimento libero e così abbiamo potuto divertirci già durante il viaggio che è trascorso così velocemente. Appena arrivati al lago, ci siamo messi a giocare a palla e poi abbiamo nuotato. Solo la mia amica Cecilia ha voluto riposare e si è sdraiata sulla sabbia per prendere il sole. Dopo pranzo ci siamo riposati tutti. Un amico, che abbiamo incontrato e che possiede una villetta presso il lago, ci ha invitati a casa sua dove abbiamo trascorso parecchio tempo. Siamo rimasti da lui quasi fino alle undici di sera. Non ci siamo mai divertiti tanto come quel giorno. Abbronzati e contenti della bella domenica siamo tornati a casa la sera tardi.

Você entendeu o texto? SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, eu falo italiano.
 b. Entendi a maioria, é diferente do nosso dialeto, mas dá para entender.
 c. Entendi pouco (só algumas palavras).
 d. Não entendi nada.

Qual língua você queria que se ensinasse nas escolas em Nova Trento? Dialeto Italiano gramatical Os dois

Porquê? *Para não perder nossa identidade.*

Os seus filhos falam dialeto? SIM NÃO

Os seus filhos entendem dialeto? SIM NÃO

Caso você tenha respondido NÃO

Você queria que os seus filhos falassem dialeto? SIM NÃO

Porquê?

OBRIGADA/GRÀSSIE

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na Universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a coleta de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua talian em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que falam dialeto.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: Cleide Vinotti

Sexo: F

Idade: 38 anos

Cidade/bairro: Nova Trento / Vigolo

Profissão: Professora / Teatro

Grau de escolaridade: 3º grau completo

Como se chama o dialeto que você fala? Trentino / Talian

Quem da sua família veio da Itália? Donde da Itália? Bisavós - Trento

Você se sente brasileiro/a?

SIM NÃO NÃO SEI

Caso você tenha escolhido a resposta NÃO ou NÃO SEI explique porquê.

Qual é/era a profissão dos seus pais? Comerciantes

Os seus pais falam/falavam dialeto?

SIM NÃO

Quem da sua família fala dialeto hoje em dia?

Eu e meus irmãos

Quais línguas você fala?

Português / dialeto italiano

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando?

Português / dialeto italiano

Qual língua você gosta de falar mais?

As duas

Como (qual língua/quais línguas) você fala em casa?

Português

Quando/em qual ocasião você fala dialeto?

No Teatro e com pessoas de mais idade, e meus irmãos.

Com quem você fala dialeto?

Com meus irmãos e pessoas mais idosas

Você conhece alguém de Nova Trento que não fale brasileiro?

SIM NÃO

Caso conheça, qual é a idade da pessoa, onde mora?

Leia o texto seguinte

L'era un bel di de sol. Semo partidi, in treno, de Pàdova a le oto dela matina. Mesa ora dopo sèrino a Venéssia. Dela stassion semo ndati zo par la Lista de Spagna. Gavemo fato càmbio de moneda e dopo, a pié, semo ndati verso San Marco. Una s-cianta prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe zera el pi grande sortimento de fonghi che gavemo visto in vita. Le vie le ze cossita strete che, in serti punti, se pol passar solche uno ala volta. Dopo ver caminà depi de na ora par quele stradete – no se gaveva mia prèssia – semo rivadi a San Marco. Che spetàcolo! La piassa, laatedral, i palassi, i monumenti! Là se sentiva i pi diversi parlari parché, in piassa, ghe zera gente de tuto el mondo. Alora, sentadi darente l'orchestra che soneva bele cansion italiane, gavemo magnà una pasta ai fonghi e bevesto un vin rosso.

Você entendeu o texto?

~~SIM~~ NÃO

- a. Entendi completamente tudo, é talian/trentino (nosso dialeto).
- b. Entendi a maioria, é o nosso dialeto mas um pouco modificado, mas dá para entender sem problemas.
- c. Entendi pouco (só algumas palavras)
- d. Não entendi nada.

Você fala italiano gramatical?

SIM ~~NÃO~~

Caso você tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Leia o texto seguinte

Domenica scorsa sono andata con i miei amici al lago. Mi sono svegliata la mattina presto, mi sono alzata subito e mi sono recata in fretta alla stazione per non arrivare tardi. Ci siamo incontrati tutti davanti alla biglietteria della stazione. Sono arrivata proprio in tempo. Quando siamo saliti sul treno, abbiamo trovato uno scompartimento libero e così abbiamo potuto divertirci già durante il viaggio che è trascorso così velocemente. Appena arrivati al lago, ci siamo messi a giocare a palla e poi abbiamo nuotato. Solo la mia amica Cecilia ha voluto riposare e si è sdraiata sulla sabbia per prendere il sole. Dopo pranzo ci siamo riposati tutti. Un amico, che abbiamo incontrato e che possiede una villetta presso il lago, ci ha invitati a casa sua dove abbiamo trascorso parecchio tempo. Siamo rimasti da lui quasi fino alle undici di sera. Non ci siamo mai divertiti tanto come quel giorno. Abbronzati e contenti della bella domenica siamo tornati a casa la sera tardi.

Você entendeu o texto?

~~SIM~~ NÃO

- a. Entendi completamente tudo, eu falo italiano.
- b. Entendi a maioria, é diferente do nosso dialeto, mas dá para entender.
- c. Entendi pouco (só algumas palavras).
- d. Não entendi nada.

Qual língua você queria que se ensinasse nas escolas em Nova Trento? Dialeto Italiano gramatical Os ~~dois~~

Porquê? *Italiano gramatical para conhecermos a língua e o dialeto para cultivarmos a cultura, a história do povo.*

Os seus filhos falam dialeto? SIM ~~NÃO~~

Os seus filhos entendem dialeto? SIM NÃO *algumas palavras*

Caso você tenha respondido NÃO

Você queria que os seus filhos falassem dialeto?

~~SIM~~ NÃO

Porquê?

Para cultivar as origens, a história...

OBRIGADA/GRASSIE

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na Universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a recolha de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua talian em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que falam dialeto.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: *Maria Luíza Buzigo*

Sexo: M F

Idade: *70 anos*

Cidade/bairro: *nova Trento - Bairro Cascata - SC.*

Profissão: *Professora*

Grau de escolaridade: *Ensino médio*

Como se chama o dialeto que você fala? *língua patuês - tiello*

Quem da sua família veio da Itália? *Donde da Itália?*

Você se sente brasileiro/a? SIM NÃO NÃO SEI
Caso você tenha escolhido a resposta NÃO ou NÃO SEI explique porquê.

Qual é/era a profissão dos seus pais? *marceneiro*

Os seus pais falam/falavam dialeto? SIM NÃO

Quem da sua família fala dialeto hoje em dia? *Eu e meus irmãos*

Quais línguas você fala? *Português*

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando? *Italiano*

Qual língua você gosta de falar mais? *Português*

Como (qual língua/quais línguas) você fala em casa? *Português*

Quando/em qual ocasião você fala dialeto? *nos encontros com os irmãos*

Com quem você fala dialeto? *Com os irmãos*

Você conhece alguém de Nova Trento que não fale brasileiro? SIM NÃO
Caso conheça, qual é a idade da pessoa, onde mora?

Leia o texto seguinte

L'era un bel di de sol. Semo partidi, in treno, de Pàdova a le oto dela mattina. Mesa ora dopo sèrino a Venéssia. Dela stassion semo ndati zo par la Lista de Spagna. Gavemo fato càmbio de moneda e dopo, a pié, semo ndati verso San Marco. Una s-cianta prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe zera el pi grande sortimento de fonghi che gavemo visto in vita. Le vie le ze cossita strette che, in serti punti, se pol passar solche uno ala volta. Dopo ver caminà depì de na ora par quele stradete – no se gaveva mia prèssia – semo rivadi a San Marco. Che spetàcolo! La piassa, laatedral, i palassi, i monumenti! Là se sentiva i pi diversi parlari parché, in piassa, ghe zera gente de tuto el mondo. Allora, sentadi darente l'orchestra che soneva bele cansion italiane, gavemo magnà una pasta ai fonghi e bevesto un vin rosso.

Você entendeu o texto?

SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, é talian/trentino (nosso dialeto).
- b. Entendi a maioria, é o nosso dialeto mas um pouco modificado, mas dá para entender sem problemas.
- c. Entendi pouco (só algumas palavras)
- d. Não entendi nada.

Você fala italiano gramatical?

SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Leia o texto seguinte

Domenica scorsa sono andata con i miei amici al lago. Mi sono svegliata la mattina presto, mi sono alzata subito e mi sono recata in fretta alla stazione per non arrivare tardi. Ci siamo incontrati tutti davanti alla biglietteria della stazione. Sono arrivata proprio in tempo. Quando siamo saliti sul treno, abbiamo trovato uno scompartimento libero e così abbiamo potuto divertirci già durante il viaggio che è trascorso così velocemente. Appena arrivati al lago, ci siamo messi a giocare a palla e poi abbiamo nuotato. Solo la mia amica Cecilia ha voluto riposare e si è sdraiata sulla sabbia per prendere il sole. Dopo pranzo ci siamo riposati tutti. Un amico, che abbiamo incontrato e che possiede una villetta presso il lago, ci ha invitati a casa sua dove abbiamo trascorso parecchio tempo. Siamo rimasti da lui quasi fino alle undici di sera. Non ci siamo mai divertiti tanto come quel giorno. Abbronzati e contenti della bella domenica siamo tornati a casa la sera tardi.

Você entendeu o texto?

SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, eu falo italiano.
- b. Entendi a maioria, é diferente do nosso dialeto, mas dá para entender.
- c. Entendi pouco (só algumas palavras).
- d. Não entendi nada.

Qual língua você queria que se ensinasse nas escolas em Nova Trento?
Porquê?

Dialeto Italiano gramatical Os dois

Os seus filhos falam dialeto? SIM NÃO

Os seus filhos entendem dialeto? SIM NÃO

Caso você tenha respondido NÃO

Você queria que os seus filhos falassem dialeto?

SIM NÃO

Porquê?

OBRIGADA/GRÀSSIE

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a recolha de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua talian em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que não falam dialeto.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: LORENA POLLI

Sexo: M F

Idade: 20 ANOS

Cidade/bairro: NOVA TRENTO, BAIRRO TRINTA RÉIS

Profissão: FUNCIONÁRIA PÚBLICA

Grau de escolaridade: CURSANDO UNIVERSIDADE

Quem da sua família veio da Itália? Donde da Itália? tataravô
MEUS ANTEPASSADOS DAS FAMÍLIAS: SARTORI, DEMONTI VIERAM DA REGIÃO DE TREVISO ALTO-ADIGE.

Qual é/era a profissão dos seus pais?

Os seus pais falam/falavam dialeto? SIM NÃO

Os seus avós falam/falavam dialeto? SIM NÃO

Alguém da sua família fala dialeto hoje em dia? SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, quem é a pessoa, que idade tem?

ZENILDA, 61 ANOS

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando? PORTUGUÊS E INGLÊS

Quais línguas você fala? PORTUGUÊS, INGLÊS

Porquê você não fala dialeto? DEPOIS DA MORTE DA MINHA AVÓ MATERNA, NÃO TIVE MAIS CONTATO COM O DIALETO

Você entende dialeto? SIM NÃO

- a. Apesar de não falar eu consigo entender quase tudo.
- b. Entendo mais ou menos.
- c. Entendo só um pouco.
- d. Não entendo nada.

Você queria saber falar dialeto? SIM NÃO

Porquê?

PORQUE FAZ PARTE DA CULTURA DOS MEUS ANTEPASSADOS

Você fala italiano gramatical? SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Qual língua você queria que se ensinasse nas escolas em Nova Trento? Dialeto Italiano gramatical Os dois

Porquê?

OBRIGADA/GRASSIE

O DIALETO INCENTIVA A CULTURA LOCAL E O ITALIANO GRAMATICAL POSSIBILITA A COMUNICAÇÃO COM MAIS PESSOAS.

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a recolha de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua italiana em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que falam dialeto.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: KELLI CRISTINA BONGIOLO

Sexo: M

Idade: 43 ANOS

Cidade/bairro: CENTRO

Profissão: Professora

Nível de educação: Especializações em Pré Escola

Como se chama o dialeto que você fala? Vêneto

Quem da sua família veio da Itália? Donde da Itália? Meu Bisavô materno de Adignago Vicenza

Você se sente brasileiro/a?

Caso você tenha escolhido a resposta NÃO explique porquê.

SIM NÃO

Porque não tenho afinidade com a cultura brasileira. Cresci dentro dos princípios Italianos.

Qual é/era a profissão dos seus pais?

Meu Pai Representante, minha mãe Doméstica

Os seus pais falam/falavam dialeto?

SIM NÃO

minha mãe fala mais.

Quem da sua família fala dialeto hoje em dia?

minha mãe e meus tios.

Quais línguas você fala?

Ingles - Português - Italiano Espanhol 80%.

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando?

Português

Qual língua você gosta de falar mais?

Ingles, Italiano, Português

Como (qual língua/quais línguas) você fala em casa?

Português, as vezes se mistura o Italiano.

Quando/ em qual ocasião você fala dialeto?

Falamos quando nós queremos que as pessoas

Com quem você fala dialeto?

entendem o assunto. Em brincadeiras também.
Mãe e minhas tias

Você conhece alguém de Nova Veneza que não fale brasileiro?

SIM NÃO

Caso conheça, qual é a idade da pessoa, onde mora?

As pessoas que conheci já morreram.
Sei de uma Senhora que mora no Jordas Alto.

Leia o texto seguinte

L'era un bel dì de sol. Sem partì, col trem, de Pàdova a le oto de matina. Mes ora dopo s'era a Venéssia. De la stassion sem nai zo par la Lista de Spagna. Gavem cambià soldi e dopo, a pe, sem nai per San Marco. En poc prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe n'era el pù gran sortimento de fonghi che gavem vist in vita. Le vie l'è cossita strete che, in serti punti, se pol passar sol che un a la volta. Dopo aver caminà depù de na ora par quele stradete – no se gaveva mia pressa – sem rivai a San Marco. Che spetàcolo! La piassa, laatedral, i palassi, i monumenti! Là se scoltea le pù diverse parlate perchè, in piassa, ghe n'era zent de tut el mondo. Alora, sentai zo darant a l'orchestra che sonea bele cansione taliane, gavem magnà na pasta ai fonghi e bevù un vin ros.

Você entendeu o texto?

SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, é talian/vêneto (nosso dialeto).
- b. Entendi a maioria, é o nosso dialeto mas um pouco modificado, mas dá para entender sem problemas.
- c. Entendi só algumas palavras.
- d. Entendi muito pouco.
- e. Não entendi nada.

Você fala italiano gramatical?

SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Em Londres com Amigos e em Verona na escola de Italiano

Leia o texto seguinte

Domenica scorsa sono andata con i miei amici al lago. Mi sono svegliata la mattina presto, mi sono alzata subito e mi sono recata in fretta alla stazione per non arrivare tardi. Ci siamo incontrati tutti davanti alla biglietteria della stazione. Sono arrivata proprio in tempo. Quando siamo saliti sul treno, abbiamo trovato uno scompartimento libero e così abbiamo potuto divertirci già durante il viaggio che è trascorso così velocemente. Appena arrivati al lago, ci siamo messi a giocare a palla e poi abbiamo nuotato. Solo la mia amica Cecilia ha voluto riposare e si è sdraiata sulla sabbia per prendere il sole. Dopo pranzo ci siamo riposati tutti. Un amico, che abbiamo incontrato e che possiede una villetta presso il lago, ci ha invitati a casa sua dove abbiamo trascorso parecchio tempo. Siamo rimasti da lui quasi fino alle undici di sera. Non ci siamo mai divertiti tanto come quel giorno. Abbronzati e contenti della bella domenica siamo tornati a casa la sera tardi.

Você entendeu o texto?

SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, eu falo italiano.
- b. Entendi a maioria, é diferente do nosso dialeto, mas dá para entender.
- c. Entendi só algumas palavras.
- d. Entendi muito pouco.
- e. Não entendi nada.

Qual língua você queria que se ensinasse nas escolas em Nova Veneza? Dialeto Italiano gramatical Os dois

Porquê? *Porque o italiano gramatical é mais reconhecido.*

Os seus filhos falam dialeto? SIM NÃO *Não tenho filhos*

Os seus filhos entendem dialeto? SIM NÃO

Você queria que os seus filhos falassem dialeto? SIM NÃO

Porquê?

OBRIGADA/GRÀSSIE

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a recolha de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua talian em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que falam dialeto.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: Angelo Rogério Sara

Sexo: M F

Idade: 51 anos

Cidade/bairro: Nova Veneza - Bairro S. Bento Alto

Profissão: Atendente Supermercado

Grau de escolaridade: 2º grau incompleto (9anos)

Como se chama o dialeto que você fala?

Vêneto

Quem da sua família veio da Itália? Donde da Itália?

Tri-avô

Você se sente brasileiro/a?

SIM NÃO

Caso você tenha escolhido a resposta NÃO explique porquê.

Qual é/era a profissão dos seus pais?

Agricultor

Os seus pais falam/falavam dialeto?

Sim falam

SIM NÃO

Quem da sua família fala dialeto hoje em dia?

Avô, pai, mãe, irmãos, tios, primos

Quais línguas você fala?

Português, e Dialeto Vêneto

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando?

Dialeto Vêneto, Portugues

Qual língua você gosta de falar mais?

Português

Como (qual língua/quais línguas) você fala em casa?

Dialeto Vêneto e Português

Quando/ em qual ocasião você fala dialeto?

Entre a família, parentes mais próximos nas festas e encontros.

Com quem você fala dialeto?

família, tios, conhecidos mais velhos

Você conhece alguém de Nova Veneza que não fale brasileiro?

SIM NÃO

Caso conheça, qual é a idade da pessoa, onde mora?

Leia o texto seguinte

L'era un bel dì de sol. Sem parti, col trem, de Pàdova a le oto de matina. Mes ora dopo s'era a Venéssia. De la stassion sem nai zo par la Lista de Spagna. Gavem cambià soldi e dopo, a pe, sem nai per San Marco. En poc prima de rivar al Ponte de Rialto, nte'n mercato de fruti e verdure, ghe n'era el pù gran sortimento de fonghi che gavem vist in vita. Le vie l'è cossita strete che, in serti punti, se pol passar sol che un a la volta. Dopo aver caminà depù de na ora par quele stradete – no se gaveva mia pressa – sem rivai a San Marco. Che spetàcolo! La piassa, laatedral, i palassi, i monumenti! Là se scoltea le pù diverse parlate perchè, in piassa, ghe n'era zent de tut el mondo. Alora, sentai zo darant a l'orchestra che sonea bele cansione taliane, gavem magnà na pasta ai fonghi e bevù un vin ros.

Você entendeu o texto?

SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, é talian/vêneto (nosso dialeto).
b. Entendi a maioria, é o nosso dialeto mas um pouco modificado, mas dá para entender sem problemas.
c. Entendi muito pouco (só algumas palavras)
d. Não entendi nada.

Você fala italiano gramatical?

SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Leia o texto seguinte

Domenica scorsa sono andata con i miei amici al lago. Mi sono svegliata la mattina presto, mi sono alzata subito e mi sono recata in fretta alla stazione per non arrivare tardi. Ci siamo incontrati tutti davanti alla biglietteria della stazione. Sono arrivata proprio in tempo. Quando siamo saliti sul treno, abbiamo trovato uno scompartimento libero e così abbiamo potuto divertirci già durante il viaggio che è trascorso così velocemente. Appena arrivati al lago, ci siamo messi a giocare a palla e poi abbiamo nuotato. Solo la mia amica Cecilia ha voluto riposare e si è sdraiata sulla sabbia per prendere il sole. Dopo pranzo ci siamo riposati tutti. Un amico, che abbiamo incontrato e che possiede una villetta presso il lago, ci ha invitati a casa sua dove abbiamo trascorso parecchio tempo. Siamo rimasti da lui quasi fino alle undici di sera. Non ci siamo mai divertiti tanto come quel giorno. Abbronzati e contenti della bella domenica siamo tornati a casa la sera tardi.

Você entendeu o texto?

SIM NÃO

- a. Entendi completamente tudo, eu falo italiano.
 b. Entendi a maioria, é diferente do nosso dialeto, mas dá para entender.
c. Entendi muito pouco (só algumas palavras).
d. Não entendi nada.

Qual língua você queria que se ensinasse nas escolas em Nova Veneza? Dialeto Italiano gramatical Os dois

Porquê?

gramatical, na necessidade de viajar deve se falar a atual.

Os seus filhos falam dialeto? SIM NÃO

Os seus filhos entendem dialeto? SIM NÃO

Caso você tenha respondido NÃO

Você queria que os seus filhos falassem dialeto? SIM NÃO

Porquê?

OBRIGADA/GRÀSSIE

Meu nome é Jana Fabová, sou estudante de doutorado em línguas românicas na universidade Palacký em Olomouc na República Tcheca. Este questionário serve para a recolha de dados necessários para a minha tese de doutorado sobre a Sociolinguística da língua talian em Santa Catarina. Cada documento vai ser analisado e os resultados serão usados como o material de base para a minha pesquisa sociolinguística. O preenchimento vai demorar cerca de 10 minutos, a parte de gravação uns 15 minutos. Agradeço muito o preenchimento deste questionário. Obrigada pela sua cooperação!

Este questionário é destinado a pessoas que não falam talian.

Peço o favor de preencher todas as perguntas, obrigada.

Nome: *Maria de Michels Zamoni*

Idade: *45 anos*

Profissão: *Agricultura*

Cidade/bairro: *São Bento Bairro Nova Veneza*

Quem da sua família veio da Itália? Donde da Itália?

Qual é/era a profissão dos seus pais?

Agricultores

Os seus pais falam/falavam talian?

SIM NÃO

Os seus avós falam/falavam talian?

SIM NÃO

Alguém da sua família fala talian hoje em dia?

SIM NÃO

Caso você tenha respondido SIM, quem é a pessoa, que idade tem?

Terezinha Bortolotto 75

Qual é a língua/as línguas que você cresceu falando?

Português

Quais línguas você fala?

Porquê você não fala talian?

Português, porq nunca fiz um curso para aprender

Você entende talian?

SIM NÃO

- Apesar de não falar eu consigo entender quase tudo.
- Entendo mais ou menos.
- Entendo só um pouco.
- Não entendo nada.

Você queria saber falar talian?

SIM NÃO

Porquê?

Acho bonito.

Você fala italiano gramatical?

SIM NÃO

Caso tenha respondido SIM, onde você aprendeu?

Qual língua você preferia que se ensinasse nas escolas em Nova Veneza? Talian Italiano gramatical Os dois

Porquê? *Acho que os pessoas deveriam aprender novas línguas e acho muito bonito os origens. Talian.*

OBRIGADA/GRASSIE

2. Peça de teatro em dialeto trentino apresentada em Nova Trento

ASSOCIAÇÃO DE TEATRO DIALETAL

"ANIMA TRENTINA"

"LA HERANÇA DELA PORÀ SUNTA"

("A herança da falecida Sunta)

Comédia em 3 atos em dialeto Trentino

Escrito por Loredana Cont em 1985

Primeira apresentação no ano de 1998

DOSOLINA MA LA VERITÀ LÉ QUE MI Ò DAVERT SUBIT LA ME BOTEGA DE BRAGUETE, SUTIONI PER LE DONE E TÌ LA TUA BOTEGA TE LAI DAVERTA EN MESS DOPO E SOL PER FARME RÀBIA.

BERTO MI VENDO ROBA QUE SERVE, TÌ TE VENDE CAPRIZZI.

DOSOLINA LASSEME FINIR MI AL DE LA DE QUELA STRASSA Ò MESSO SÙ UN NEGOZIO ENDOVE VENDO BRAGUETE, SUTIONI E PERFUMI, E TÌ DEL NALTRA BANDA COSSA QUE TE VENDI?

BERTO (todo orgulhoso, falando claramente as palavras) FORMAI, LUGANEGUE, ESCODEGUM...

DOSOLINA E ALORA NELLA ME BOTEGA VEN LA ZENT SIORA, DONE DE MEDIQUI E QUANDO LE SE COMPRA EM CORPET, NA SOTOVESTA, LE ME PORTA DEVOLTA DISENDO QUE LE SPUSSA DE LUGANEGUE E QUANDO QUE FAGO ESNAZAR EL PROFUMO SOTO EL NAZ SAÌ COSA LE ME DIS? QUE ENVENSE DE JASMIN EL GÀ ODOR DE ESCODEGUM.

BERTO TE GAI DE PARLAR TANT ANCORA? TE CREDI QUE MI STAGA BEM DAL NALTRABANDA DEL MUR DE BERLIN? I SALAMI E ME CIAPA ODOR DE VIOLETA E EL FORMAI DE JASMIN. MA TE FAGO SERAR SÙ MI LA TO BOTEGA DE CAPRIZZI PER LE DONE.

DOSOLINA STENTE A VEDER. (se cala)

BERTO AI FINI? O PER LA GRACIA DE DIO TE SA, ROT EL DISCO?

DOSOLINA SOM DRIO A PENSAR; LA STÓRIA DE QUELA STRASSA LA DEVE FINIR. LÉ MESSO QUE AVEM FAT DOMANDA AL TRIBUNAL QUE I NE CAMBIA EL TESTAMENT E I NE ASSA FAR EL MUR. E NA DIT QUE VENHIVA EN INSPETTORE O NALTRA PERSONA A VEDER... SPETENT QUE VENHA QUALQUEDUN PREST.

9

3. Livro Nanetto Pipeta é um dos livros mais famoso escritos em talian

Aquiles Bernardi

Vita e stòria de

Nanetto

Pipetta

nassuo in Itàlia e vegnudo in Mèrica
per catare la cucagna

Inclui
Dicionário
do Talian

EST
EDICIONES

Correio Riograndense



– Andove andaralo?!

– Co el ze stà f'una crosada de quatro strade, el ga metesto el gato tel bronidin, lo ga convertò e fogo solo par chiamare Berliche...

– Che coraio!

– El gato se ga messo a sgnagolare come on desperà. Da soto tera su par on buso càpita el diàvolo tuto liegro e:

– Cio, sioro, te me gano ciamato a io?

– Sì, signore.

– E par cossa?

– Eco mi me sento vilire te la tristessa che no sò gnanca despiegarne, no sò, e mi volaria vègnare sioro e liegro.

– Se te me imprometi de servirme, te fasso sioro e contento.

– Prometo!... Parola d'onore!

– Giùra.

– Cosa?

– Giùrami fedeltà.

– Per chi giurare?

– Per la me forca.

– Temo...

– Cosa me deto lora, impegno de fedeltà?

– L'ànema te dago.

– Più respeto con io! e dame del elo.

– No costume co ninsuni.

– Scrivite questo registro che te me sirai fedele, e el ghe presenta na carta tuta intenta.

– E el vincioistro?

– Scrivi col tuo sangue, col tuo sangue, col tuo sangue... e co la forca lo ga sponcià.

– Chikingamo el ga fato sangue e el ga bio el coraio de fare quel bàrbaro contrato... El ga segnà!

Scrivi te questo registro che te me sirai fedele, e el ghe presenta na carta tuta intenta de sangue e el ghe dise:
Scrivi col tuo sangue...
col tuo sangue...
col tuo sangue...



4. Revistas italianas que mostram a vida e tradições dos imigrantes italianos no Brasil

ATTUALITÀ TREVISANI NEL MONDO 8

Il Carnevale: di ieri, di oggi e di... Nova Venezia!

*** Re Carnevale fa sempre il maramaldo** e offre l'occasione di sbizzarrire la fantasia, di incontrarci e divertirci. Cosa era un tempo e cosa è rimasto oggi? Di un tempo, più che alla nostra esperienza diretta, abbiamo tratto da alcune testimonianze di una circostanza profondamente sentita e partecipata, piena di effetti, difficilmente rapportabili agli stati d'animo di oggi. Al carnevale, ricorrenza eminentemente profana, si dava un senso quasi religioso, tanto ne era sentito il fascino. Era anche la "libertà" che precedeva la penitenza quaresimale, momento delle barzellette audaci e delle risate dissacranti e dirompenti, esplose nella convinzione che esulassero dal cliché e dalle convenzioni di ogni giorno, che l'atteggiamento era solo occasionale e scanzonato, una trasgressione autorizzata.

Mettersi in maschera e girare di stalla in stalla era lo svago per eccellenza, un po' anche la sfida di mettersi un po' tutti alla pari, costituiva anche il chissoso divertimento che faceva dimenticare un po' le ristrettezze e le angustie, coinvolgendo tutti in un'unica allegria. Qualche "tosa" aveva con il carnevale l'"alibi" lungamente atteso per potersi divertire con "quattro salti" (dire "ballo" poteva essere, allora, sinonimo di peccato) talvolta all'insaputa dei genitori e sfidando le ire del parroco che stigmatizzava ciò come proibito e peccaminoso. In quella sera non erano poche le scappatelle, intese nel senso di elusione a qualsiasi sorveglianza pur di riuscire a far festa nella maniera desiderata. E allora il divertimento si mescolava al timore di essere scoperti, quando non capitava di essere improvvisamente faccia a faccia con chi meno si avrebbe voluto.

Il mattino dopo, tutti in chiesa di buonora per ricevere le ceneri sul capo dal parroco, che magari intendeva conferire al suo gesto anche una sorta di aspro ammonimento. E tutto tornava nella normalità: ma



neanche la cenere riusciva a soffocare i bagliori della sera prima.

*** Ai nostri giorni**, con i mutati ritmi e attività sociale, le sfilate spettacolari e ispirate a rappresentazioni umoristiche e per lo più comico-satiriche, sono circoscritte a centri tradizionali più o meno rinomati, mentre l'atmosfera popolare è prettamente all'aspetto del far divertire i bambini e ragazzi, coinvolgendo genitori, nonni e insegnanti.



Tutto finisce in gloria fra maschere, costumi, coriandoli, crostoli e frittelle che incentivano i consumi e mettono in moto anche il commercio.

Ma, grande vetrina di storia, tradizione e arte, è sicuramente il Carnevale di Venezia conosciuto in tutto il mondo.

Fa scuola anche quello di Viareggio e simili, mentre di musica e samba sfrenati sono appannaggio di quello carioca targato Rio de Janeiro. Senza dimenticare alcune iniziative spontanee, e niente male, che stanno ricomparendo anche nei nostri paesi portando qualche ventata di provvidenziale spensieratezza.

*** A fare da cerniera**, tra l'ieri e l'oggi, sono ancora i "crostoli" e le "frittelle": l'abbondanza di un tempo costituiva sotto certi aspetti un'occasionale sfida all'antica miseria contadina, la sopravvivenza nell'oggi rappresenta sicuramente l'omaggio tangibile ad una tradizione che si è consolidata con il "timbro" più sicuro: quello del saper ancora "prendere per la gola".

Ma c'è anche un Carnevale del tutto originale e unico al mondo: quello di **Nova Venezia**, una cittadina che sorge nello stato di Santa Catarina nel cuore del Brasile, fondata 110 anni fa e composta da 600 famiglie per 4 mila abitanti. Una cittadina particolare che, per rivendicare l'illustre origine del nome, non ha trovato di meglio che richiamarsi alla magica Venezia. E lo ha fatto con tanto di apparato esterno, vedi una sontuosa gondola regalata dalla Regione Veneto e ondeggiante in uno specchio d'acqua appositamente creato e con tanto di gondoliere. Ma, come se non bastasse, qui si celebra come a Venezia e in pompa magna anche il Carnevale: a suon di musica e maschere di alto rango che nulla, dico nulla, hanno da invidiare



Riccardo Masini



O Grupo Ricordi D'Italia, nasceu em consequência do movimento que se intensificou em Tubarão a partir de 1985, para o resgate da cultura italiana em nossa região, sendo o braço cultural da Associação de descendentes Italianos de Tubarão.

A Fundação do grupo deu-se no dia 18 de outubro de 1989, então dentro da Associação Veneta da Região de Tubarão, destacando-se nesta iniciativa o historiador Amadio Vettoretti e o Padre Valdemar Carminati.

Com a paralisação da Associação Veneta e a criação da Associação Trevisani nel Mondo de Tubarão, o Grupo passou a integrar esta última.

Com características peculiares de serem constituídos apenas por homens com descendência italiana, atualmente o Ricordi D'Italia está composto por 21 membros. O Grupo tem prioridade com o canto folclórico, preservação da estreita amizade entre seus membros e uma permanente alegria, qualidades que segundo eles próprios, "são o

Conheça o Ricordi d'Italia



fermento do grupo".

O Grupo se apresenta nos mais variados eventos Culturais, Sociais e Sacros, inclusive em todas as edições do Cantart, realizado pela Unisul de Tubarão. Suas apresentações

são mais frequentes aqui no sul de Santa Catarina, mas já mostraram seu talento e sua alegria em outras regiões de nosso estado.

O Grupo tem um CD gravado, com canções folclóricas muito vivas na memória dos descendentes italianos, em especial, os cantos antigos, onde

através de sua poesia e melodia os imigrantes italianos diminuam a saudade de sua terra natal.

Hoje o grupo é presidido por Jozeli Baggio e regido pelos maestros Flaviano Cenci e Francisco Mezzari (Pépi), que foi o primeiro Maestro depois do talentoso Jorge Zomer.

BUENOS AIRES

Consiglio Direttivo

Si comunica che in data 27 novembre 2010 si è convocata l'Assemblea dei Trevisani nel Mondo, sezione Buenos Aires-Argentina, in seduta ordinaria, allo scopo di eleggere il Consiglio Direttivo e il collegio dei Revisori dei Conti, come stabilito dallo Statuto dell'Associazione, e presenti i soci si è passati alla votazione, dopo aver aperto le candidature.

Dopo lo scrutinio dei voti questo è il nuovo Consiglio Direttivo:
Presidente: **Cav. Fabio Luis Borroni**.

Vicepresidente: **Sr. Mario Bonfante**.

Segretario: **Adriana Campanaro**.

Vice segretario: **Bianca Durante**.

Tesoriere: **Luisa Da Ros**.

Vice tesoriere: **Fioretta Perin**.

Consiglieri: **Tiziano Compadal-Orto, Luciano Calderan, Luis Suffragrosso, Eduardo Durante, Silvia De Bin**.

Consiglieri Supplenti: **Juan Vasoler, Fernando Caretti, Luis Castagnera, Dora Achille**.

Revisori dei Conti: **Luciana Vasoler, Egidio Granzotto**.

RRPP.: **Fabiola Loduca, Pedro**

Borroni.

Presidenti Onorari: **Francisco Frare, Giulio Franzin**.

L'Associazione è apartitica e si propone di svolgere la più ampia opera di promozione umana a favore dei Trevisani.

Riscoprire la propria identità culturale Trevigiano-Veneta consistente nelle caratteristiche proprie della terra natia, per viverle e trasmetterle alle nuove generazioni.

Nella convinzione che un'autentica integrazione non perderà i tesori culturali di valori che vengono da una storia millenaria quale è quella Veneta, e possono essere utili nell'edificazione della Nazione accogliente.

**Adriana Campanaro (segr.)
Cav. Fabio Luis Borroni (pres.)**

Come obiettivo a breve scadenza: aggiornare la banca dati dei nostri associati e sviluppare un rapporto di comunicazione più fluida con tanti Trevisani che sono ignari dell'esistenza dell'Associazione, approfittando delle nuove tecnologie in comunicazione.

PEDEROBBA - VENEZUELA



Auguri agli sposi

Grande festa in casa di Giacomo Putton, emigrato in Venezuela a Cumana, sposato con Elina Guerra. A ottobre hanno festeggiato il matrimonio della figlia **Cristina con Carlos**.

Tanti auguri agli sposi e un caro saluto, tramite questa stupenda rivista dei Trevisani, a tutti i fratelli Putton e parenti sparsi in tutti i continenti del globo.

L'Atm di Pederobba si unisce a questo bel momento e vi fa i migliori auguri di tanta felicità.

A.B.



Riuniti dopo un secolo di oblio

Tre giorni di festa a San Felice Extra



Una famiglia divisa per oltre un secolo dall'oceano e da uno strano caso del destino, che si è ritrovata grazie al web. Si potrebbe definire un piccolo miracolo dell'epoca della globalizzazione la vicenda della famiglia Fiori di Montorio, di cui un troncone si staccò alla fine dell'800 per emigrare in America Latina, ritrovando poi le proprie radici pocomeno di un anno fa. Una storia raccolta in occasione del primoradunointernazionale della famiglia Fiori che si è tenuto a Montorio ai primi di giugno con l'aiuto dell'Associazione Veronesi nel Mondo.

La voce narrante di questa storia è quella di Piergiorgio Fiori, 76 anni, che vive a San Felice Extra, in Contrada Moranda: «Nel 1895 un fratello di mio nonno, Giuseppe Luigi Fiori, che faceva il bracciante agricolo partì per il Brasile, con la seconda moglie e sette dei suoi otto figli, tra i due e i 15 anni. Solo la primogenita Elisabetta, nata dalla prima moglie di Giuseppe Luigi, morta giovane lasciandogli due bambini, restò a Verona, perché stava già entrando in convento, dalle Camprotrini. Sarebbe diventata suor Ester».

La famiglia Fiori, inseguendo, come tutte le altre che partirono con loro all'epoca, di cercare fortuna in terra straniera, partì con la nave Rosario dal porto di Genova il 12 gennaio 1895. I documenti di questo viaggio li ha ritrovati, con un paziente lavoro di ricerca, Gianluca Franchi, il marito di Antonella Fiori, figlia di Piergiorgio. Il piccolo clan partito da Montorio sbarcò a Vitoria, nello

stato dell'Espírito Santo. Ma qui la famiglia cominciò, dopo qualche anno, a dividersi, con destini diversi.

«Qualcuno rimase ad Alegre», racconta Piergiorgio, «mentre altri si trasferirono a Goiania, nello Stato del Goiás, in centro al Brasile. Questo gruppetto si dedicò al commercio dei cereali, con discreto successo, mentre il gruppetto rimasto ad Alegre non riuscì ad emanciparsi dalla modestissima esistenza dei braccianti agricoli». Furono scelte che influenzarono anche la vita dei discendenti dei due gruppi di Fiori: quelli di Goiás riuscirono a studiare e a laurearsi, quelli rimasti ad Alegre vivono ancora oggi quasi poveramente.

Ai primi del '900, continua Piergiorgio Fiori, «si stabiliscono i primi contatti tra Giovanni, mio padre, che era presidente della banda musicale di Montorio, con Marcello Fiori, il fratello di suor Ester. I due fratelli si erano tenuti in contatto scrivendosi delle lettere. Suor Ester, lasciata Verona, era diventata superiora a Staro, vicino a Recoaro. Questa donna straordinaria fu protagonista di un atto di eroismo durante la guerra. Saputo che i tedeschi stavano per fucilare il parroco del paese, "colpevole" di aver dato asilo a dei partigiani, corse sul luogo designato per l'esecuzione e si mise in mezzo tra il plotone d'eccezione e il prete. Non so cosa sia accaduto, ma so che sia la suora che il prete vennero risparmiati dai tedeschi.

Grazie alle lettere tra Marcello e suor Ester, ricorda Piergiorgio, che è stato per anni insegnante di italiano alle medie, «sapevamo che c'era-no dei nostri parenti in Brasile. Mio padre me ne parlava spesso. Solo che l'ultima lettera era del 1958 e non sapevamo dove fossero finiti i discendenti dei Fiori. Mio genero Gianluca, che ha la passione per la ricerca storica, si è messo a fare delle indagini e un paio d'anni fa riuscì a rintracciare una signora brasiliana, che vive a Roma, la quale gli segnalò un sito, una specie di facebook brasiliano, dove è stato trovato il

contatto con Alexandre, il bisnipote di Marcello Fiori. Sullo stesso sito rintracciammo i Fiori di Goiás e riuscimmo a contattarli». A Montorio sono così arrivati cinque persone della famiglia Fiori provenienti da Goiania e due dalla Svizzera, sempre partite dal ceppo brasiliano dei Fiori. «Un incontro emozionante e commovente, che ha coronato il sogno della mia vita di conoscere il luogo dove erano nati i miei avi», ha detto Anivaldo Fiori, nipote di Marcello Fiori, che vive a Rio De Janeiro. Emozionatissime per la trasferta veronese anche Natalina Fiori, cugina di Anivaldo, e Odileia e Olivetti, due donne, entrambe laureate, nipoti di quel Beniamino Fiori che si era trasferito a Goiania mutando le sorti della propria famiglia.



5. Revistas em talian publicadas no Rio Grande do Sul



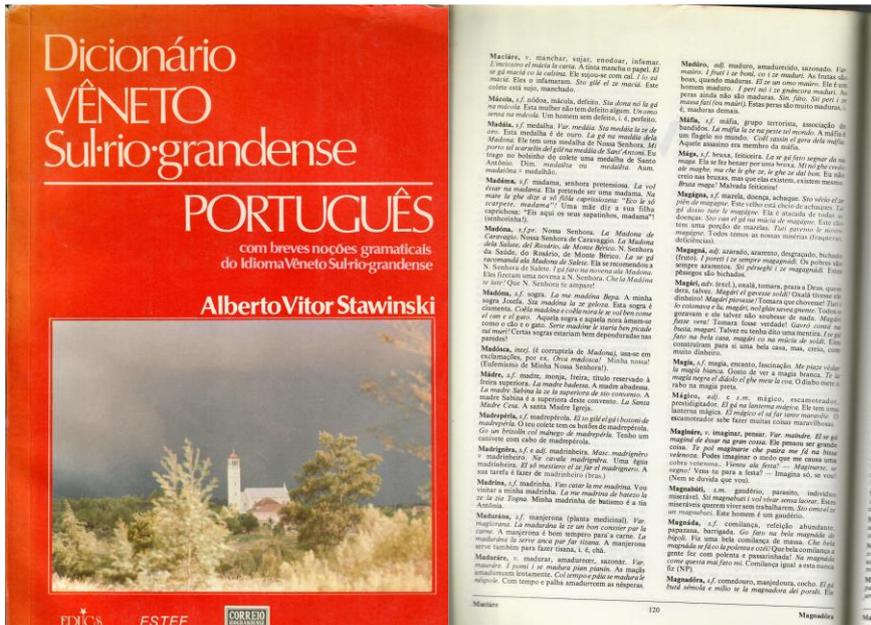
Menin
Caibi - SC

Son ndà, insieme Nilton Gasparin, catar el pupà e la mama del sindaco de Caibi - SC, el casal Menin. Ghe go domandà come chei stava e la nona, suito ga rispondesto:

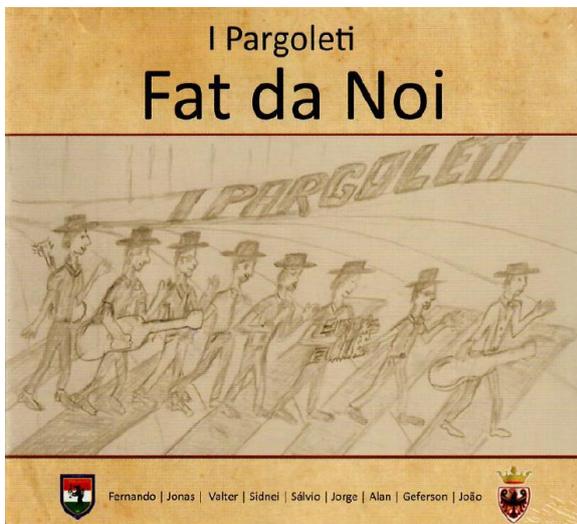
-Là cossita! Romai son veciòta, e le gambe romai ze mede fiacote.
E vu nono, come stio?
-Ma varda, anca mi, me toca cuidarme. Son pena levà su, zera drio descansar.
Par schersando e rider un pochetin, ghe domando se lera vera chea nona comanda qual che volta anca ela.
-Nò, nò! Sempre mi -risponde el nono.
E vostro fiol chel ze el sindaco dea sità, laorelo polito? El nono, orgoglioso, risponde suito:
-Ghe gavemo sempre insegnà chel fesse polito. Noantri no savemo cossa el fà involta ma credo chel laora serto, pal giusto, parché tuti ghe vol ben.
Ga oresto doperar la stropa quando el zera piccinin?

-Go doperà poche volte la bacheta con me 8 fioi. E Dilair ze sempre stà insieme noantri, ze el último dea casa. Ze lu el responsabil par cuidar noantri due. E fin adesso no gavemo cossa riclaimar de lu. Semo stai 59 ani ntea colònia e desso semo quà ntea sità de Caibi. Semo pena vegnesti de star quà.
De ndove si vu, la vostra fameia?
-La me gente ze del Rio Grande, la do al Parai, darente Nova Prata, e par quella banda, San Domingo e Vanini. Ze 63 ani che semo maridai al Parai - RS. Romai son maridà quatro volte e no go mai truccà la fèmena.
E schersando, el nono Menin dise:
- E setoo de na cosa, quando gavea 40 ani go menà me dona al dotor e ghe go dimandà se dava par trucar par due de vinti. E lu ga dito che mi, zera bon cuidar gnanca de una - e mola via na ridada de gusto.
Nono, i fioi zeli nassesti tuti al Parai?
-Nò, 5 ze nassesti la zo e tré quà a Caibi.
E come gaveo cognossesto la nona?
-Semo ndai te na festa, mi e me fradel che inamorava la sorela de me dona. Mi gavea 22 ani. E dopo semo maridai ntel medésimo giorno. Me fradel ze 10 ani romai che ze védovo. Noantri ghemo sorte. Ze mia par qualchedun, nò.

6. Dicionário italian-português



7. Grupo de música em trentino de Nova Trento



8. Grupos de música em italiano de Nova Veneza



9. Música de folclore italiano de Nova Veneza



10. Fotos de Nova Trento



11. Fotos de Nova Veneza



A tradução de português para o italiano e vêneto no banco de Nova Veneza



12. Memórias de vida de imigrantes italianos em Nova Veneza

Casa de pedra – primeiras casas de imigrantes italianos



Instrumentos usados por imigrantes italianos





Quarto de dormir em casas italianas



Lista de mapas

A região do Trentino-Alto Ádige	22
A divisão do Tirol	22
A região do Vêneto	23

Lista de tabelas

Tabela 1: Proporção dos falantes de dialeto no município de Nova Trento	79
Tabela 2: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do centro urbano de Nova Trento divididos em faixas etárias	79
Tabela 3: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do interior de Nova Trento divididos em faixas etárias	79
Tabela 4: Porcentagem dos falantes de dialeto de todos os respondentes de cada faixa etária no centro urbano e no interior de Nova Trento	80
Tabela 5: Comparação do número de falantes de dialeto de todos os falantes bilíngues no centro urbano e no interior de Nova Trento	80
Tabela 6: Proporção dos falantes de dialeto no município de Nova Veneza	91
Tabela 7: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do centro urbano de Nova Veneza divididos em faixas etárias	91
Tabela 8: Proporção dos respondentes, falantes e não falantes de dialeto do interior de Nova Veneza divididos em faixas etárias	91
Tabela 9: Porcentagem dos falantes de dialeto de todos os respondentes de cada faixa etária no centro urbano e no interior de Nova Veneza	91
Tabela 10: Comparação do número dos falantes de dialeto de todos os falantes bilíngues no centro urbano e no interior de Nova Veneza	92
Tabela 11: Proporção dos falantes e não falantes de dialeto no centro urbano e no interior de Nova Trento e Nova Veneza	93

Tabela 12: Proporção dos falantes de dialeto nos municípios de Nova Trento e Nova Veneza	93
Tabela 13: Frequência do uso do dialeto por falantes bilíngues em Nova Trento	100
Tabela 14: Lugares onde o dialeto é usado em Nova Trento	100
Tabela 15: Frequência do uso do dialeto por falantes bilíngues em Nova Veneza	100
Tabela 16: Lugares onde o dialeto é usado em Nova Veneza	100
Tabela 17: Número de falantes de italiano em Nova Trento	105
Tabela 18: Número de falantes de italiano em Nova Veneza	106
Tabela 19: Preferências sobre a língua ensinada na escola em Nova Trento	108
Tabela 20: Preferências sobre a língua ensinada na escola em Nova Veneza	108

Lista de gráficos

Gráfico 1:

Proporção de falantes de dialeto, italiano e de português em Nova Veneza	109
--	-----

Gráfico 2:

Proporção de falantes de dialeto, italiano e de português em Nova Trento	110
--	-----

Lista de anexos

Anexo 1: Questionários para falantes e não falantes de dialetos	140
Anexo 2: Peça de teatro em dialeto trentino	152
Anexo 3: Livro Nanetto Pipeta	152
Anexo 4: Revistas italianas	153
Anexo 5: Revistas em talian	156
Anexo 6: Dicionário talian-português	157
Anexo 7: Grupo de música em trentino	157

Anexo 8: Grupos de música em italiano	158
Anexo 9: Música de folclore italiano	158
Anexo 10: Fotos de Nova Trento	159
Anexo 11: Fotos de Nova Veneza	160
Anexo 12: Memórias de vida de imigrantes	161